



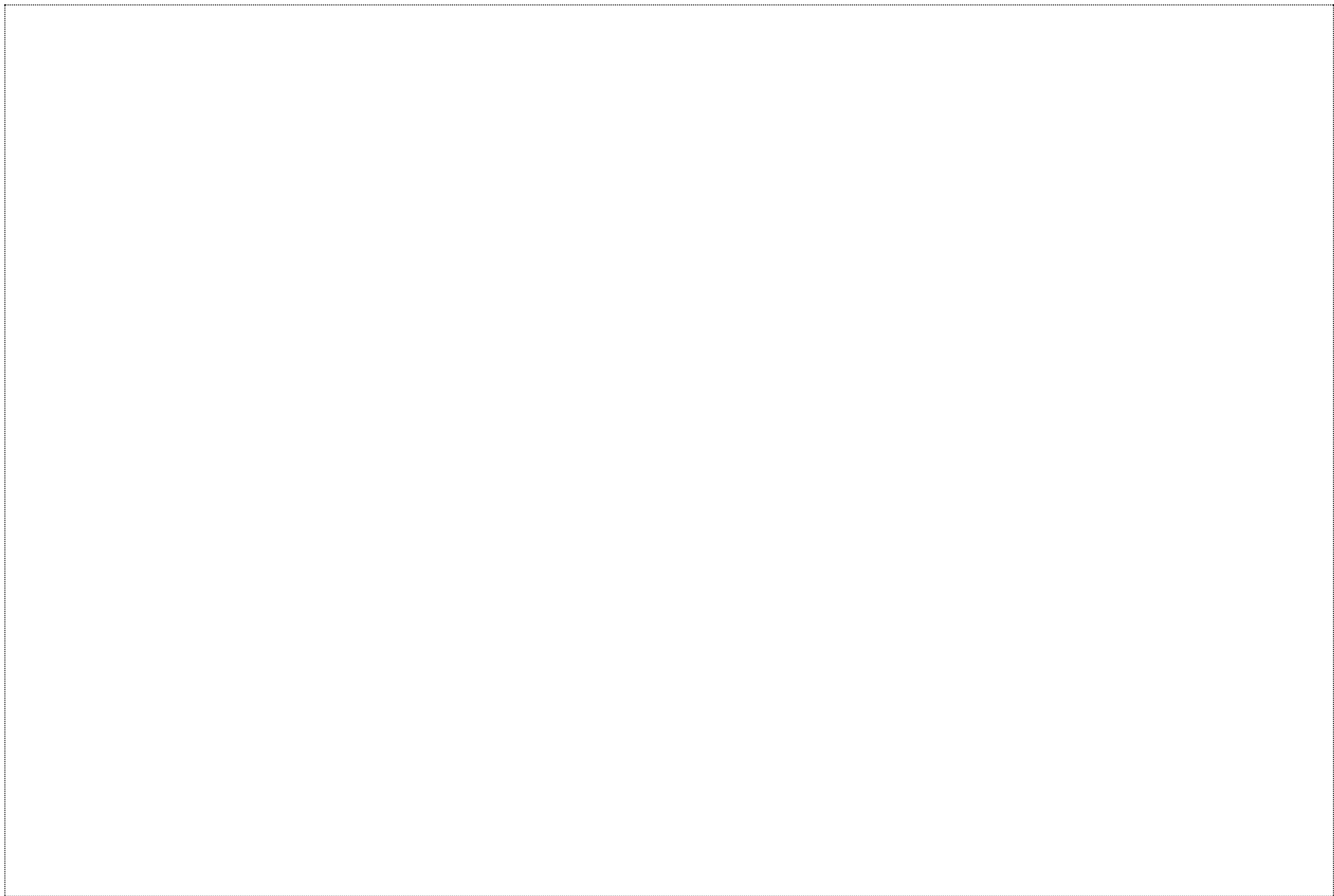
GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: ESPACIALIZAÇÕES DA VIDA

GRUPEGI - Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância. CNPq/UFF-UFJF – 10 anos


Pedro & João
editores

Edições

GRUPEGI
GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS EM GEOGRAFIA DA INFÂNCIA



**Claudia da Costa Guimarães Santana, Bruno Muniz Figueiredo Costa
Lucas Rocha Gonçalves, Luiz Miguel Pereira
(Organizadores)**

Geografia da infância: especializações da vida

**Edição comemorativa dos 10 anos do
GRUPEGI - Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância. CNPq/UFF-UFJF**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Claudia da Costa Guimarães Santana, Bruno Muniz Figueiredo Costa; Lucas Rocha Gonçalves, Luiz Miguel Pereira [Orgs.]

Geografia da infância: especializações da vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 158p.

ISBN: 978-65-5869-220-1 [Digital]

1. Geografia da infância. 2. Grupo de pesquisa. 3. Estudos com infâncias e crianças. 4. Teoria histórico-cultural. 5. Estudos bakhtinianos I. Título.

CDD – 370

Capa e desenho: Marcos Chica Díaz

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

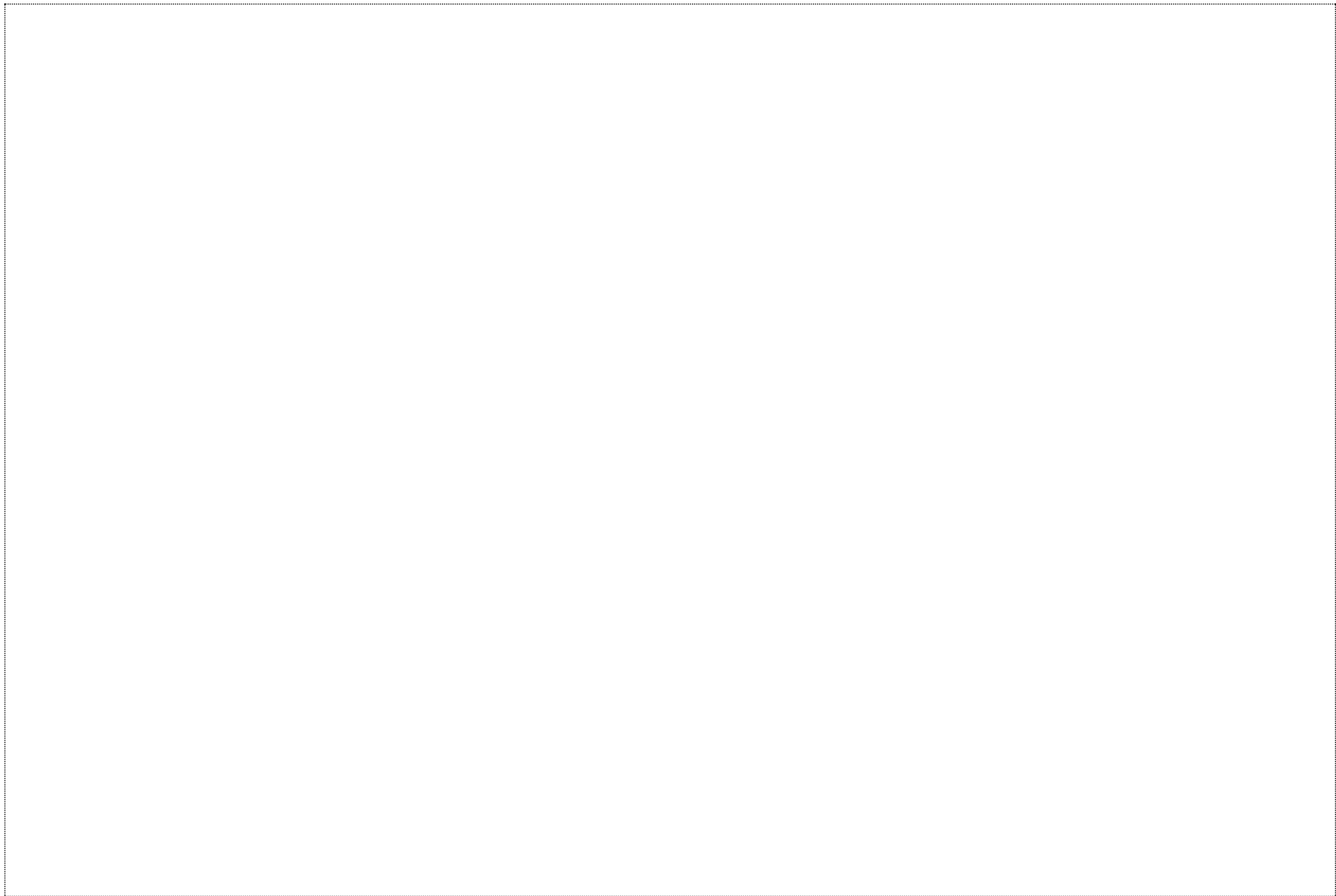
2021

Sumário

Apresentação: 10 anos de trabalhos realizados, de alegrias, debates, discussões e pesquisa com crianças e infâncias	09
Claudia da Costa Guimarães Santana, Bruno Muniz Figueiredo Costa, Lucas Rocha Gonçalves e Luiz Miguel Pereira	
Prefácio: Viver “à moda paisagem” em tempos sombrios	13
Jader Janer Moreira Lopes	
Reflexões sobre espaços e infâncias	17
Ambika Kapoor	
Da infância paulistana à escolha profissional e acadêmica: lembranças e memórias afetivas	21
Ana Paula Gomes Cuzziol	
Infâncias, memórias e vivências no quintal generoso	25
Anelise Monteiro do Nascimento	
Entre as luzes da cidade: A memória espacial na cidade de Juiz de Fora	29
Bernardo Marques Werneck	
Os caminhos da geografia da infância	33
Brenda Martoni Mansur Corrêa da Costa	
“Por que os cangurus têm as orelhas em cima da cabeça”?	37
Bruno Muniz Figueiredo Costa	
Colecionando acontecimentos: um mergulho nos territórios infantis	41
Carolina Silva Gomes de Sousa	
Viagem entre margens e centralidade	45
Clarissa Figueira	
A Pedologia Histórico-Cultural de Vigotski não é uma ciência do solo. Isso não é totalmente verdade!	49
Claudia da Costa Guimarães Santana	
Cartografias de quem produz cartografias: teoria histórico cultural e a metodologia dos mapas vivenciais	53
Daniel Luiz Poio Roberti	

O espaço das crianças nas festividades de rua	57
Danusa da Purificação Rodrigues	
Infância dos lugares e lugares da infância: memórias e afetos no encontro com um grupo de pesquisa	61
Deise Arenhart	
Os “nós” que nos forjam	65
Eliane Rodrigues de Castro	
Infância, memória, atualidade	67
Eliete do Carmo Garcia Verbena e Faria	
O imperativo atual de dar um passo em direção à tangente e compreender o uso das novas tecnologias de comunicação e informação como parte de nossa humanização	71
Henrique Lage Chaves	
Piquenos e Grupegi - cortejos de reencontros	75
José Raimundo Campelo Franco	
Ele não é agitado como as outras crianças...	79
Lucas Rocha Gonçalves	
Infância, IBC e Grupegi	83
Luciana Maria Santos de Arruda	
Lapsos espaciais, paisagens de infância	87
Luiz Miguel Pereira	
Educação e infantil e sustentabilidade: tudo a ver!!!	91
Marcelo Pereira Marujo	
Espacialização da vida na cidade de Juiz de Fora - ¡Y todo lo propiciaba él!	97
Marcos Chica Díaz	
Um espaço de acolhimento	103
Marcos Suel Zanette	
Caminhar e construir o caminho	105
Maria Lidia Bueno Fernandes	
Transformar o mundo, transformando as geografias das infâncias no mundo	107
Marisol Barenco de Mello	
Do “ser professora de crianças” a “pesquisadora com crianças”	111
Mônica de Carvalho Teixeira	

Vivências na e pela inclusão: um recorte dessa história	115
Nádia de Oliveira Ribas	
No meio do caminho havia uma pedrinha	119
Nilcéa Jenevain	
Apenas uma história	123
Oyagbemi Lewe	
Desconstruções possíveis da medicalização na infância	125
Raquel Grazzinoli	
Colaboração do grupegi na compreensão do eu criança	129
Regina Célia Frigéri	
A nossa casa é onde a gente está: amorosidade espacial em um período de confinamento longe de casa	133
Ricardo Lana Pinheiro	
Entre Três Corações e Piranguinho: percursos que se entrelaçam	137
Rosimeyre Maria dos Santos Passaro	
A casa que mora em mim	141
Sara Rodrigues Vieira de Paula	
Meu encontro com a pesquisa: Dialogando com a teoria histórico-cultural	145
Sebastião Gomes de Almeida Júnior	
Consciência geográfica e percurso doutoral	149
Silvia Helena Valentim	
E quem geografa a educação?	153
Victor Loback	
Sem título	157
Zoia Prestes	



Apresentação

Claudia da Costa Guimarães Santana,
Bruno Muniz Figueiredo da Costa,
Lucas Gonçalves,
Luiz Miguel Pereira

10 anos de trabalhos realizados, de alegrias, debates, discussões e pesquisa com crianças e infâncias

As palavras são as nossas
primeiras formas de existir
geograficamente no mundo
(LOPES, 2020)

Consideramos a palavra *apresentação* insuficiente para definir este preâmbulo, embora saibamos da necessidade (?) de apresentarmos os aspectos inerentes ao surgimento da ideia de realizar nosso projeto que só foi possível graças ao aspecto colaborativo de cada um que foi convidado a participar com suas narrativas. Nossa gratidão a todos.

Treze anos se passaram desde a criação do GRUPEGI¹- Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância - em 2008, coordenado pelo prof. Dr. Janer Janer Moreira Lopes na Universidade Federal Fluminense. Em 2013, o GRUPEGI ampliou seu território de ação, com a transferência do prof. Jader para a Universidade Federal de Juiz de Fora, passando a atuar em ambas universidades. A dimensão do trabalho deste grupo de pesquisa foi marcada por inúmeras iniciativas no campo acadêmico e nas

¹ <https://geografiadainfancia.blogspot.com/> - Blog do GRUPEGI - Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância.

parcerias com instituições públicas do Brasil e exterior, a fim de consolidar a práxis no campo dos estudos com crianças. Assim, além dos trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado e produções advindas de pesquisas de pós-doutorado, o GRUPEGI produziu inúmeros cursos de formação, oficinas, eventos, artigos, livros que buscavam ampliar as possibilidades de reflexões e debates com o compromisso de intervir na realidade social na qual adultos e crianças estão inseridos. Para o GRUPEGI o conhecimento é um ato coletivo que se efetiva na acolhida afetiva e no confronto de ideias e saberes e foi isso que nos motivou a construir essa edição comemorativa com aqueles que afetivamente fizeram parte dessa história.

O recorte teórico predominante no grupo vincula-se, sobretudo, à Geografia da Infância, à teoria histórico-cultural de Vigotski, aos estudos bakhtinianos e aos estudos com crianças e infâncias. O trabalho é incansável e a coordenação do prof. Jader sempre se revelou amorosa e colaborativa.

A motivação para esta edição comemorativa surgiu da provocação do nosso amigo Bruno Muniz, em um dos encontros tradicionais do GRUPEGI na casa do professor Jader, em 2018. Algumas adversidades nos impossibilitaram encaminhar o projeto no período desejado, o que nos trouxe até este momento. A força das narrativas presentes neste livro é uma prova cabal de que apesar da grande exasperação pandêmica, foi a ação colaborativa que permitiu inúmeras reuniões virtuais, orçamentos, debates, inacabamentos, necessários para a finalização deste projeto.

Considerando o grande número de pessoas queridas que mantiveram ou mantêm algum tipo de relação com o grupo, optamos por convidar estudantes, professores, pesquisadores e colaboradores que contribuíram diretamente com os trabalhos do grupo no debate do campo de estudos da Geografia da Infância para participarem deste momento. O convite foi acompanhado de uma proposta de escrita, para que cada participante apresentasse um pequeno texto que fizesse alguma referência pessoal a partir da sua especialização na infância numa perspectiva de afinidade com os debates realizados pelo grupo.

É com entusiasmo e esperança por dias em que possamos nos abraçar que entregamos esse livro realizado por um grupo de pessoas muito queridas. Salientamos, que quaisquer equívocos que tenham ocorrido com todo o processo de realização deste

trabalho são de responsabilidade desta comissão. Queremos deixar nosso agradecimento especial ao amigo Marcos Díaz pela realização da capa.

Finalmente, agradecemos ao professor Jader a oportunidade de realizarmos essa festa com aqueles que, mesmo à distância, enunciaram-se com suas geograficidades. Jader é uma daquelas raras pessoas que consegue relativizar as distâncias nos acolhendo em nossas espacialidades.

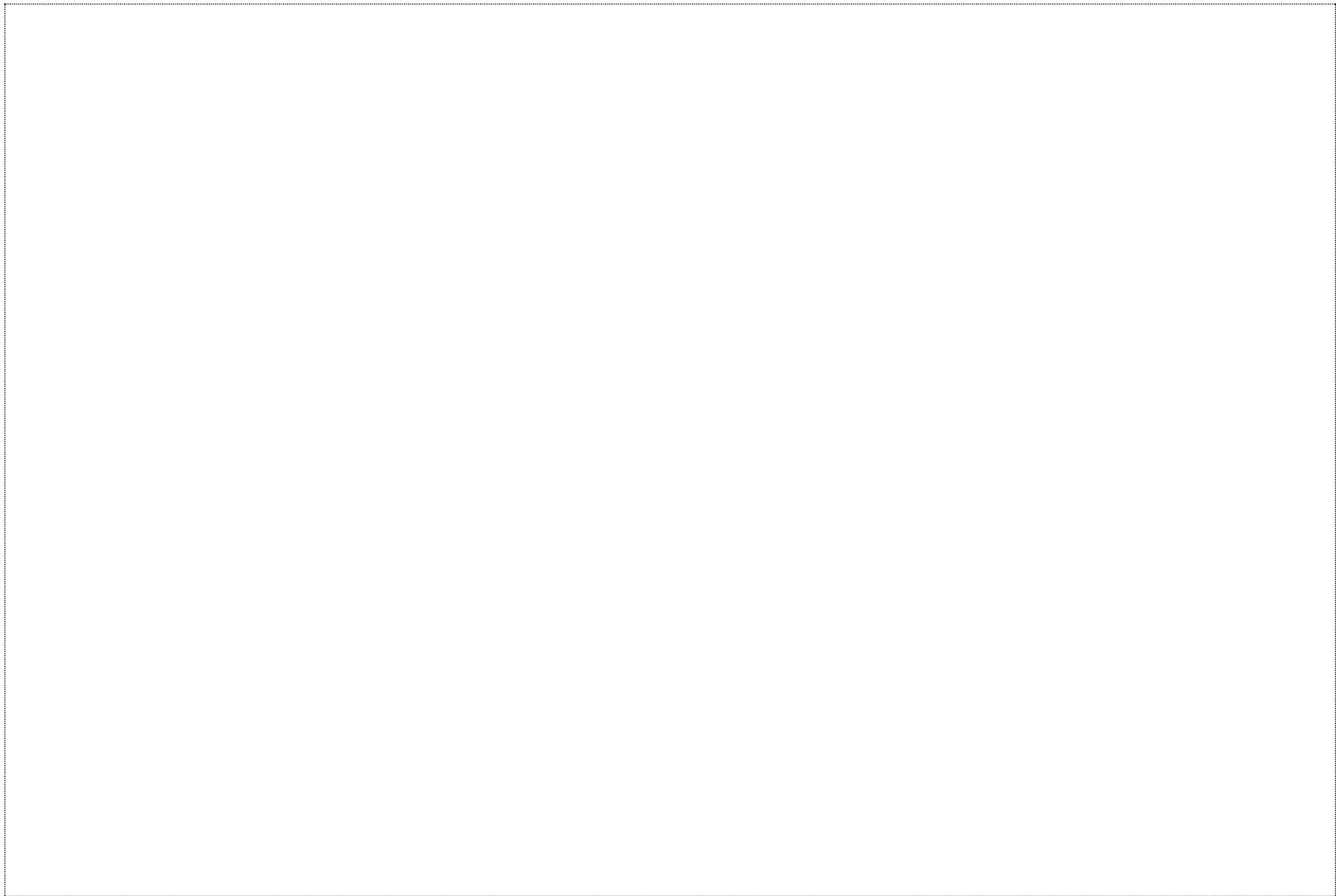
Parabéns a todos nós que somos ou estamos no grupo pela oportunidade de aprendermos a nos humanizarmos diante da presença do outro, num processo de alteridade e autoria de si mesmo.

Comissão Organizadora

Foto Montagem



Luiz Miguel/2021



Prefácio

Viver “à moda paisagem” em tempos sombrios

Jader Janer Moreira Lopes¹

Esse livro foi escrito e vai ser publicado em um recorte de tempo que tem sido nomeado de “atípico”. Situações que assolam o mundo em escala global e também os diversos estados, envolvendo as pessoas, entre elas os bebês e as crianças, tem sido responsáveis pelo uso desse termo. Há muitas coisas que poderiam ser desdobradas dessa palavra, mas não me dedicarei a ela, mas sim a uma outra expressão que se tornou comum: “vivemos em tempos sombrios”.

Ouçõ cotidianamente esse termo, leio nas muitas mensagens que me chegam e que recebo. Como ele tem um lastro com minha história de vida e remete a geografias de minha infância, gostaria de começar com ele.

Há muitas formas dos bebês e das crianças se envolverem com as paisagens. A minha teve uma certa de mistura de medo e fascinação, de algumas preocupações, mas também de encantamentos. Eu me sentia incluído nesses sentimentos, nesses afetos, era minha liberdade à “moda de paisagem”, para lembrar o encanto de Manuel de Barros. Todo ser humano, incluindo aí os bebês e as crianças vivem à mercê de suas “à moda de paisagem”. Acho que preciso contar um pouco mais sobre isso, para poder trazer para a sombra da árvore, o degustar da fruta com calma que essa luz disfarçada pelas folhas e galhos da copa criam.

Sempre gostei das sombras e de seus descansos para nossa vida. Por isso não entendia quando falavam mal delas. Um amigo de família, que sempre nos visitava, era artesão de madeiras, fazia móveis e objetos, sempre seu ofício era carregado de conversas, essas eram ininterruptamente de coisas estranhas que estavam acontecendo no mundo. Ele terminava muitas frases

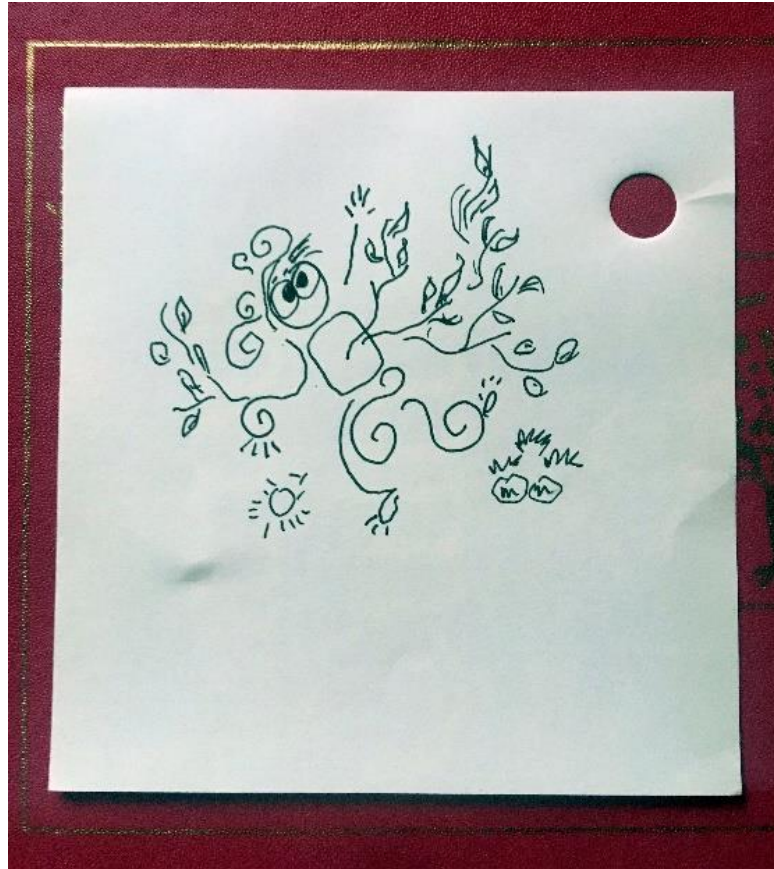
¹ Coordenador do GRPEGI-UFF/UFJF e-mail: jjanergeo@gmail.com

com “é... são tempos sombrios”. Não sabia se ele tinha criado essas palavras, mas para mim eram deles. Apesar dela fechar suas orações precedidas de coisas estranhas e que, aparentemente apontavam para algum momento difícil, eu sempre saía feliz de escutar suas conversas. Pois os “tempos sombrios” me diziam de um mundo cheio de sombras para a gente descansar e arvorear-se sem pressa!

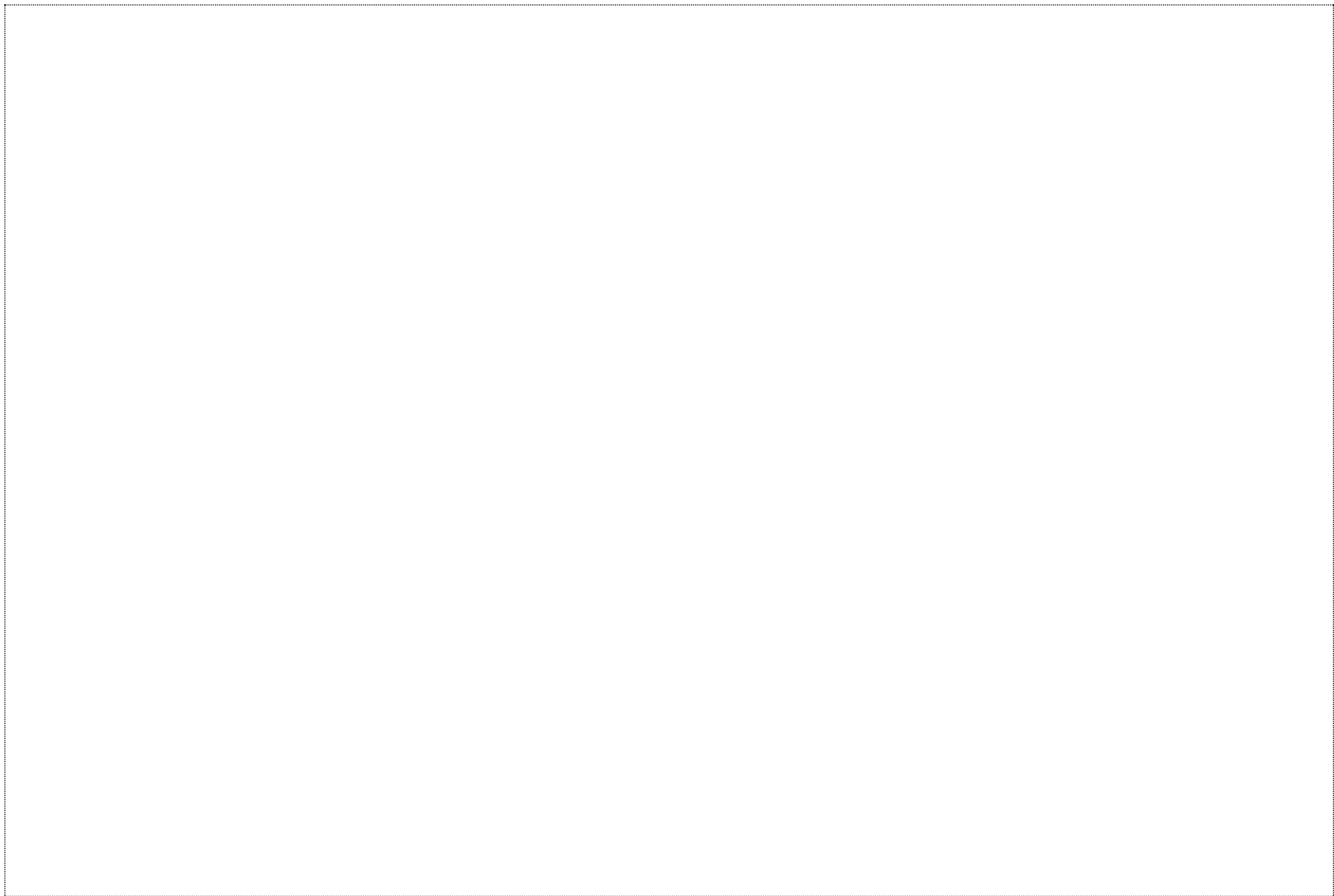
Eram tempos bons! Vivia, assim, as sombras “à moda de paisagens”. Mas, ainda quero falar mais esse estado. Sempre gostei de comer frutas nos quintais e pomares! Até mesmo as compradas nas mercearias. E sempre gostei de engolir o que as pessoas chamavam de bagaço e os caroços. E um dia escutei de um adulto: “- Fica engolindo caroço para você ver. Vai nascer uma árvore dentro de sua barriga”. Por isso falei de medo e fascinação. O que eu deveria fazer? Lembrava de uma experiência que a gente fazia na escola com caroço e feijão embebido no algodão e colocado no copo que germinavam em menos de uma semana. Era assim que imaginava todas as sementes em minha barriga. Tudo crescendo e se ramificando. Tinha a paisagem fora de mim, mas também dentro, germinando e crescendo, talvez, um dia me faria eterno e cheio de raízes. Eu pensava: como eu ficaria? Afinal, engolia um monte de sementes de frutas diferentes. Tinha a certeza que seria paisagem. A verdade é que me fiz mesmo! Essa é a colocação de todos nós nos espaços que vivemos: são as trocas que se fazem ao longo do viver que transformam a nossa relação com o meio e conosco mesmo².

Esse livro que vocês têm em mãos é isso. Um livro cheio de sombras, que permite cada um contar e viver “à moda de paisagem”. Não há mais o que dizer. Só arvorear-se.

² Esse parágrafo foi transcrito integralmente do livro “Terreno Baldio”, de minha autoria, em fase de publicação.



Jader Janer, final do verão de 2021.



Reflexões sobre espaços e infâncias

Ambika Kapoor¹

Vim para o Brasil em 2019 para um programa de bolsa de doutorado de três meses na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Enquanto trabalhava com o Professor Jader Janer Moreira Lopes, conheci e fiz parte do GRUPEGI, um encantador grupo de pensadores, que partilham o seu entusiasmo em trabalhar com crianças e espaços, reunindo diversas perspectivas.

Eu sou da Índia e estou fazendo meu doutorado na University of Leeds, Reino Unido. Minha pesquisa é uma investigação da vida cotidiana das crianças em uma comunidade indígena no estado de Chhattisgarh, na Índia. Em meu trabalho, observo a vida de Pahari Korwa, uma comunidade indígena da Índia, focalizando particularmente as crianças cujas perspectivas e experiências vividas de marginalização, dificuldades e riscos não foram muito documentados. Eu investigo a natureza relacional e interdependente da agência das crianças e levo essa discussão mais adiante empiricamente por meio da ilustração de como a agência não era possuída por indivíduos, mas era habilitada em relação aos espaços físicos das crianças, objetos materiais do dia a dia e relações sociais.

Por meio da minha pesquisa, me interessei em explorar os espaços infantis. Junto com o espectro de agência que as crianças exerciam, sua agência também era entendida por meio de suas interações corporais com os espaços que ocupavam e encontravam. Ilustro que os locais de encontro cotidiano das crianças não eram rígidos, mas porosos. Ao olhar para a vida das crianças com as lentes da agência, eu a vínculo a questões maiores de envolvimento das crianças com espaços por meio de interseções de gênero e poder, emaranhados com seus ambientes cotidianos e acesso desigual das crianças aos recursos naturais.

¹ University of Leeds. e-mail: A.kapoor16@leeds.ac.uk e 28.ambika@gmail.com

Através do tempo que passei no Brasil, participando de palestras, visitando escolas, comunidade e interagindo com os membros do grupo, pude aprofundar meu pensamento sobre a espacialidade e fui apresentado a uma área de estudo especializada em Geografias da Infância - Cartografia com Crianças. Esses engajamentos e leituras abriram ainda mais o campo para mim com uma série de questões como - como as crianças interagem com e nos espaços? quais espaços são importantes para as crianças? todas as crianças usam ou ocupam espaços da mesma forma? quais espaços facilitam o movimento? todas as crianças se movem nos espaços da mesma maneira? os espaços permitem a agência das crianças? Pude vincular esse pensamento à minha pesquisa com crianças em Chhattisgarh e fazer perguntas relevantes relacionadas a crianças e espaços.

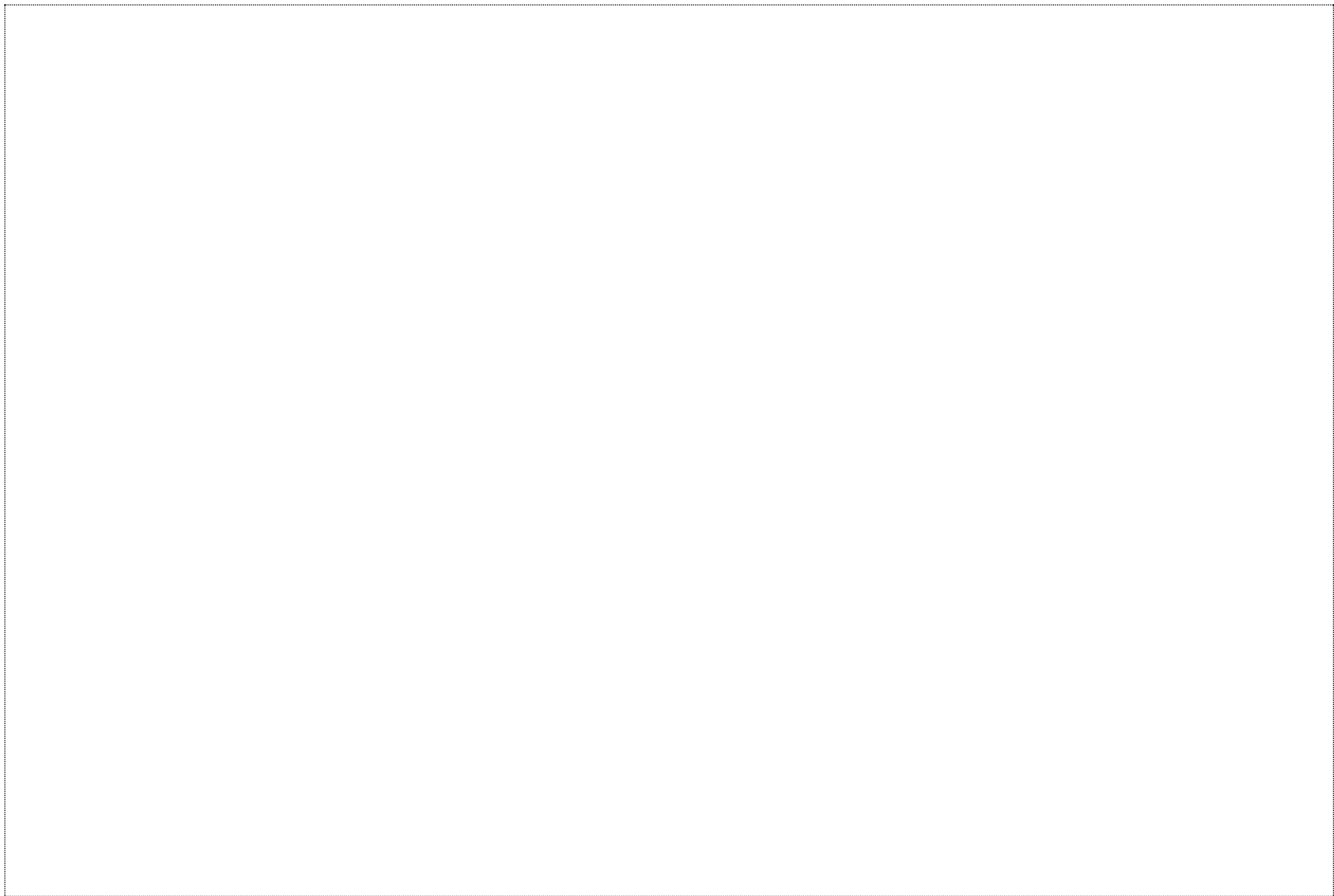
Durante a visita à comunidade e escola Quilombola, observei crianças engajadas em uma atividade de pesquisa, caminhando pela comunidade e tirando fotos do que era relevante para elas. Posteriormente, eles prepararam um mapa de sua comunidade, ilustrando-o com desenhos e fotografias que selecionaram para representar sua comunidade. A cartografia com crianças ajudou a mapear sua comunidade por meio de suas experiências e perspectivas. Usei uma técnica semelhante para preparar um mapa da minha comunidade de pesquisa usando os desenhos de crianças coletados durante o trabalho de campo.

Essas observações e interações no Brasil também me ajudaram a pensar os espaços através de uma lente pós-colonial. O questionamento do contexto e da história dos espaços permitiu um aprofundamento do presente de forma descolonizadora. Uma exploração e interação com os diversos museus e galerias da cidade do Rio - Caixa cultural, Museu Nacional, Museu de Folclore - projetado de forma que rompe o pensamento convencional, ajuda ainda mais a tirar dúvidas críticas do passado colonial desses espaços e inquietar o discurso. Isso é útil para pensar e reimaginar a infância de uma forma pós-colonial.

Vislumbres da vida das crianças na aldeia



Fotografias e desenhos infantis coletados durante a pesquisa em 2018



Da infância paulistana à escolha profissional e acadêmica: lembranças e memórias afetivas

Ana Paula Gomes Cuzziol¹

Em 1981, em São Paulo, atualmente uma metrópole de mais de doze milhões de habitantes, eu nasci. Em um pedacinho nomeado não só pela minha família, mas originalmente de Paraíso. Um bairro de classe média onde “nasce” a Avenida Paulista, ponto de encontro de manifestações políticas, encontros culturais, e que abriga grandes centros financeiros e empresariais. Por 10 anos lá permaneci, neste trecho da metrópole já composto na época por grandes edificações verticais de mais de 10 andares e dezenas de apartamentos. Um deles era o meu: apartamento de 100 m², no terceiro andar de um prédio feito de lajotas e com dois elevadores. Minhas lembranças de infância são deste espaço, especialmente do quarto “dos quatro irmãos”, sempre ao lado de uma grande companheira, minha irmã caçula, a Vivi.

Da janela do quarto, tentávamos, em vão, procurar estrelas ao cair da noite. A visão predominante era de pontos de luz vindos das janelas dos prédios circundantes. Restava-nos, então, o teto do quarto que era repleto de adesivos fluorescentes que nos inspiravam a criar histórias, todas as noites, quando apagávamos a luz. Em um cantinho do quarto, guardávamos jogos e brinquedos industrializados, que caracterizavam bem uma infância de classe média, em uma grande metrópole, naquela década. No prédio, criávamos espaços de brincadeira, ultrapassando os limites espaciais convencionais. Além do playground no térreo, lugar de “estripulias”, os elevadores e as escadas eram perfeitos para brincar (longe dos olhares do porteiro)!

¹ E-mail: anacuzziol@gmail.com.

De lá, aos 10 anos de idade, parti para outra cidade. Aos 15 anos, meu pai, eu perdi. Com a condição financeira menor, sentimos que era o momento de lutar: conseguir um trabalho e pensar na formação profissional. Na época, precocemente, eu já sabia o que queria: ser professora de crianças pequenas. Consegui iniciar a minha formação, ganhei uma bolsa de estudos e cursei o magistério no período oposto ao do Ensino Médio. Aos 17 anos comecei trabalhar em uma pequena escola de bairro e iniciei a Licenciatura em Pedagogia no período noturno. Segui colecionando vivências profissionais e fortalecendo o sentimento de realização.

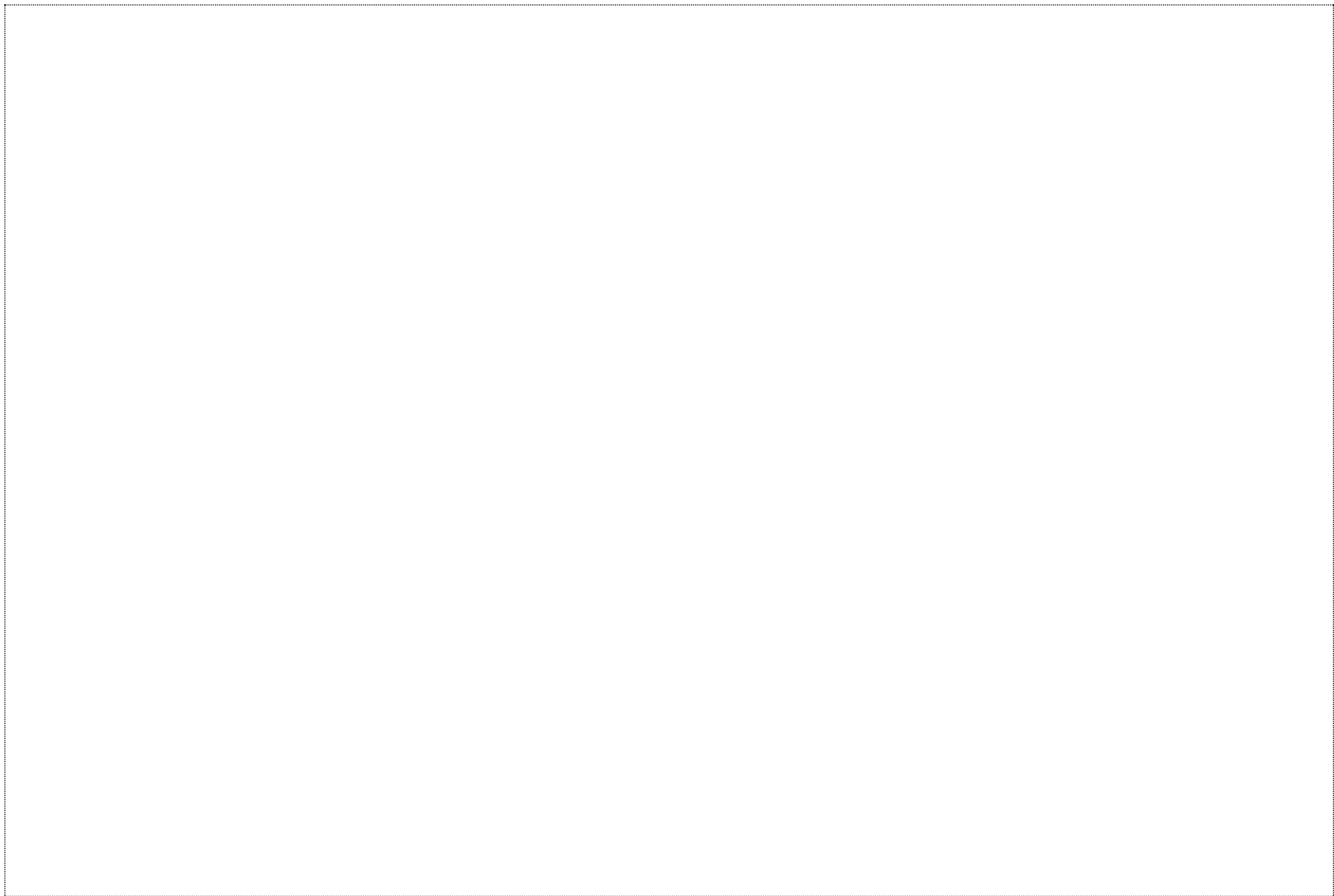
Em 2011, três décadas depois do meu nascimento naquela metrópole de alegres lembranças de infância, realizei um grande sonho, o Mestrado na UFF. Encontrei acolhimento e parcerias no GRUPEGI, um grupo de pesquisa “recém nascido”, que me ensinou tanto sobre vida e onde aprendi ser pesquisadora, sob o olhar e a orientação de um grande mestre. No Grupegi tive a oportunidade de pesquisar sobre/com os bebês, inspirada na fundamentação teórica da Psicologia Histórico-Cultural, e juntamente com o grupo pude olhar para as crianças e as infâncias em suas singularidades de vida, (pessoais, culturais, históricas, geográficas); dar voz aos bebês em suas diversas formas de expressão e revelar o protagonismo infantil e suas inúmeras potencialidades. Defendi o mestrado e me afastei, mas jamais deixei de levar comigo tudo que aprendi, admirei, sonhei, conquistei ao lado do bebês, ao lado do grupo, simplesmente porque passaram a me constituir. Atualmente, quase uma década depois, retorno ao Grupegi, que novamente me acolhe com amorosidade, parceria e sua excelência acadêmica.

Ao longo desses quase dez anos de afastamento, vivi em outras cidades, conheci outros hábitos, culturas, tive novas oportunidades de encontros, aprendizagens e ressignificações. Mas as crianças pequenas estiveram “sempre por perto”, me acolhendo como parceira de aprendizagens, educadora, estudiosa da área ou pesquisadora.

Certamente, as estrelas adesivas no teto do quarto, os jogos, os brinquedos industrializados, escadarias e elevadores, ou seja, o universo simbólico vivenciado ao lado da minha companheira de aventuras se sobressaiu do campo dos

afetos, constituiu parte do que sou e determinou uma escolha para a vida. Lembranças e recordações de uma infância paulistana vivida no “meu paraíso” em algum lugar do passado, mas que continuam, diariamente, presentes em mim.





Infâncias, memórias e vivências no quintal generoso

Anelise Monteiro do Nascimento¹

Abro o computador para escrever as primeiras linhas desse texto e percebo que logo minha atenção se volta para o que acontece do lado de fora do ambiente em que estou. Inicialmente não desloco o olhar para a janela que está a minha frente, são meus ouvidos que reconhecem a presença dos passarinhos anunciando a chegada de mais um dia, mas o som dos passarinhos se mistura ao som de uma chuva fina que também compõem a paisagem, o que fazem os passarinhos na chuva? Meus olhos curiosos se voltam para fora e vejo o dia chuvoso e os passarinhos que piam, cantam e fazem algazarra ao se deslocarem entre os telhados, a chuva fina e um prato de louça fixado em um troco de árvore que lhes serve de banheira. A chuva aumenta, eles se retiram e volto para minha escrita. É desse lugar onde os passarinhos voam, a chuva cai e o meu olhar encontra conforto, que se trata esse texto. Seu título tem inspiração na conhecida história protagonizada por um menino e uma árvore. Como na história de Shel Silverstein, vida, ambiente e relações fazem parte de um todo. Mas, como esse quintal passou a ser reconhecido como parte da minha identidade? No encontro com o GRUPEGI, no pós-doutorado, quando as espacialidades ganharam novo sentido na minha trajetória. Ali, gente, paisagem, olhar, território, espaço e tempo puderam ser traduzidos em afeto, acolhimento, amizade e aprendizagens. É também através da inclusão nesse grupo, que celebra os seus 10 anos, que tenho a chance de transformar minha vivência nesse quintal em narrativa.

Foi no ano de 1987, quando eu tinha 13 anos, que esse quintal, com suas três mangueiras, acolheu minha família. A casa posicionada na parte frontal do terreno deixava muitas oportunidades para vivências de adultos e crianças no seu entorno. Ao

¹ PPGEDUC/UFRRJ; Coordenadora do Grupis/Cnpq; e-mail: anelise.ufrj@yahoo.com.br

longo de oito anos, foi nesse lugar que quatro crianças brincaram, brigaram, fizeram as pazes e brigaram novamente, cataram mangas, goiabas e laranjas, criaram galinhas, codornas e coelhos, roçaram o seu mato, plantaram sementes de frutas recém comidas e cuidaram de gerações de cachorros. Ao longo dos anos, as crianças foram crescendo e o quintal também sofreu alterações. A principal delas foi a construção de uma pequena casa para abrigar hóspedes².

O quintal generoso parecia gostar das mudanças, outras árvores cresciam, flores brotavam. Mas um dia, como no movimento dos ventos que trazem sol e chuva para alimentar seu solo, as crianças viraram adultos e foram embora. O quintal ficou durante anos na companhia dos passarinhos, da mãe das crianças, sua maior cúmplice, e do padrasto que se encarregou de amá-lo como se ali sempre tivesse vivido.

Chegamos ao ano de 2020 e nele enfrentamos uma crise sanitária mundial. As pessoas tiveram que alterar suas formas de ser e estar no mundo. Inicialmente, me mantive no apartamento em que vivi nos últimos 7 anos. Mas, o isolamento que deveria durar quinze dias foi se estendendo por meses e meses, e eu não estava sozinha. Comigo, além de meu companheiro, estava Raúl, nosso filho de 5 anos. Na impossibilidade de ressignificar o ambiente por tempo indeterminado, a família precisou criar outros arranjos. Eu e Raúl partimos para um lugar cujo território era familiar. Ao adentrar o conhecido quintal, lágrimas brotaram de meus olhos e inundaram meu rosto. O ar me abraçou e, como se ele estivesse ausente da minha vida desde o início do isolamento social, respirei como se fosse pela primeira vez.

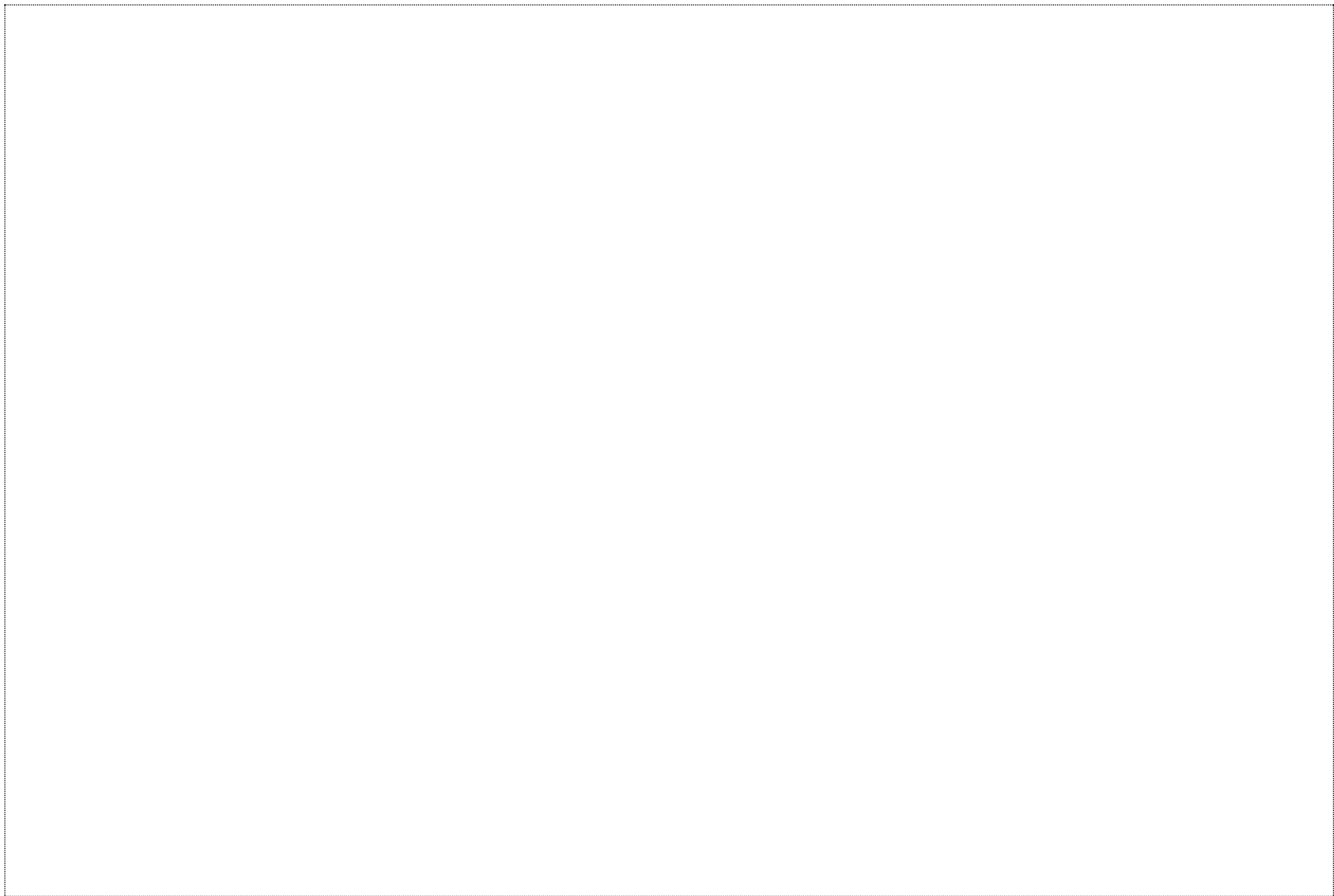
O quintal também parecia feliz e acolheu Raúl como um velho conhecido. Além de espaço para correr, jogar bola, da sombra de suas árvores, rapidamente fez brotar as sementes das primeiras investidas do menino na relação com a sua terra. Nesses sete meses em que aqui estamos, o menino cata o que o quintal lhe oferece generosamente: temperos, bananas, cocos e mamões. A generosidade é correspondida com regas diárias, comida para as rolinhas religiosamente às 16:00h e o recolhimento das folhas

² É nela que estou escrevendo essas memórias.

das árvores que passaram a compor a “coleção de folhas secas” do menino. Nesse período ainda tivemos a oportunidade de, em uma tarde de ventos fortes, vivenciar uma chuva de mangas. Chuva de Mangas é o nome de um outro livro de literatura conhecido, esse escrito por James Rumford, quem sabe, um dia Raúl não se inspire nele e continue a narrar essa história?



Acervo pessoal da autora.



**Entre as luzes da cidade:
A memória espacial na cidade de Juiz De Fora**

Bernardo Marques Werneck¹

Relembrar as inúmeras viagens para Juiz de Fora na infância foi uma prazerosa atividade para elaborar o texto inicial que comporia minha dissertação de mestrado. Pensando e rememorando os cantos da cidade, as ruas e avenidas, os lugares mais marcantes no movimentado comércio do centro, pude perceber a dimensão espacial na minha infância e pensar em tantas outras diferentes infâncias e suas relações com os lugares.

A cidade foi apresentada através da mediação da palavra adulta que, mais tarde, a partir das vivências experimentadas pela cidade que hoje me acolhe, continua me constituindo. O contato com a teoria histórico-cultural através de diversos autores durante a pesquisa de mestrado e discussão junto ao grupo de pesquisa – GRUPEGI, ainda antes do ingresso na pós-graduação, tornou evidente o meu olhar singular da infância quando foram a mim apresentados aqueles novos espaços enquanto percorria a cidade de Juiz de Fora pelas primeiras vezes.

E foi andando pelo centro e outros bairros da cidade que pude perceber os elementos das paisagens e construir minhas próprias referências que já haviam sido tomadas outrora, ainda na infância e, agora, faziam parte dos meus objetos no espaço geográfico. Ao revisitar essas memórias, percebo como as linguagens presentes em inúmeras paisagens das cidades trazem um viés geográfico na constituição das pessoas no tempo histórico em que se vive. Espaço este que representa os acúmulos de tempos e se refazem continuamente. Portanto, pensar a influência do meio na infância é perceber um espaço geográfico erguido

¹ E-mail: bernardomarqueswerneck@gmail.com

anteriormente por diversas gerações e que se renova constantemente por aquelas que são afetadas e se refazem na cultura outra dimensão de vivência possível.

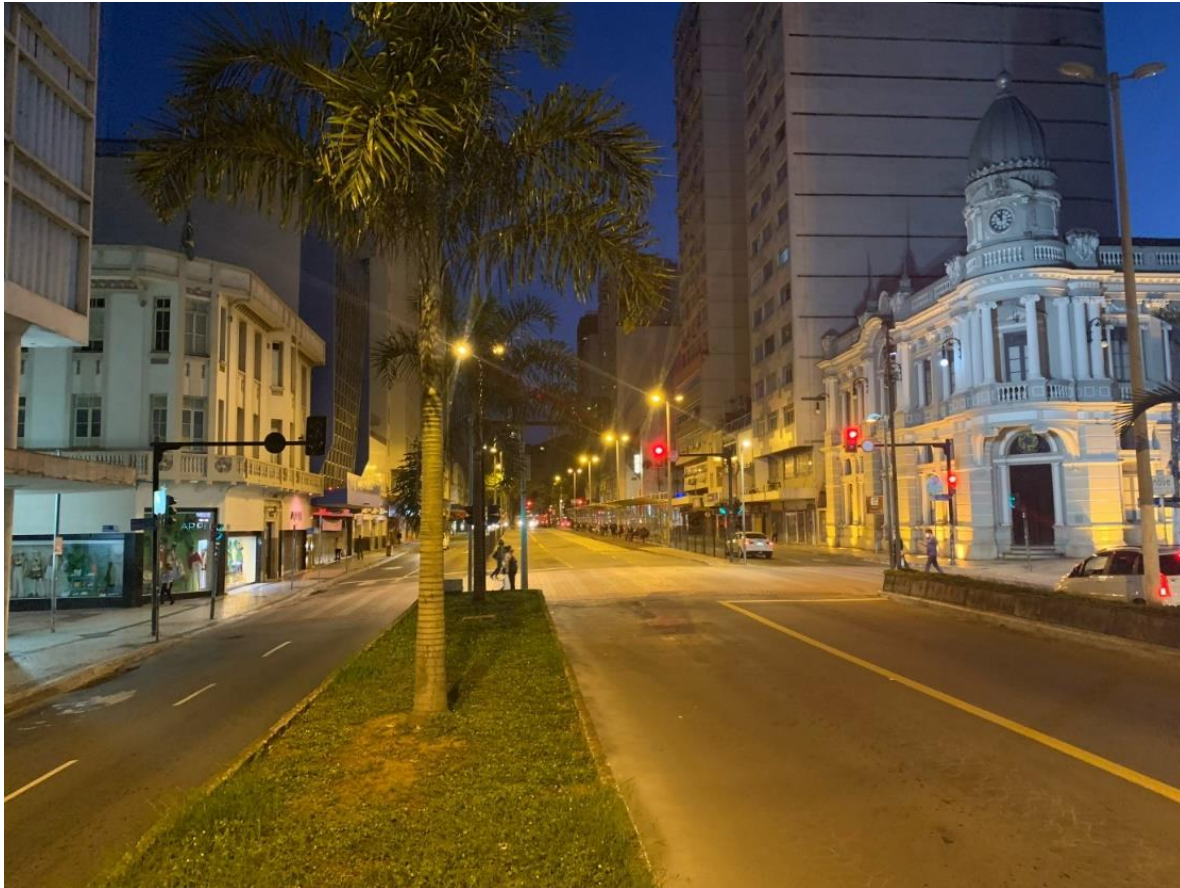
A cidade em constante transformação não é mais a mesma da década em que vivi minha infância. Novos estabelecimentos surgiram, ruas foram modificadas, avenidas abertas e muitas referências espaciais deixaram de existir para serem salvas na memória.

A criança reelabora o que o mundo oferece naquele espaço e tempo tomando para si signos que marcam de forma singular sua maneira de estar no mundo. A singularidade, palavra esta que marcou minha infância e continua me marcando enquanto professor e pesquisador me permite um olhar de afeto e respeito a cada sujeito com quem me relaciono. Postura esta construída a partir das contínuas reflexões acerca da teoria que sustenta nossas atividades no GRUPEGI.

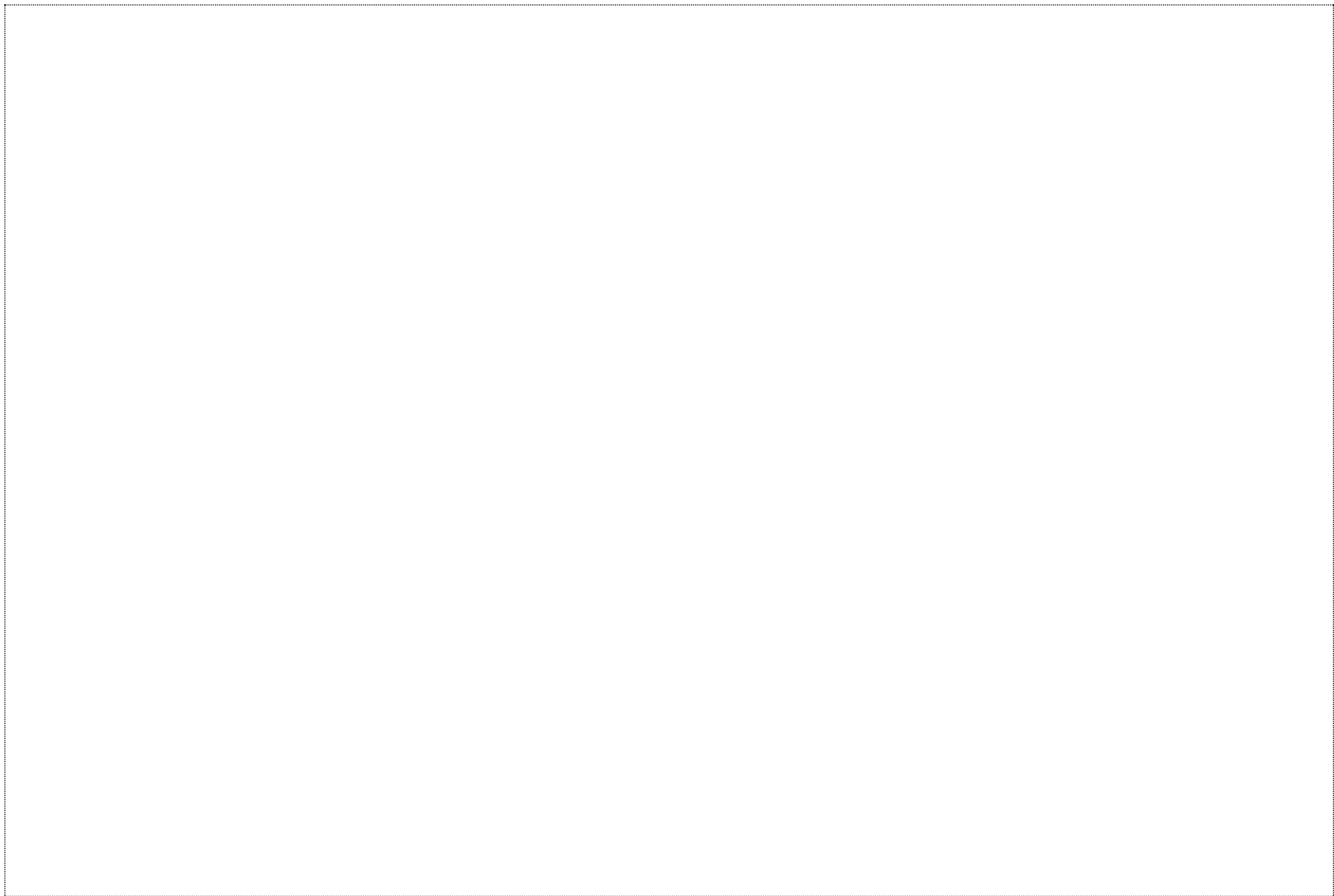
Ainda pensando a singularidade, é possível falarmos numa geografia da infância dentre outras tantas forjada na unidade com o meio onde as relações são tecidas e se dão.

Da reflexão trazida sobre o meio é possível acessar as memórias de infâncias e compreender a potência do espaço no desenvolvimento infantil. Foi através desse exercício que pude tomar consciência da minha relação com a cidade. Refazer o caminho das luzes acesas à noite ganhou outra dimensão. É a memória e os novos signos do mesmo trajeto se entrelaçando, emergindo novos significados e referências espaciais do mundo do tempo presente no qual vivo e que continua me constituindo.

Centro de Juiz de Fora - MG



Gleice Lisboa, 2020.



Os caminhos da geografia da infância

Brenda Martoni Mansur Corrêa da Costa¹

Minha caminhada pela geografia da infância teve início no ano de 2014, ainda na graduação, quando fui convidada pelo professor Dr. Jader Janer Moreira Lopes a participar do Grupo de Pesquisa e Estudo de Geografia da Infância (GRUPEGI). As discussões e autores ainda desconhecidos para mim abriram um novo universo de interesse e de possibilidades, levando a uma melhor compreensão do mundo da infância e suas particularidades. Dois questionamentos surgiram durante os encontros do grupo: “O que é a Infância?” e “Todas as infâncias são iguais?”. Aquilo mudou meu olhar, levando a uma nova e mais ampla percepção das infâncias enquanto território rico, repleto de elementos a serem aprendidos, um estudo que durante muito tempo foi ignorado, invisibilizado.

Minha primeira pesquisa em torno do tema abordou o trabalho de Henry Köhler. Sua proposta era levar à compreensão de todos, especialmente crianças e deficientes visuais e/ou de baixa visão, uma nova forma de orientação e localização por meio de uma associação com o relógio de ponteiros, além disso, havia um interesse em aplicar esse método no Brasil. Diante da proposta, trabalhei com alunos do 3º e 7º anos do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A escolha por dois grupos se deu pelas diferentes etapas de alfabetização cartográfica em que os alunos se encontravam, o que permitiu explorar os impactos da teoria em diferentes contextos educacionais.

¹ Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestre em Educação pela UFJF; Professora de Geografia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp – UFPE) / e-mail:brendamartoni90@gmail.com.

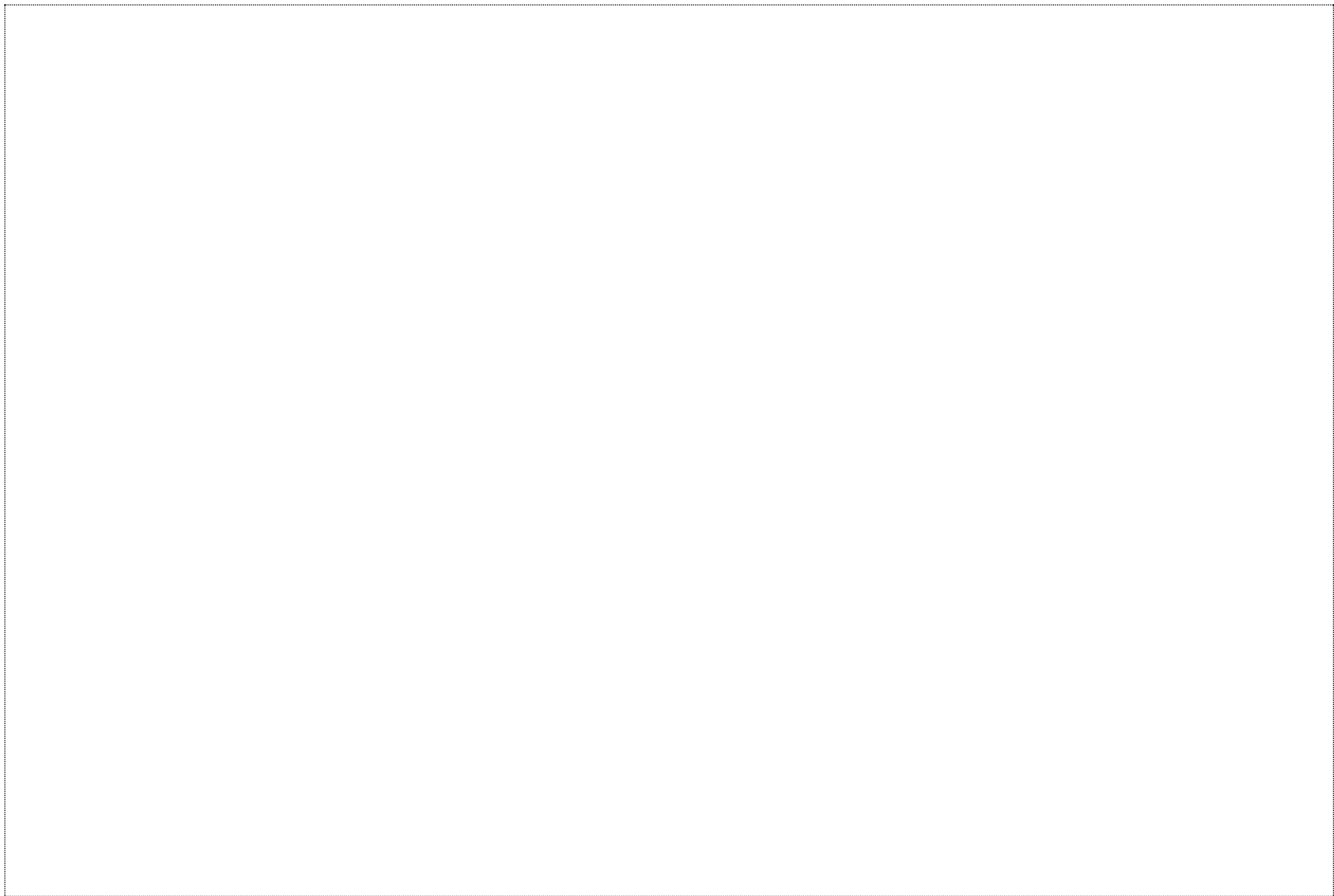
A experiência foi bastante enriquecedora para minha formação enquanto educadora, como também enquanto pesquisadora. Lembro do olhar atento e curioso das crianças diante das primeiras orientações, da excitação pelas atividades realizadas e do entendimento delas ao completarem meu raciocínio sobre o uso do relógio analógico. Dessa pesquisa, um novo estímulo surgiu, agora em uma continuidade da formação acadêmica. Orientada pelo professor Jader, ingressei no mestrado na Faculdade de Educação com uma pesquisa voltada ao campo da inclusão, trabalhando com crianças autistas. O desafio foi grande e resultou em um trabalho que não fosse apenas um produto acadêmico, mas um retorno para todos os sujeitos envolvidos no processo da pesquisa, bem como uma abertura para novos caminhos de estudo e atuação profissional.

A partir dessa experiência, desse contato com novos saberes e novas pessoas, ficou-me mais claro o pensamento de Vigotsky a respeito das transformações do sujeito a partir de suas experiências, experiências que constantemente o atravessam, transformando-o em um sujeito outro. As mudanças que são promovidas não são necessariamente processos drásticos ou radicais, mas o estabelecimento de novos olhares, novas possibilidades, novos modos de pensar e novas formas de agir. Pequenas alterações que permitem grandes mudanças em nós e no mundo à nossa volta. Agradeço aqui ao professor Jader, que possibilitou acesso a novos conhecimentos e acreditou em mim para ingressar nesse campo de estudo. Uma área que em tanto me transformou, e transforma, permitindo um outro olhar para as infâncias que cada dia mais tenho me envolvido e que tanto me atravessam.

Turma do terceiro ano do Ensino Fundamental



Acervo pessoal da autora.



“Por que os cangurus têm as orelhas em cima da cabeça”?

Bruno Muniz Figueiredo Costa¹

Por que o céu é azul? Por que há crianças que não têm onde morar? Por que as plantas não emitem sons como os animais? Seria muito legal se elas pudessem fazer isso... O que vai ser dos presentes de Natal neste ano, já que o Papai Noel é do grupo de risco na pandemia?

A escolha pela foto com a qual diálogo neste texto ocorre por conta do turbilhão de memórias e resgates a que ela me remete. Na foto está Miguel, meu filho, aos sete anos de idade, lendo o meu livro preferido na infância: *O Sobradinho dos Pardais*, de Heriberto Salles. Quando criança, sempre me identifiquei com a narrativa do casal de pardais lutando por sua sobrevivência e a de seus filhotes.

Miguel me ajudou na escolha e na manipulação da foto. A ele eu dedico estas breves linhas, assim como às demais crianças de sua geração. Miguel também é autor da pergunta-título e de todas as outras perguntas que abrem este texto. São questões semelhantes àquelas com as quais venho me deparando nos últimos doze anos de pesquisa no campo da Geografia da Infância e, especialmente, no trabalho com o GRUPEGI, desde a sua fundação.

Com o grupo aprendi que “muitas guerras foram vencidas em menos de uma semana...”, importante frase que me foi dita por Jader Janer em um momento fundamental de minha vida. Com ele e os demais integrantes, fortaleci noções de compromisso político, colaboração, amizade, humildade e – por que não? – fruição, sabor pelo fazer e alteridade. Durante todo esse tempo,

¹ e-mail: brunomunizedu@gmail.com

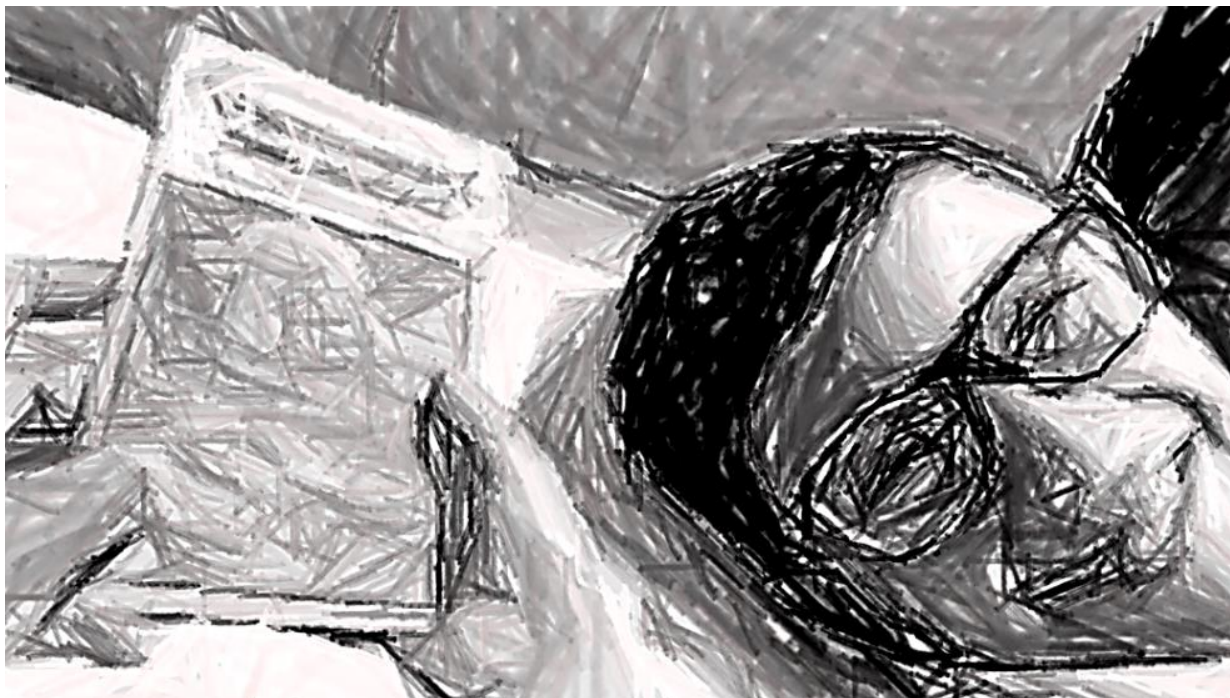
temos visto como o diálogo com as crianças nos desvela o mundo sob novas formas, novas perspectivas éticas e estéticas, na busca por superar uma lógica adultocêntrica autoritária e monológica, indiferente à sua condição de sujeitos. Temos buscado encontrá-las em seus modos, suas vozes, seus fazeres, descobrindo geografias outras.

Na pesquisa que atualmente desenvolvo para o estágio pós-doutoral, a categoria social *geração* tem me despertado especial interesse. O empenho em conhecer as vivências dos lugares de infância pelas diferentes gerações coloca-me, como pesquisador, em novos lugares de compreensão do mundo que nunca havia experimentado. Afinal, o mundo que lhes entregamos é sempre o mundo do passado. Contudo, ao enunciar a elas, na condição de adulto, que esse é o nosso mundo, leio em suas respostas que esse é o mundo, até aqui, inacabado. E que seguiremos juntos numa dimensão de amorosidade em que nos reconhecemos mutuamente como fonte do nosso existir, na alteridade, na produção de um mundo sempre novo.

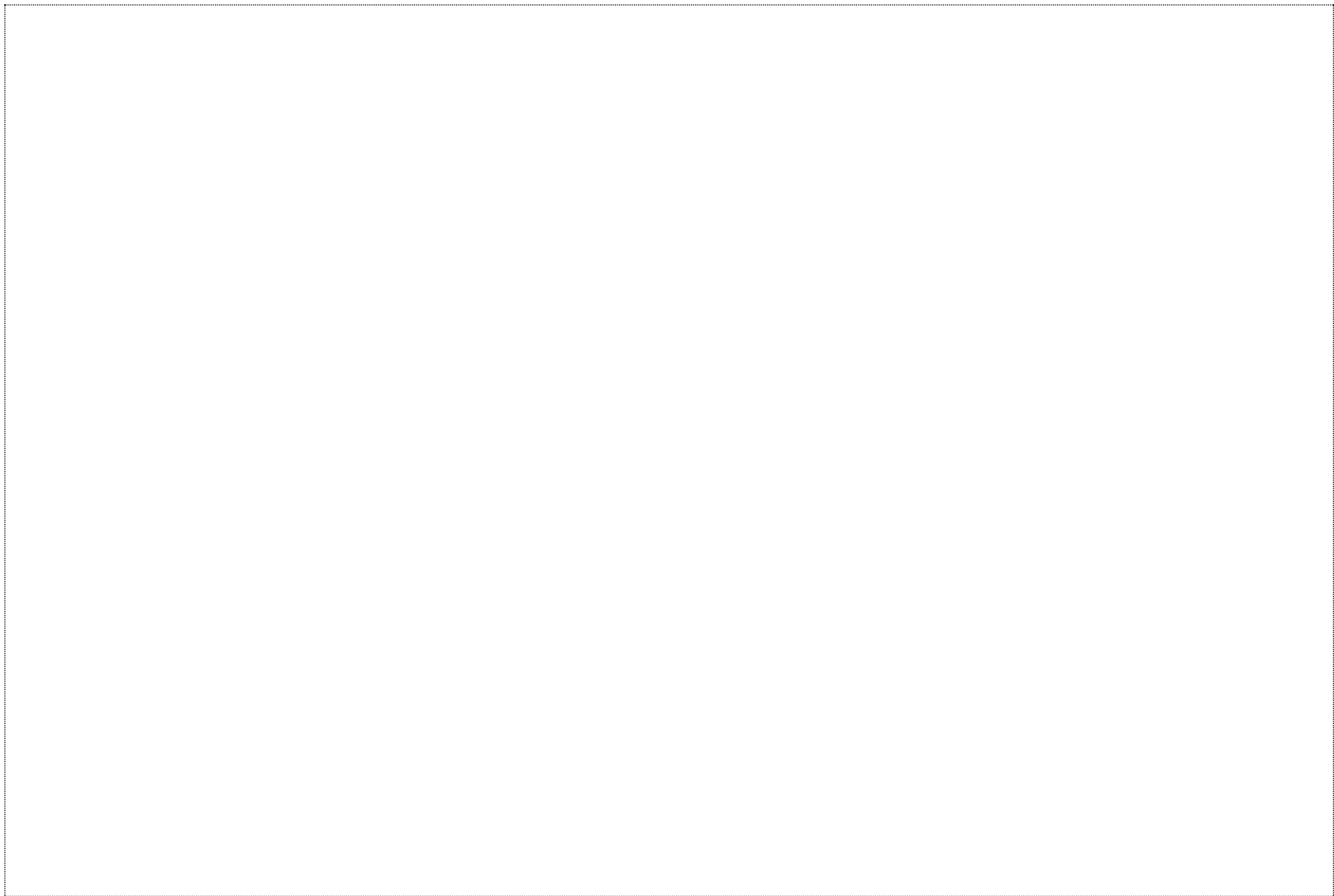
Para além da condição de pesquisador, encontro Miguel. É esse moleque dos olhos de faísca que amorosamente me toma pela mão “toda vez que a bruxa me assombra”, como dizia Milton Nascimento. Juntos, vamos em busca das respostas para essas e outras questões, suas e minhas, partilhando nosso compromisso de humanidade um com o outro, colaborando em nossas vivências, enunciando no presente os elos que ligam o passado e o futuro.

Nunca sou mais o mesmo. Nunca sou, por todas as mudanças pelas quais o GRUPEGI me impele a passar. Nunca sou, por todas as mudanças que as crianças produzem em mim. Nunca sou, porque Miguel existe em mim e eu nele todos os dias. E caminharemos lado a lado, em busca das belezas da vida, da liberdade e do exercício de nossas autorias, sujando-nos de mundo e nele deixando nossas marcas.

Miguel e meu primeiro livro



Acervo pessoal do autor, 2020.



Colecionando acontecimentos: um mergulho nos territórios infantis

Carolina Silva Gomes de Sousa¹

Coleciono acontecimentos. Levo comigo um pedaço de conversa no trem, uma troca de sorrisos e “tchauzinhos” na porta de um prédio, o pulo na poça d’água no caminho de uma criança de galochas. Minha coleção é diversificada e emocionante. Muitas vezes divertida, outras vezes intrigante e estimulante. Nesta coleção, guardo elementos tristes e divertidos, assustadores e tranquilos, chocantes e alegres. Por todos os lugares, sigo observando o que se passa - cuidando para que não apenas passe - e levo comigo.

Olhar o mundo com atenção é prazeroso. Mais que isso, é raro. Os acontecimentos estão em toda parte, mesmo que, na maioria das vezes, não os percebamos. Acontecimentos passam e a gente os deixa passar. Mas, nos espaços por onde andamos, nos espaços que vivemos, sejam eles espaços de trabalho, de lazer, de estudo... em todos os espaços, aí estão os acontecimentos. Não sei precisar quando comecei a voltar minha atenção para eles, mas passei a estabelecer uma espécie de vínculo com o que observava e aí não tinha mais volta.

Além de colecionadora de acontecimentos, sou professora de crianças e, portanto, grande parte do meu tempo passo observando e vivenciando acontecimentos com as elas na escola. É sabido que na escola há muitos adultos, mas, também está claro que há muito mais crianças. Passo muito tempo perto delas, o que acaba sendo uma fonte inesgotável dos mais diversos tipos de acontecimentos. Tudo que presenciei, tudo que vivenciei com elas me levou a observar as diferentes formas que crianças e adultos vivenciavam os mesmos espaços, como adultos e crianças espacializavam a vida e construía suas lógicas de maneiras tão

¹ Universidade Federal Fluminense- e-mail: carolinasousa@id.uff.br

diferentes. Desde então, observar as crianças espacializando suas vidas passou a ser minha escolha de recorte. Como forma de ilustrar esse caminho cartográfico de vivências infantis, trago então, uma dessas observações:

Enquanto as professoras estavam sentadas conferindo agendas, as crianças organizaram as cadeiras e uma mesa grande enfileiradas, uma atrás da outra, e diziam serem cadeiras de passageiros e cabine de piloto de um avião. J.P. se autointituiu piloto e disse que o avião seguiria para Paris, México e Estados Unidos. M.C. pediu para que, depois de Paris, o avião fosse pra Bangu. A., R. e N. resolveram ser comissárias de bordo e fizeram, salgadinhos de massinha, que, depois, foram servidos por A. aos passageiros usando sua mochila de rodinhas como carrinho dos lanches do avião.

(Semana 27 a 30 de agosto de 2020)

O trecho anterior foi retirado do registro semanal de uma turma de crianças de 5 anos da qual fui professora no ano de 2019. Através dele, é possível notar a diferença entre as lógicas construídas pelas crianças em relação às dos adultos. Não havia nenhuma atividade preestabelecida ou direcionada, então, cada um vivenciou o espaço de acordo com sua vontade. Enquanto as adultas da turma usavam cadeiras e mesas para organizar agendas, as crianças se espalharam pela sala e faziam um uso totalmente diferente dos mesmos elementos.

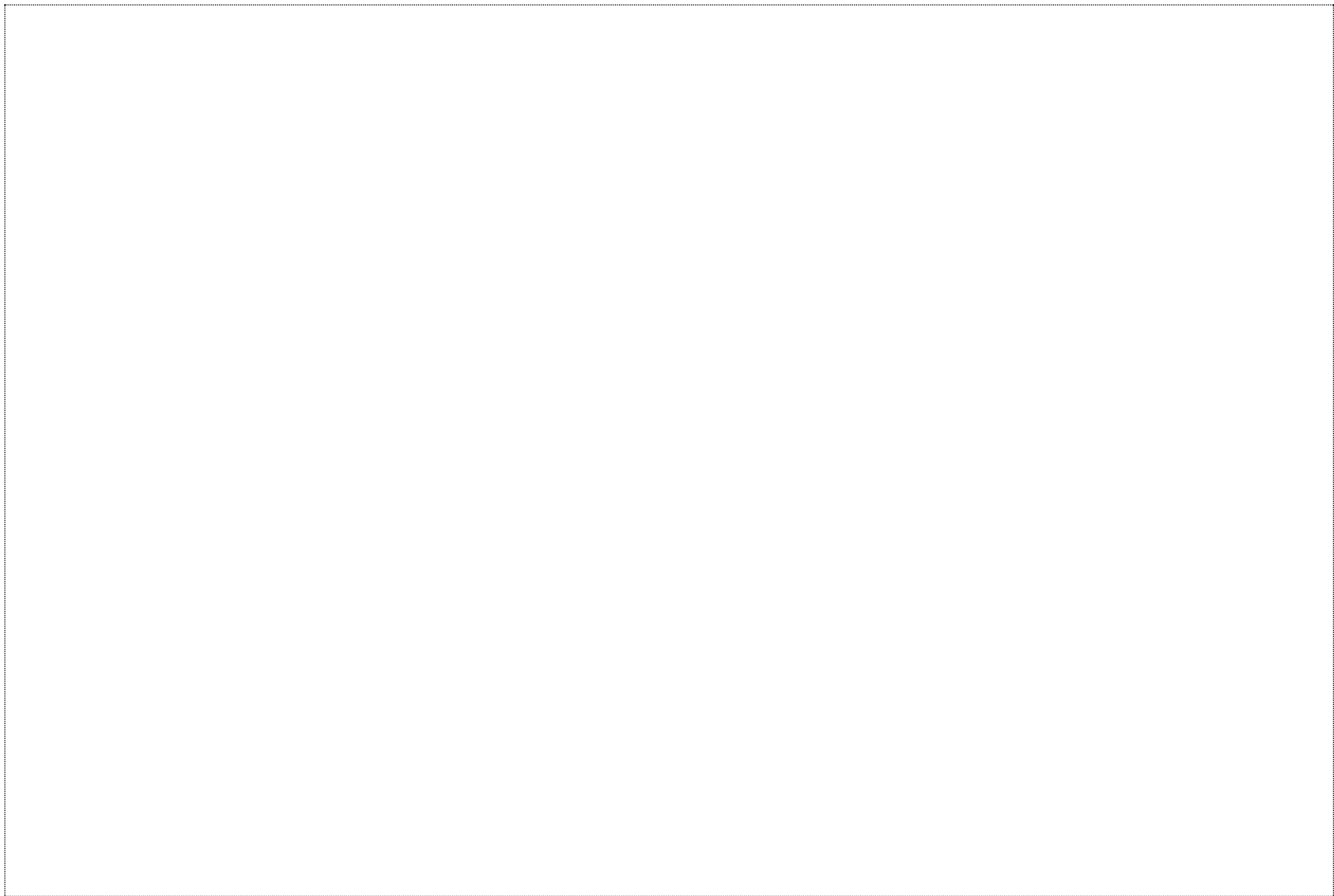
As mesas e cadeiras, distribuídas no espaço para que as crianças sentem e executem propostas sugeridas pelas professoras, são reorganizadas elas logo estão no avião, prontas para viajar. Os espaços e os objetos são os mesmos, mas adultos e crianças os experienciam de formas diferentes. As lógicas construídas durante o tempo que passam juntos não são as mesmas.

Minha entrada no GRUPEGI, mesmo que recente, foi como entrar em casa. As discussões no grupo me guiam na espacialização de vivências, na cartografia dos acontecimentos, na essencial construção de saberes e fazeres infantis. A descoberta da Geografia da Infância é como uma bússola na busca pela compreensão das infâncias pelo viés espacial, mergulhando nos

territórios infantis. Desde então, minhas observações passaram a ser mais direcionadas e as reflexões mais profundas. Antes eu “apenas” colecionava acontecimentos, agora eles são elementos imprescindíveis no meu mapa na pesquisa de vivências infantis.



Acervo pessoal da autora



Viagem entre margens e centralidade

Clarissa Figueira¹

O tema do grupo de investigação do GRUPEGI está no centro da minha pesquisa de doutorado porque reflete o seu processo. De fato, esta investigação é uma viagem, intelectual mas também geográfica! Esta viagem não é apenas um momento de carreira universitária, mas também um tempo de vida. Tem ecos e raízes desde a infância. Deslocada entre dois países, França e Brasil, esta viagem foi a oportunidade de reunir os meus espaços de vida em torno de questões que são também, por vezes, pessoais. De origem franco-brasileira, Grupegi é um laço entre estes dois países que me são caros. Dá-me acesso a um mundo científico. Realizando a minha pesquisa a partir da França, mas visitando espaços no Brasil, era importante descobrir o seu mundo teórico. Importante para a minha tese, mas também para compreender melhor esta multiplicidade de lugares que pude visitar.

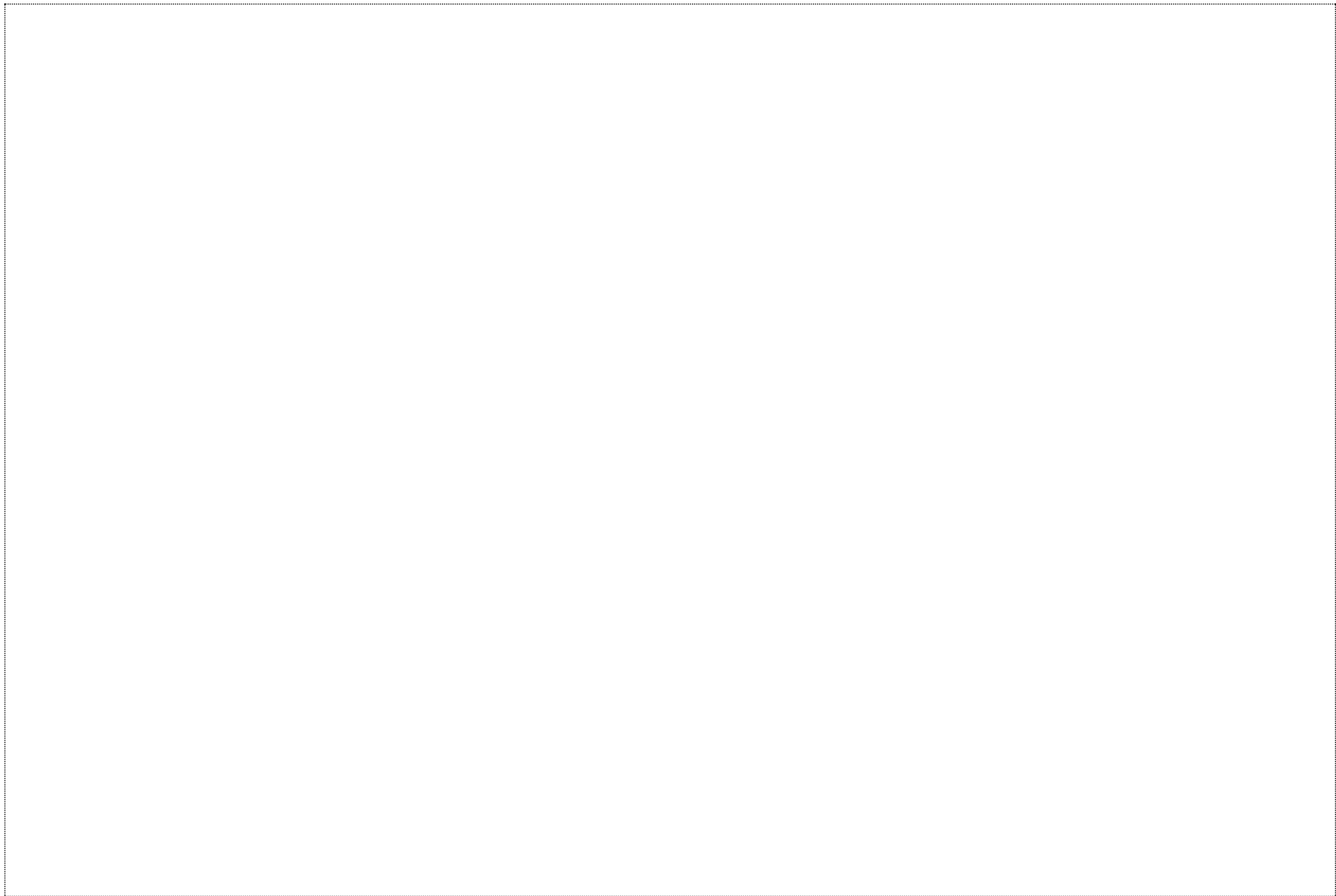
A viagem começou há quatro anos. Tornei-me apaixonada pelas atividades dos catadores de materiais recicláveis em Paris que tive a sorte de conhecer como profissional de ação social. Deram-me a oportunidade de conhecer os catadores brasileiros, organizados em movimentos sociais. Uma verdadeira mudança de paradigma na reflexão sobre a situação dos catadores franceses. Confrontada com esta dinâmica dos movimentos sociais brasileiros, questioneei-a e estabeleci ligações com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. No início pensei que a ligação entre todas estas experiências era a precariedade. Fui ao encontro, ouvi, anotei, gravei... Fui bem recebida e, sem me dar conta, conheci atores numa multiplicidade de campos. Vi estes lugares como

¹ Universidade de Cergy Pontoise (França), cotutela com a Universidade Federal de Juiz de Fora – e-mail: clarissa.figueira@yahoo.com

gavetas, todos ligados uns aos outros, mas também adicionados uns aos outros. Até me senti mentalmente perdida neles, na hora de pensá-los como um todo.

Tinha que apresentar esta viagem, mas como poderia organizá-la, como poderia pensar sobre ela? Foi durante um tempo de trabalho com o Grupegi que descobri que estes lugares não eram somados mas sim entrelaçados. Descobri que um atlas seria ideal para localizá-los. Neste trabalho, eles se multiplicaram. Quando pensava que me referia apenas a dois territórios, França e Brasil, descobri que esta viagem tinha-me realmente levado a cinquenta e cinco lugares desta precariedade. Pude refletir um a um sobre eles e dar-lhes um lugar. Sua espacialização permitiu-me organizar meu pensamento a partir de um dos seus pontos comuns: a exclusão. Este atlas será portanto uma proposta para a materialização de várias formas e processos de marginalização. É um instrumento para questionar o próprio fenômeno da margem, destacando a sua multiplicidade. Para o Brasil, este florescimento pode parecer óbvio, enquanto que, na França, sua invisibilidade faz parte do próprio processo de exclusão. Dar-lhe uma materialidade é parte de uma dinâmica de desconstrução deste próprio sistema de marginalização. Esta investigação de doutoramento ganha assim uma dimensão política porque, ao torná-la visível, questiona e valoriza. A margem invisível torna-se, neste espaço, uma centralidade popular, um fenômeno gerado pelas nossas sociedades.





A Pedologia Histórico-Cultural de Vigotski não é uma ciência do solo. Isso não é totalmente verdade!

Claudia da Costa Guimarães Santana¹

Aconteceu comigo e talvez possa ter acontecido com você também. Na primeira vez que me deparei com a palavra Pedologia, estudando Vigotski, corri para acessar a web a fim de obter dali uma definição mais rápida desse termo estranho aos meus ouvidos. Ao colocar a palavra Pedologia no site de busca, uma infinidade de informações apareceu e todas elas relacionando a Pedologia como uma ciência do solo. Logo me senti tomada por um desânimo porque, aparentemente, isso não estaria relacionada à pedologia da qual Vigotski se referia no seu texto.

De certo que a pedologia para Vigotski não era uma ciência do solo, mas hoje, após anos buscando entender este conceito e a postura visionária de Vigotski para esta ciência, me pergunto se uma coisa estaria muito longe da outra.

A pedologia da qual Vigotski se debruçava para extrair dela concepções potentes para suas investigações, era uma ciência que surgia com força total nas primeiras décadas do século XX e que dizia respeito à importância dada a criança como objeto de estudo científico. Historicamente, os condicionantes presentes naquele momento transformaram a infância num campo de disputa de diversos saberes e entre eles estava a Pedologia. Enquanto ciência, a Pedologia passou por situações semelhantes a outras ciências que buscam se instituir como saber legítimo. Havia uma produção intensa de pesquisas, textos, eventos, instituições etc. que buscavam forjar uma visão dominante sobre a criança a despeito de tantas outras possíveis. Para mim, o mais

¹ Faculdade de Educação Tecnológica de Três Rios/Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ccgs2011tr@gmail.com

correto seria falarmos de Pedologias e não apenas de uma Pedologia e quanto a isso Vigotski fez questão de deixar claro o que era para ele estudar o desenvolvimento de uma criança.

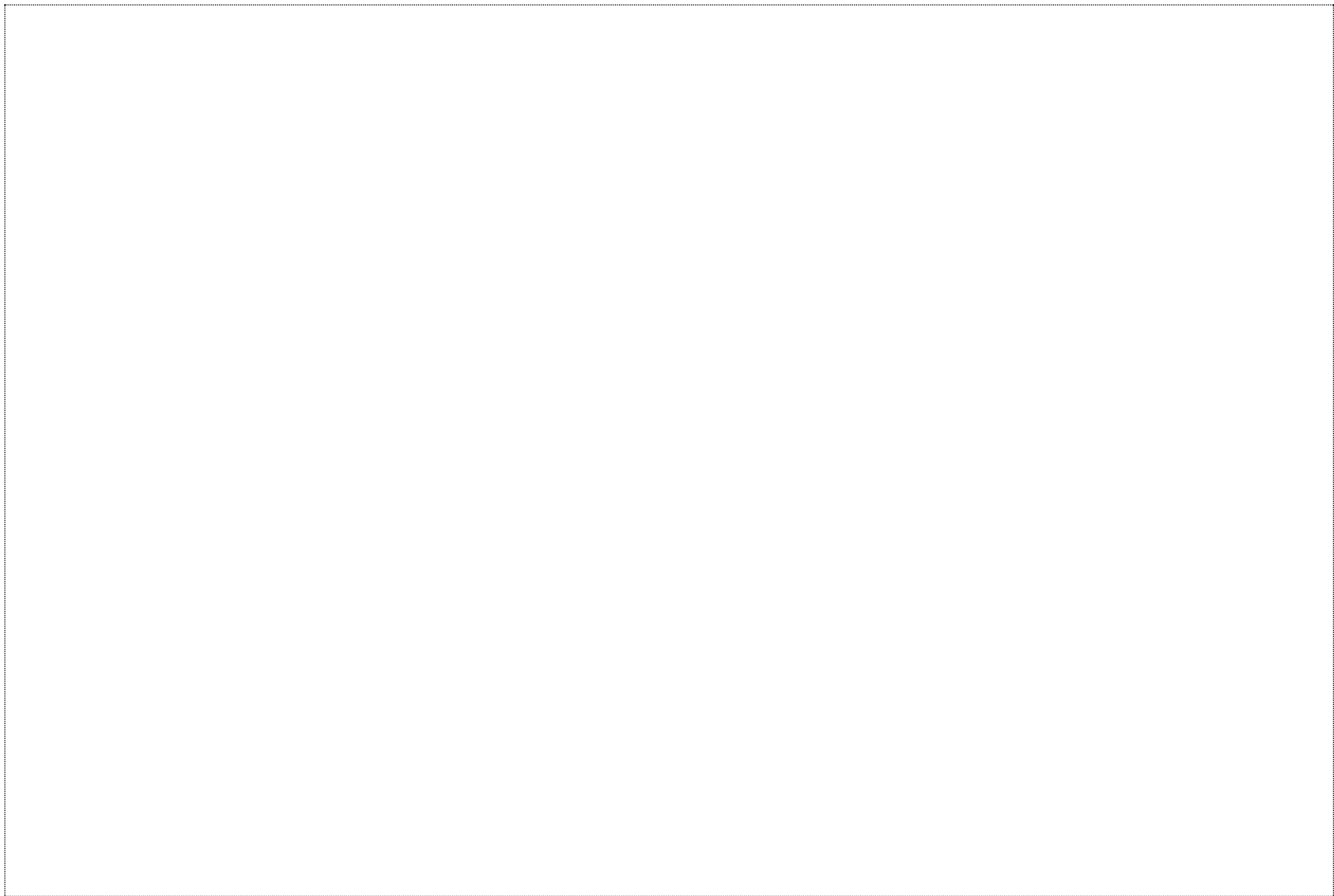
Vigotski incorporou nas suas pesquisas dois pressupostos fundamentais: o homem se diferencia dos demais animais porque possui uma capacidade de ser afetado pelo outro e pelas suas condições de existência; diferente dos animais, que respondem aos afetamentos de forma instintiva ou condicionada, o homem na sua experiência social desenvolve uma possibilidade humana de responder a eles de forma voluntária. Isso só é possível porque na experiência social com outros homens, desenvolve funções psíquicas tipicamente humanas, formas de ser e estar no mundo, que só seriam possíveis dentro de certas condições históricas e culturais. Visto desta forma, o primeiro pressuposto estaria diretamente relacionando ao seu segundo pressuposto. Vigotski afirmava que para conhecermos como uma criança se desenvolve seria necessário conhecer as bases materiais sobre as quais esse desenvolvimento ocorre. Para ele, a materialidade da existência humana é a base real sobre a qual se constroem nossas formas de pensar, agir, amar, se relacionar, etc. Mas, isso não ocorre de forma passiva, pois ao ser afetado pelas suas condições concretas de existência, o homem incide sobre elas as marcas de sua humanidade. Assim, um dado da experiência material não se esgota na sua materialidade, mas na partilha com outros homens toma a proporção de dado significado, de vivência.

Bom, o que isso tem a ver com a afirmação que fiz no título deste artigo? O solo é um elemento material de referência de um espaço geográfico. Ele compõe os territórios, as paisagens e os lugares por onde andamos. Assim, um solo arenoso remonta à lugares de clima semiárido, enquanto os solos úmidos trazem a nossa memória a beleza das florestas tropicais. Quem não lembra a belíssima história narrada por Guimarães Rosa em seu livro *Grande Sertões: Vereda?* Nele, Riobaldo, ex-jagunço, relembra suas lutas, seus medos e seu amor por Diadorim. Nesta obra, o sertão é o mundo, um espaço existencial pleno de sentido. Deste solo brotam a vida e a morte. Neste solo árido nascem as angústias, as felicidades, as descobertas, os medos, os amores e tantas outras possibilidades de vivências sertanejas. Para mim, é disso que se trata a Pedologia histórico-cultural, tal como nos apresenta Vigotski.

Marcas da infância



Acervo pessoal da autora.



Cartografias de quem produz cartografias: teoria histórico cultural e a metodologia dos mapas vivenciais

Daniel Luiz Poio Roberti¹

Conheci o GRUPEGI no mesmo ano em que entrei para o doutorado. Ingressei no doutorado em 2012. Lembro-me da minha primeira reunião de orientação. Mês de março daquele ano, Jader marcou um encontro comigo e com outros orientandos de mestrado e doutorado. Animado e ao mesmo tempo apreensivo, fui um dos últimos a falar sobre o projeto de pesquisa. Ele ouviu atentamente a todos. Fez comentários sobre a proposta e disse:

- Precisa melhorar bastante esta ideia. Próxima semana, tem reunião do grupo de pesquisa. No início, você pode não entender muita coisa, mas depois você vai conhecendo o que estamos estudando.

Não sabia o que o Jader estava pesquisando naquele momento nem que coordenava um grupo de pesquisa. Queria prosseguir com os estudos que desenvolvia desde o final da graduação, algo que girasse em torno dos temas sobre cartografia escolar, letramento cartográfico e formação de professores. Sabia que não tinha interesse em ficar estudando só Geografia. Queria conhecer mais as pesquisas do campo da Educação. Não me passava na cabeça que iria conhecer Vigotski e a teoria histórico-cultural.

Primeiras semanas de reuniões do GRUPEGI, comecei a ficar preocupado. Grupo grande com pesquisas diversas, mas de encontro a uma direção: teoria histórico-cultural. Caramba! Lia os textos, ouvia atentamente as falas nos encontros. A questão não era só a nova teoria, pois para mim realmente era nova. A minha base teórica da psicologia remontava os tempos da graduação.

¹ Professor adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense – Campus Angra dos Reis. e-mail daroberti@yahoo.com.br

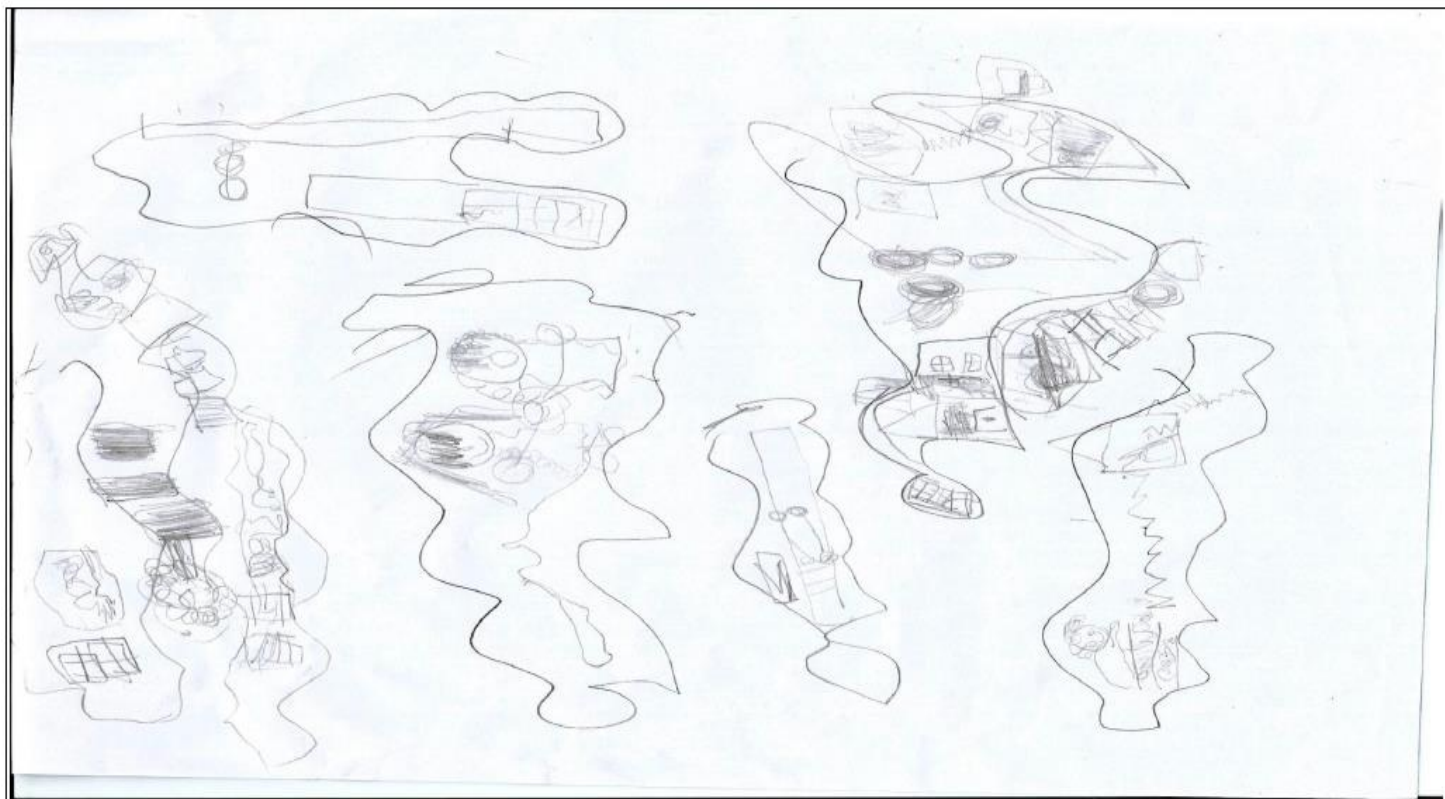
A memória ainda trazia que a diferença entre a teoria de Vigotski para Piaget simplesmente se resumia ao peso que cada um dava em relação a estrutura social na formação do indivíduo. Portanto, eu era um profundo desconhecedor da teoria de ambos, mas não era só isso que me incomodava. A questão é que eu não conseguia fazer relação entre o que o grupo pesquisava e o que eu precisava produzir de investigação para minha tese.

Sou uma pessoa ansiosa! Os “estalos acadêmicos” foram surgindo aos poucos. Jader dizia que era uma sensação normal. Não era todo mundo que logo de início do GRUPEGI sabia sobre Vigotski, teoria histórico-cultural e vivência. Ai! Comecei a entender os debates do grupo a partir dos estudos da vivência, mais especificamente no desenvolvimento da metodologia dos mapas vivencias. Isso! Desde os finais dos anos de 2009, Jader e sua equipe estão trabalhando em cima da metodologia dos mapas vivenciais. Dois textos debatidos no grupo me chamaram muito a atenção. *Quarta aula: a questão do meio na pedologia (2010)* e *Mapas dos cheiros: cartografia com crianças pequenas (2012)*. Encontrava-me em outro momento em relação aos estudos acadêmicos. Já tinha mais certeza do que pesquisaria.

São dois artigos provocadores de muitos debates! A partir da *Quarta aula* de Vigotski, pude conhecer a relação de unidade (contraditória) entre o ser humano e o meio cultural e com o texto do *Mapas dos cheiros* pude conhecer a cartografia dos mapas vivencias realizada com o público das crianças pequenas. A minha pesquisa e os estudos do GRUPEGI começaram a fazer sentido para mim. Portanto, as pesquisas que o grupo estava desenvolvendo naquele momento, me ajudaram bastante no exercício intelectual de construção da tese.

Por sugestão do Jader, a tese recebeu o nome de *Cartografias de quem produz cartografias: narrativas dos professores sobre crianças, mapas e escolas (2015)*. Fiquei muito satisfeito com o resultado. Conheci mais sobre psicologia, teoria-histórico cultural e Vigotski. Reuni os temas que mais me interessavam como: mapas vivenciais, geografia da infância e formação de professores.

Mapa feito pela Ana Júlia, minha filha, com quatro anos incompletos.



O mapa da Ana Júlia à noite é iluminado por faróis, carros e barcos. Tem um mar entre a Índia e o Brasil; aliás, o nosso país é um caso à parte. Ele é “uma cidade” habitada por todo tipo de gente. (28/09/2015). Fonte: material retirado da minha tese.

Sei que atualmente o GRUPEGI segue atuando na UFF e na UFJF com a participação de orientandos da pós-graduação e professores de outras universidades. Pesquisas no campo da teoria histórico-cultural se encontram cada vez mais consolidadas no cenário acadêmico e a consolidação da metodologia dos mapas vivenciais através da realização de cursos de formação de professores se tornou um fato para o grupo. Um caminho sem volta para a comemoração do aniversário dos próximos 10 anos do GRUPEGI!

O espaço das crianças nas festividades de rua

Danusa da Purificação Rodrigues¹

As férias de verão para muitas crianças são relatadas com a ida a casas de praia ou de campo, passando-se um bom período por lá. Não que isso não nos fosse permitido ou que não poderíamos realizar. Contudo, havia em minha cidade, São Gonçalo dos Campos - Bahia, sempre no mês de janeiro de cada ano, a festividade religiosa e popular em honra ao Glorioso São Gonçalo de Amarante².

São Gonçalo dos Campos é uma cidade do Recôncavo Baiano, ou como outros preferem, da região metropolitana de Feira de Santana, relativamente próxima a Salvador. Conhecida como “Cidade Jardim” pela existência de muitas praças e árvores centenárias. Dentre tantas, a mais conhecida é a Padre Bráulio Seixas ou a Praça da Igreja Matriz, que é um território composto por quatro praças menores, circundadas por ruas e casas históricas, com a Igreja Católica ao centro.

Os festejos se estendiam por mais de dez dias, com datas definidas. Eram realizados pela Igreja católica, prefeitura e por uma comissão que representava a população. Esse texto permite pensar a oferta socioespacial para as crianças nesta festividade, bem como o uso do espaço vivido por elas nesse ambiente festivo ao final dos anos 80 e início dos anos 90, período de minha infância e início da adolescência. Essas reflexões foram possíveis a partir das discussões do GRUPEGI³, no âmbito da Geografia da Infância, grupo que estamos inseridos desde 2017, sob orientação do professor Dr. Jader Janer Moreira Lopes.

¹ Licenciada e Bacharel em Geografia; Doutoranda em Educação – Universidade Federal Fluminense. E-mail: danusadpr@gmail.com

² Santo católico de origem portuguesa e padroeiro da cidade.

³ Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Em janeiro, essa paisagem era completamente modificada com a montagem e funcionamento de parques para as crianças, com carrinhos de pipoca, bancas de cachorro quente, batata frita, algodão doce e maçã do amor, com seus aromas característicos e a presença de muitas pessoas. Para os comerciantes de outras cidades era oportunidade de negócios, enquanto que para os moradores locais e as crianças, era o momento de encontro e de participação das várias manifestações culturais e diversão. Embora ocorressem num espaço público, todas as crianças tinham acesso?

Deveria haver a separação entre o sagrado e o profano. No interior da igreja havia um novenário com cânticos em latim, com discursos realizados por padres ou religiosos convidados. A cada dia uma localidade do município era homenageada, sem esquecer do dia dedicado às crianças. Nesse dia chegávamos cedo, sentávamos de preferência nas escadarias do altar e encontrávamos com vários colegas. Por vezes escutávamos o que estava sendo dito, noutras, outros assuntos e distrações compunham essa noite. Era um momento de encontro. A culminância das celebrações religiosas era num domingo com a grande “procissão de São Gonçalo”, onde as crianças seguiam os adultos.

A praça repleta de parques de diversões nos esperava. Era momento de estar com outras pessoas da família, primos, brincar e conversar. Os adultos nos levavam e ficavam naquelas longas filas, enquanto nós circulávamos correndo entre as várias árvores e pessoas, com outras brincadeiras até chegar nossa vez de ingressar nos brinquedos. Na roda gigante, meu irmão gostava para balançar aquela cadeira quando parasse lá no alto. Eu, para avistar a cidade do alto, as movimentações da festa, a cidade mais próxima iluminada à noite e sentir aquele frio na barriga.

Haviam manifestações culturais durante o dia que envolviam as crianças com fantasias às vezes padronizadas, por outra livres, com as grandes brincadeiras de mamãe sacode⁴ nos blocos de rua e com cordas. O grande momento era a tradicional lavagem na quinta-feira pela manhã com baianas seguidas da Lira Sangonçalense⁵. As baianas vestidas de branco, com jarros de

⁴ Espécie de espanador confeccionados com material sintético de cores vibrantes, muito utilizado em festividades de rua.

⁵ Filarmônica centenária que se apresenta em festividades cívicas, religiosas e da tradição principalmente no âmbito municipal.

barro nas cabeças, cujas águas eram coletadas em cortejo na Fonte da Gameleira⁶ e acrescida de alfazemas e flores de angélicas. Percorriam as ruas da cidade, dançando ao som da Lira, lavavam das escadarias da Igreja Matriz e em seguida aquela “água de cheiro” era disputada para molhar as nossas cabeças, quer dizer, meu irmão não aceitava esse ritual. Naquela manhã as crianças experimentavam naquele espaço aspectos da tradição daquele lugar, até alcançarmos novamente os jardins/praças para se começar novas brincadeiras. À noite aconteciam as apresentações de grandes atrações musicais da Bahia com trios elétricos nas ruas, compondo a grande “festa de largo”. Considerando os relatos de minha avó e minha mãe sobre essa festividade há anos atrás, notava significativas mudanças. Inserção de novas formas e modificações no festejar nesse espaço público e no ambiente religioso, mas alguns elementos importantes foram mantidos, apontando para a dinamicidade da organização da festa.

O que vivia naqueles fins de tarde e noites se repetiu por muitos anos de minha infância e adolescência. Havia uma coexistência do sagrado e do profano no mesmo espaço. Nós crianças já nascíamos com essa festividade que ocorria ano a ano, num espaço pensado com oferta de alguns equipamentos e tradições culturais. Embora tivesse uma estrutura para atender as crianças e pensadas para elas, o espaço vivido nessas festividades são sobrepostos, intercalados com o mundo dos adultos. Algumas crianças podiam ter essas experiências e formas próprias de participação nessa festividade, enquanto que para outras era um espaço com portas fechadas, segregado, principalmente no acesso a equipamentos montados que exigiam pagamento para acesso e nos blocos com cordas.

⁶ Fonte de água tida como milagrosa que já abasteceu a população e um local cercado de mistérios devido ao aparecimento da imagem do santo São Gonçalo de Amarante.

Baianas e crianças na Lavagem de São Gonçalo dos Campos-BA



Acervo pessoal da autora, 2018.

**Infância dos lugares e lugares da infância:
memórias e afetos no encontro com um grupo de pesquisa**

Deise Arenhart¹

Nasci em São José do Cedro, cidade bem pequena do interior de Santa Catarina, onde também vivi toda minha infância e adolescência. A minha infância no Cedro foi marcada pelas brincadeiras de correr solta a inventar lugares e jeitos de brincar nesses lugares. Quase todos esses lugares que inventávamos eram gigantes na minha percepção de criança... Quando ainda tinha meus 3 anos de idade, lembro-me de como as pequenas vielas que se formavam nos poteiros (é como, no Cedro, se chamam as colinas cobertas de grama) da casa do tio Balduíno viravam gigantes cachoeiras e, na parte plana do poteiro, formavam uma lagoa cristalina, em que o solo verdinho e macio da grama acolhia os pés e todo corpo pequeno que por ali rolava... Ao sair do poteiro e ir para a estrada de chão da nossa rua, a cor da água mudava e não tinha a mesma transparência, mas as cachoeiras das valetas continuavam a nos encantar, agora com a cor e o cheiro do barro... Por volta dos 6 anos, mudamos para outra casa que tinha tantos outros espaços e lugares a serem criados. Não muito longe da casa, eu e meu irmão descobrimos uma mina de pedras preciosas. Era um barranco de terra vermelha coberto por pedrinhas que brilhavam ao sol. Passávamos a tarde lá, catando as pedras que colecionávamos como nosso tesouro. A mina era nossa, nós éramos os descobridores e exploradores daquele lugar... Ainda tinha as brincadeiras de pega-pega dentro do milharal, as casinhas embaixo da árvore e no riacho, as tardes inteiras jogando queimada na rua, o esconde-esconde que deixou a cicatriz da minha perna direita... O dia se encompridava e parecia maior, de tanto que era possível viver, inventar e sentir naquelas horas... As tardes em que a mãe fazia bolacha pintada e eu ansiava para lambar o resto

¹ Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFRJ. e-mail: deise.arenhart@hotmail.com

do merengue que ficava na bacia; o cheiro do leite queimado; o estalar e esquentar do fogão a lenha nos dias frios de inverno, com a chapa sempre coberta de pinhão e o forno dividido entre a batata-doce e nossos tênis congas... Marcas e memórias de uma infância no interior, que se presenteia em imagens, sensações, cheiros, sons de um tempo-lugar que ainda *carrego sob meus pés...*²

Anos mais tarde, já adulta e decidida a ter a infância como objeto de estudo e trabalho, me encontro com um professor que me dizia que toda a criança é criança de um local, assim como cada criança constrói seus lugares e territorialidades dentro do local. Eu disse sim!!!

Conheci o professor Jader e participei do Grupegi nos anos de 2009 e 2010, tempo em que o grupo começava a nascer na UFF. Até então, já havia estudado a infância no contexto do MST e vinha motivada a estudar as culturas da infância no contexto urbano, atravessadas pelas diferenças e desigualdades de classe. Pertencer ao grupo foi me fazendo entender que era também fundamental olhar para as concretudes dos espaços geográficos e sociais que formavam as infâncias naqueles contextos. Meu olhar se dilatava, a vida das crianças ganhava mais contorno, ao mesmo tempo em que conseguia também trazer para a pesquisa as relações genuínas que elas estabeleciam com os espaços, como criavam seus lugares e defendiam seus territórios, como (re)significavam as paisagens de infância e inventavam sempre outros modos de ser e estar criança em seus lugares, mobilizadas, como eu, pelo desejo de brincar.

² Expressão inspirada no livro de Jader Janer: O menino de que colecionava lugares. Editora Mediação, 2013.

Território (poético) de brincar



**Imagem que ilustra a capa de meu livro “Infância, Educação e MST”,
publicado pela editora Argos, em 2007.**

Jader me apresentou um campo de pesquisa, me fez reconhecer a grandeza de Vigotski, me ensinou a usar as cores para categorizar meus achados de campo e criar um mapa que passaria a ser a estrutura da tese. Com o grupo, eram tardes de muitas trocas, afetos, leituras, perguntas, provocações... era um espaço para escutar e falar, para se expor e se importar com o outro; um espaço de formação dialógica e alteritária. O grupo começava ali, ao redor da mesa redonda da sala apertada de nosso querido orientador. Hoje, comemorar esses 10 anos de história é também a oportunidade de registrar e compartilhar afetos e sentidos; de celebrar o triunfo das insurgências coletivas; de dizer juntos que, como as crianças, somos criadores de lugares de re-existência. A infância do Grupegi nos convoca e fortalece a perseguir o brilho das pedras que escapam do chão árido de nosso querido Brasil.

Os “nós” que nos forjam

Eliane Rodrigues de Castro¹

A realização de qualquer atividade, na perspectiva de grupo, é compreendida como uma forma coletiva, derivada da união, do ato de congregar, agregar, somar etc., em prol de um interesse comum. Tal concepção se faz essencial, já que inclui em seu contexto os bebês, as crianças e as infâncias.

Em um movimento cronotópico, a comemoração dos 10 anos de criação do GRUPEGI Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia da Infância (GRUPEGI) envolve discorrer sobre os inúmeros encontros, saberes e partilhas ocorridos numa estrada, num tempo-espaço em cuja circulação, os fluxos constantes e suas essências se disseminaram, atingindo indivíduos, direções, lugares, paisagens e latitudes diversas.

Além disso, as relações que se forjaram ao longo desta década foram construídas através dos rastros e fragmentos de outros sujeitos, tempos-espaços, escritos e falas visando ao alargamento do ser humano, não apenas no sentido epistemológico, mas na essência do que é ser humano, da pessoa singular, única, porém, incompleta, inacabada. Nesse viés, não existe o eu, o outro, mas o “nós” como ponto de partida, num encontro colaborativo, num percurso com muitos outros, na minha existência e na do outro.

Sendo assim, fazer parte deste grupo de pesquisa é ter a possibilidade de imergir num mundo em que estão presentes os bebês, as crianças e as infâncias. É ter a oportunidade de enxergar o mundo através de suas lógicas, de suas lentes e de suas

¹ Professora na rede municipal de Juiz de Fora e na Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: eliane.castro.paiol@gmail.com.

singularidades, comumente negligenciadas por nós, adultos. É compreender as vivências culturais estabelecidas diariamente por elas com o lugar, o território, o espaço e as relações entre pares e ou intergeracional.

Nessa perspectiva, ousou dizer que o GRUPEGI nos proporciona resgatar sentimentos e sonhos que há muito deixamos para trás. A cada encontro, somos envolvidos por muita emoção e afetação, não somente no desenvolvimento dos estudos teóricos presentes no Círculo Bakhtiniano e da Troika, dos campos de estudos da Sociologia, da Psicologia e da Geografia da Infância, mas também na consolidação de laços de amizades com muitas pessoas, que levamos para nossa vida, mesmo após o desligamento do grupo.

No decorrer do grande tempo, a consolidação do grupo só foi possível em virtude do amálgama existente entre criador e criatura. As escolhas teórico-metodológicas realizadas pelo professor Jader Janer e a forma como ele conduz as discussões, apostando sempre na alteridade, na polifonia, nas artes e nos múltiplos encontros, geram esses movimentos em que os saberes de todos se encontram e se tornam pontos de partida para nossas pesquisas.

Dessa forma, através das discussões realizada no GRUPEGI, somos levados a crer em outra forma de ser e estar no mundo, de entender o ser humano na vida com suas historicidades e geograficidades, somos desafiados à realização de uma ciência outra frente aos paradoxos existentes permeados por uma liberdade intelectual e afetiva. Somos conduzidos, pelos ditos que nos acompanharão para sempre, através de uma escolha ética de se desenvolver e registrar as marcas dos nossos bebês, crianças e infâncias no mundo. Somos permitidos a sonhar em tempos tão difíceis.

Infância, memória, atualidade

Eliete do Carmo Garcia Verbena e Faria¹

Sempre que possível retorno àquela casa, rua, cidade. Lugar em que cresci como a sétima de nove irmãos, em que pude ser criança e reconhecer várias infâncias numa mesma temporalidade. Muitas vidas entrelaçadas, vidas de meninos e meninas, no quintal, rios, morros, árvores, ruas e casas. Diferentes classes, famílias, raças. Diferenças que nos uniam e coloriam o nosso ser.

O dia passava correndo entre as atividades escolares, obrigações cotidianas e as brincadeiras, jogos e contos. Lembrança marcante e viva que envolvia o cumprimento dos deveres escolares, que precedia a qualquer outra atividade, e que após sua realização envolvia-me com os animais e seu cuidado e nas relações afetivas que eram estabelecidas. Realizava essas tarefas com ludicidade e brilho no olhar, desde a colheita do “são caetano” para a saúde das aves à caminhada para pastorear as cabras.

As brincadeiras tinham sua essência em espaços abertos e envolviam uma sazonalidade que nos marcava. Esperávamos pelo momento de determinada brincadeira, muitas vezes atrelada às estações do ano, mas, também, criávamos estes tempos. O mês de agosto era aguardado para que pudéssemos construir nossas pipas, subir morros e vê-las ganharem o céu, sempre compartilhando este espaço com outras, deixando-o colorido e em movimento contínuo e sinuoso. Tinha o período do futebol, do pique bandeira, da bolinha de “crica” e das rodas de conversas sobre “causos”, sentados nas calçadas da rua nas noites tranquilas. Tinha, também, o “zé pereira” que dominava nossas noites na quaresma. Nos dias de chuva, brincávamos de adedanha, de desenho

¹ Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: eliete.verbena@ufjf.edu.br

e vigiávamos a enxurrada para que pudéssemos colocar nossos barquinhos seguindo o seu destino. Ah, também tomávamos banho de chuva, de braços abertos e olhar para as gotas, sentindo uma a uma tocando o rosto e demais partes do corpo.

Essas lembranças avivam a minha memória. Posso dizer que, de todas as fases da minha vida, a infância é algo presente, é essência da atualidade que vivo. Esta relação me coloca diante de reflexão acerca da memória, de algo que nos permite reviver e revisitar situações que se configuram pela temporalidade e espacialidade.

A vivência no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI) marca uma temporalidade e espacialidade. Tem me permitido conhecer e refletir sobre criança que fui e a infância que vivi. Coloca-me diante de relações intergeracionais a partir do reconhecimento de infâncias enquanto grupo social, em que crianças vivem suas geografias, seu ser e estar no mundo. Constituem-se nestes contextos permeados de aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais entre outros. Viver o GRUPEGI tem me proporcionado revisitar a infância que vivi e olhar para outras infâncias pelo olhar do outro, estabelecendo uma relação de identidade e de alteridade. Permite nos conhecermos melhor a partir do outro, daquilo que nele me reconheço e me distancio. Significa viver afetos, o agora e o passado presente na memória.

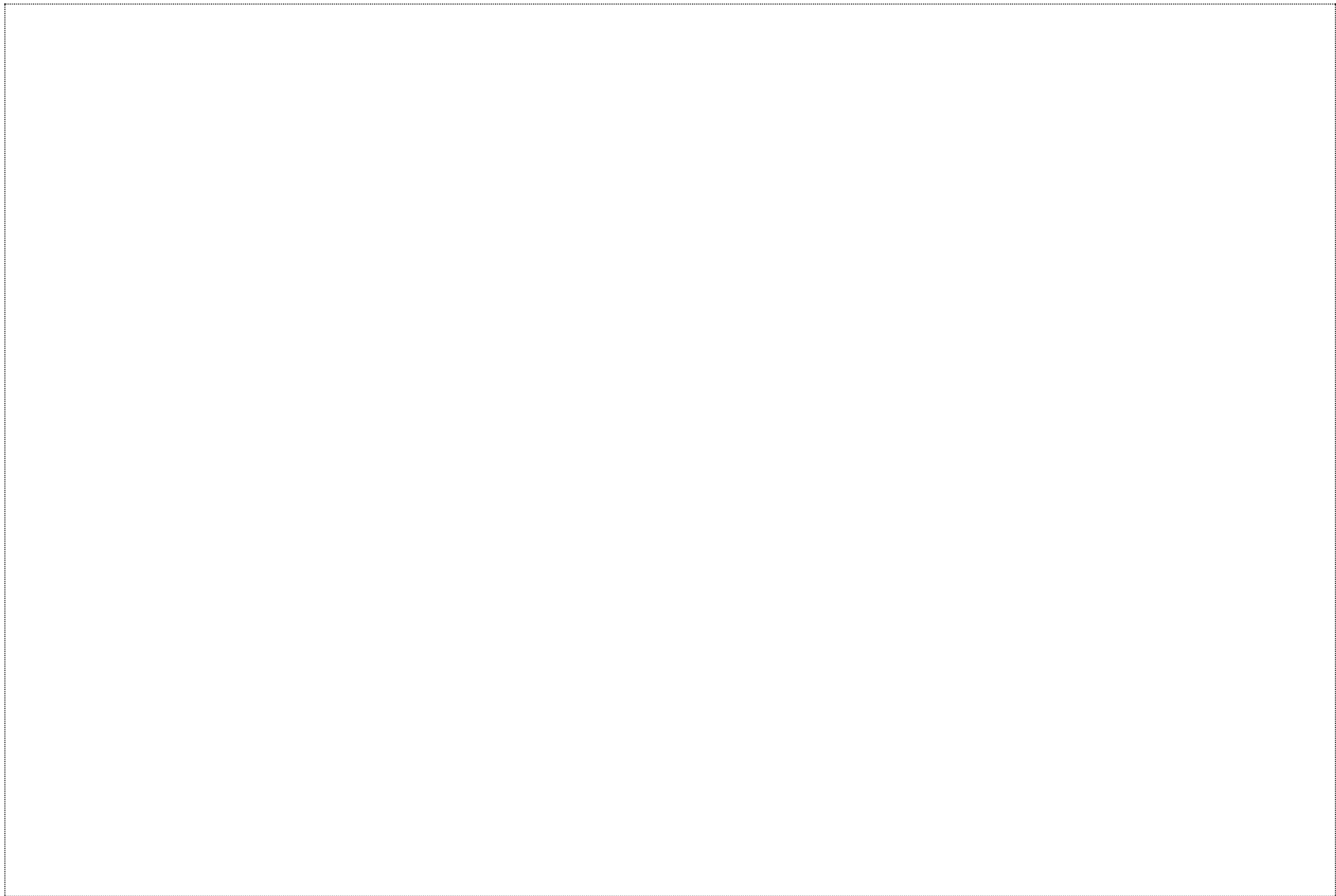
A vivência no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI) marca uma temporalidade e espacialidade. Tem me permitido conhecer e refletir sobre criança que fui e a infância que vivi. Coloca-me diante de relações intergeracionais a partir do reconhecimento de infâncias enquanto grupo social, em que crianças vivem suas geografias, seu ser e estar no mundo. Constituem-se nestes contextos permeados de aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais entre outros. Viver o GRUPEGI tem me proporcionado revisitar a infância que vivi e olhar para outras infâncias pelo olhar do outro, estabelecendo uma relação de identidade e de alteridade. Permite nos conhecermos melhor a partir do outro, daquilo que nele me reconheço e me distancio. Significa viver afetos, o agora e o passado presente na memória.

Escrever esse texto me permitiu me encontrar mais uma vez com a infância como essência – viva e presente em minha vida. A infância está em mim, agora, naquilo que sou.

Em família



Acervo pessoal da autora



O imperativo atual de dar um passo em direção à tangente e compreender o uso das novas tecnologias de comunicação e informação como parte de nossa humanização

Henrique Lage Chaves¹

Durante as nossas conversas nas reuniões do grupo e por meio da leitura dos textos publicados por meus pares acerca de temas ligados à Geografia Escolar, Geografia da Infância e, mais recentemente, à Geografia dos Cuidados, pude identificar alguns pressupostos que alicerçaram os estudos do GRUPEGI, nesses 10 anos, e que para mim foram fundadores de uma nova lógica de entender o mundo e as nossas relações com as tecnologias de informação e comunicação.

O espaço é uma categoria fundamental da experiência e existência humanas: temos uma linguagem espacial, uma memória espacial e uma vivência espacial. Se assim e, nossa atividade criadora é também espacial. Somos seres de múltiplas linguagens, de modo que tais vivências espaciais, constituídas ao longo de nossa filogênese e sociogênese, são singulares e manifestam-se em diversidade, na ontogênese. Forjada na linguagem, nossa consciência origina-se na palavra do outro, que é sempre localizada axiologicamente, de forma que tais vivências espaciais são formas autorais de ser e estar no mundo.

Vivendo e convivendo no atual meio técnico científico-informacional, que é parte de um fluxo contínuo da História, homens e mulheres, ao relacionarem com (e por meio de) artefatos culturais materiais ou digitais, conseguem transformá-los em elementos de suas próprias culturas, o que resulta sempre em algo novo-em-resposta.

¹ Professor de Geografia, mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFJF. Membro do GRUPEGI-UFF-UFJF. e-mail: henriquelchaves@gmail.com.

Diante disso, buscando contribuir para os estudos da Geografia Escolar, entre os anos de 2018 e 2019, no âmbito do meu mestrado, iniciei a compreensão dos diferentes sentidos que os usos de videoaulas de Geografia Escolar adquirem para estudantes que frequentam o *ciberespaço*, mais precisamente, para a dissertação, a Plataforma YouTube.

As relações dialógicas de alteridade existentes nesse ecossistema digital também fazem parte de nossa humanização no contínuo processo de nossa historicidade e geograficidade. Entendemos também como únicos os sentidos construídos nos usos de videoaulas de Geografia Escolar na Plataforma YouTube, sendo eles tributários para o constante processo de humanização de cada usuário.

Como uma rede constituída de fixos e fluxos, a *internet* contribuiu para a própria constituição contemporânea do Espaço Geográfico. Entre seus fixos, como a rede de cabos de fibra óptica interligando todo o mundo, até seus fluxos de dados e informações compartilhadas via *web*, a *internet* hoje é campo de atuação, desenvolvimento e protagonismo humano. As relações humanas mediadas por computador são fonte de vivências para muitos de nós, sobretudo para crianças e jovens nascidos no início do século XXI, quando o mundo digital já conquistava relevância na vida cotidiana.

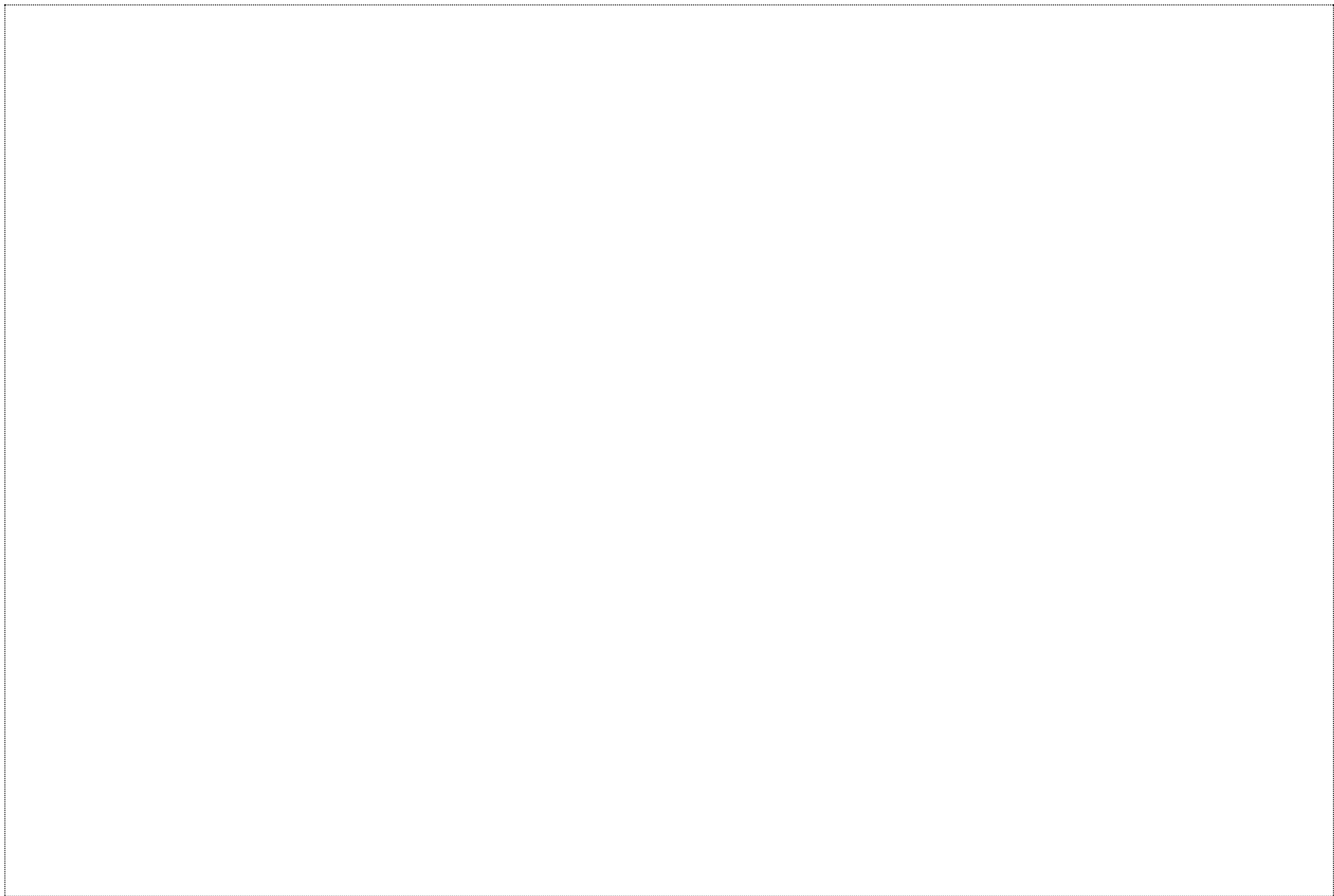
Assim, nós professores-pesquisadores, com a perspectiva de uma experiência ubíqua por meio da *internet* 5G e da *Internet of Things* (internet das coisas), na qual a diferenciação entre *on-line* e *off-line* não faz mais sentido, precisamos pensar essas vivências, uma vez que nossos educandos veem o *ciberespaço* como um espaço familiar, no qual vivenciam importantes situações em seu desenvolvimento.

Nós também devemos nos debruçar sobre essas temáticas a fim de defender e justificar rigorosamente com argumentos pedagógicos a permanência de nossa disciplina na escola. Durante a pandemia viral de 2020, ficou claro que, embora as videoaulas dentro de suas características positivas tenham, sim, relevância e pertinência, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem de nossos educandos, elas não têm condições de substituir as vivências autóctones de uma sala de aula.

Meu primo Gabriel, com 8 anos.



Acervo pessoal do autor



Piquenos e GRUPEGI - cortejos de reencontros

José Raimundo Campelo Franco ¹

Os serviços gráficos da versão final de tese conclusa² já estavam prontos. Um livrão em brochura, foi pego para ser apresentado a um grupo especial. Em plenas vésperas natalinas do ano 2019, as chuvas já davam sinais de mudança estacional, mas com manobras cuidadosas na várzea úmida, consegui chegar a um numeroso grupo de *piquenos*, entre meninos e meninas que ali se reuniam.

Quando tiveram a certeza de que eu estava chegando no carro (depois de quatro meses ausente), a correria para o meu encontro foi requintada por abraços que se amontoaram rapidamente em um ritmo de “moita” (brincadeiras de seus territórios) que se desarranjava em sapateamentos pelos desequilíbrios dos abraçamentos conjuntos, que logo passaram a melodiar uma comemoração com pulinhos que ritmavam um coro solfejado em duas únicas sílabas: *ti-ô, ti-ô, ti-ô, ti-ô...*

Após a calorosa receptividade falei que conclui os trabalhos e as pessoas que orientaram, interagiram e avaliaram a produção ficaram muito felizes por os terem conhecido pelas fotografias, brincadeiras, falas e as formas de fazerem as infâncias na *beira-de-campo*.

A história da defesa e o reencontro com o GRUPEGI, foram narrados e ouvidos atentamente. Mostrei a tese, explicando seu sentido e pontuando que todas as suas brincadeiras estavam registradas, e, para sempre, iriam compor aquela obra. Disse-lhes dos exemplares deixados nas duas universidades (UFF e UFMA) e na FAPEMA (agência financiadora).

¹ Professor da Universidade Federal do Maranhão – e-mail: dedafranco2015@gmail.com

² Com a temática “*Os piquenos* da Baixada Maranhense: subsídios para geografias outras do lugar”.

Nos organizamos improvisadamente para olhar, ali mesmo, as projeções georafadas das suas autorias. Suas reações eram muito variadas, alguns olhares de admiração, outros de magias e contentamentos por se verem ali representados e com toda a importância que ressaltai sobre o doutorado (imagem).

No final, lhes lisonjeei com duas surpresas: anunciei que aquele exemplar fora feito especialmente para eles e ficaria disponível na Biblioteca Municipal (local próximo) para suas consultas locais, ao tempo que lhes ofereci um dia de lazer em um clube, momento bombástico em que as vibrações se repetiram no mesmo ritual de festejos e euforias.

Depois do consentimento dos seus cuidadores, com ajuda da família e amigos, conseguimos transportar, acomodar e servir 90% das crianças que participaram diretamente do trabalho, alguns destes, acompanhados por responsáveis. Os brilhos nos olhos foram visivelmente percebidos nos brincantes diante das acolhidas: banhos, almoços, lanches, picolés, balas, e, para finalizar, um bingo eletrizante em que todos saíram premiados com brinquedos.

Na hora do almoço, novo diálogo foi feito com as crianças e seus pais. Tratou-se novamente da produção científica, rerepresentando os entes que potencializaram as realizações. Protagonistas de destaques como GRUPEGI e seu coordenador, o prof. Jader Janer, chamaram a atenção pelo meu ingresso na temática e as arquitetônicas advindas.

Ao voltarem para a piscina, uma *piquena*, ao me ver fazendo um registro de vídeo em sua direção, falou em grito: “*tio, como é o nome do outro tio que ajudou o senhor?*”. Jader, respondi. Em seguida cochichou com outra colega e se puseram a falar de forma agraciada, em repetidas vezes: “um abraço tio Jader” ... (imagem).

**Registros dos reencontros com os *piquenos* da beira-do-campo:
a tese apresentada em seus territórios de brincar e o caloroso recado de “abraço ao tio Jader”.**



Acervo pessoal do autor.

Meus agradecimentos com aquela oferta do brincar advieram das observações em trabalhos para a pesquisa. Duas delas, assim se fizeram de suas falas: “Tio, na sua casa tem piscina?” Falei que não e indaguei o porquê, enquanto a resposta: “Ah, era *pra* saber se o senhor podia deixar a gente banhar lá”. Em reunião com as famílias para assinar os termos de assentimentos, percebi outra vontade ensejada de um *piqueno*: “Traz brinquedo para sortear”.

A felicidade com tantos afetos me fez refletir o quanto aquelas infâncias, ativas e cintilantes na paisagem me sensibilizaram extralocalizações que me permitiram compreender as reelaborações de seus cronotopos. Vi que estava cumprida minha realização, e, algumas, de relances, de alguns piquenos *piquenos* que incrementaram aquele espaço desacostumado em suas coleções.

Ele não é agitado como as outras crianças...

Lucas Rocha Gonçalves¹

Escrever um texto como esse é sempre uma busca por lembranças, por fragmentos de nossas vivências, por algum evento que nos sirva de bússola. Só precisamos disso para um começo. Contudo, é um processo que não nos poupa de caminhos descomplicados. Por vezes parece que nada acontecerá. Você pega a caneta e o papel, senta-se e nada vem, e nem virá. Ainda não é o tempo.

Era assim que eu estava na manhã desta quarta-feira (*dia 28 de outubro*) enquanto me preparava e esperava os primeiros atendimentos do dia. O bater da porta interrompeu momentaneamente minha angústia. Por ela entra uma mãe, me procurando pela primeira vez. Ela trazia consigo uma preocupação *abraçada pelo desamparo* em querer saber se seu filho tinha algo que pudesse o atrapalhar a ser como as outras crianças – *uma criança “normal”?* – eu me pergunto. Ela disse que seu filho, um menino de apenas 5 anos, apesar de ser educado e muito inteligente, mostra-se muito agitado. – *Ele é elétrico* - afirmou a mãe. Perguntei em que momentos ele é *“agitado”*. Ela respondeu que em quase todos, sobretudo quando está brincando com outras crianças. E continuou dizendo; as pessoas sempre falam da importância de eu me certificar se essa *agitação* é normal ou não. Dialogamos um pouco mais sobre suas queixas e terminamos a entrevista.

Curiosamente, a próxima pessoa a entrar no consultório também era uma mãe, que trazia uma questão semelhante àquela que acabara de escutar. Sua angústia era pela necessidade de se certificar se alguns comportamentos de seu filho, também com 5 anos, eram normais quando comparados aos de outras crianças. Mas ela trouxe algo diferente; disse que seu filho prefere ficar

¹ E-mail: lucasrgoncalvespsi@gmail.com

mais na dele e não é *agitado* como outras crianças. *Que coisa, não é?* Realidades desses nossos tempos... Tempos de uma intensa exigência social, produzida por narrativas medicalizantes, nas quais angústias do ser são transformadas em problemas a serem resolvidos e medicados, apagando a história de quem recebeu um nome para o seu “problema”, fazendo com que mães procurem profissionais para certificarem-se da normalidade ou não de seus filhos. As narrativas *medicalizantes* apontam para um equilíbrio de uma infância que não existe.

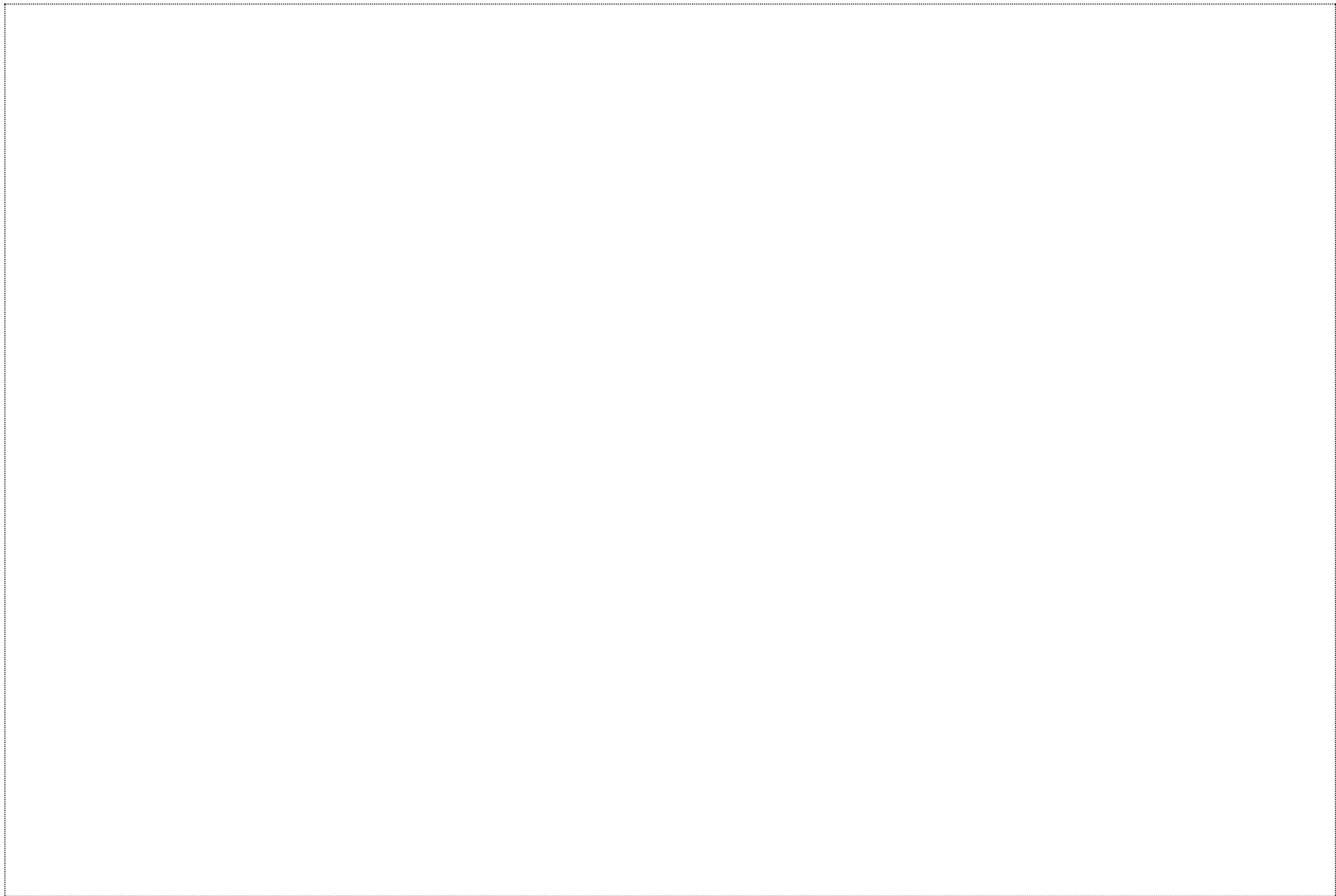
Esses discursos *medicalizantes* ao olhar a infância tomam como referência a temporalidade cronológica, que ao observar o desenvolvimento da criança se baseiam numa métrica do que deve ser alcançado em cada etapa da vida. O *tempo cronos* e suas aspirações “*etapistas*” construídas socialmente pelo crivo “*adultocêntrico*”, elabora critérios e padrões de comportamento, não dando conta de compreender uma condição humana essencial que é a *diversidade*, tramada no tempo e nos espaços geográficos, históricos e sociais. Tais construções “*etapistas*” e normativas que pretendem definir os tempos e os espaços infantis, pensam a existência a partir do paradigma biologizante determinista, isto é, uma naturalização dos padrões de comportamento, que são impostas às crianças a força, uma força que silencia, que não compreende.

Uma criança agitada demais, outra muito calma... a ideia do excesso de ser e estar no mundo ou o não excesso, não cabem no pensar “*adultocêntrico*”, que nega a diversidade tentando entender a infância como via única e natural. Tudo que escapa a isso, é definido como anormal. Como a angústia daquelas mães que procuravam responder questionamentos que não vinham somente delas, e sim de um intenso discurso sobre a infância, socialmente construído a partir de concepções universalizadas, pré-estabelecidas, que definem limites do que é a infância, de como ser criança, sendo muitas vezes a maneira mais eficaz de silenciá-las.

Quando percebemos que esses movimentos podem ser violentos à infância, tentamos (re)pensar e percorrer novos caminhos no sentido de romper com esse olhar normativo. Encontramos na Pedologia Histórico-Cultural de Vigotski indícios que nos apontam para um olhar outro, nos indicando o ***tempo histórico*** como aquele capaz de compreender a infância como diversidade.

O tempo histórico é o tempo que nos abre à possibilidade de olhar a infância com a curiosidade de quem não sabe. Um não saber que nos mostra a criança, a partir da sua própria história e não somente em sua expressão exterior. Essa temporalidade nos convida a olhar a vida em toda sua complexidade. Nessa perspectiva a criança não é silenciada, e sim nos silenciemos para compreender as diferentes infâncias.

Diante dos questionamentos trazidos pelas mães tentando certificar-se sobre a normalidade dos seus filhos, a resposta que emerge a partir de uma compreensão do tempo histórico é de que... *“Isso é a vida. Ela é mais profunda, mais ampla do que sua expressão exterior. Tudo nela muda. Tudo torna-se diferente. A principal coisa – sempre e agora, parece-me – é não identificar a vida com sua expressão exterior, e isso é tudo”* (Vigotski).



Infância, IBC e GRUPEGI

Luciana Maria Santos de Arruda¹

A minha infância foi de pé no chão correndo com outras crianças em ruas de barro no subúrbio da Leopoldina, zona norte do Rio de Janeiro, com muita poeira, e em outros momentos, com muita lama. Mas aquelas pernas finas e pequenas de uma criança feliz me levaram para muitos lugares e para muitas pessoas. Lugares e pessoas que me constituíram e que produziram muitas vivências.

As palavras são carregadas de histórias e geografias, e a minha infância de alguma forma foi assim: nas histórias contadas por meu pai, nas paisagens que pareciam tão gigantes quando saímos de casa para passear e principalmente quando as observava pela janela do ônibus.

Muitos caminhos dessas geografias me levaram até o Instituto Benjamin Constant (IBC), onde hoje sou professora de Geografia para pessoas com deficiência visual e onde já tive e ainda tenho muitos encontros e vivências com jovens, crianças e adultos. Nesse espaço, fui conhecendo tempo com histórias e geografias existentes e aprendendo com as crianças, apesar de não lecionar para elas.

Eu sempre as observava nos espaços da escola, e em outras ocasiões, acompanhando as professoras nas aulas de Geografia. Talvez não tenha tomado consciência disso, mas de alguma maneira eu e as crianças nos encontraríamos novamente em um outro momento, em que as nossas enunciações estariam novamente lado a lado.

¹ Professora de Geografia do Instituto Benjamin Constant. E-mail: luciana.maria.arruda@gmail.com

Paralelamente a minha caminhada no IBC, os encontros na minha história continuaram acontecendo e um dos mais importantes foi com o GRUPEGI, esse encontro só foi possível através de um amigo² que acreditou muito no meu trabalho. Foi um breve encontro, em que eu conheci a Geografia da Infância, na participação no Colóquio de Cartografia para Escolares, o primeiro em Juiz de Fora (MG), em 2009, no qual o professor Jader Janer Moreira Lopes, com o livro “Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa”, apresentava trabalhos com crianças, dos quais elas eram protagonistas.

Assim, vislumbrei uma possibilidade de trabalhar com as crianças no IBC, pesquisar a Geografia e todas as suas expressões espaciais, como as paisagens, os territórios, os lugares, as várias linguagens com crianças cegas e com baixa visão. Porém, não foi possível naquele momento, mas uma semente fora plantada.

Mais uma vez o meu grande amigo proporcionou o reencontro com o GRUPEGI, isso ocorreu com o artigo “Geografia na Infância para alunos com Deficiência Visual: a utilização de uma maquete multissensorial para a aprendizagem do conceito de paisagem”, foi o relato de uma experiência com as crianças do 1º ano em 2015 para o dossiê “Geografia na Educ. Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental”.

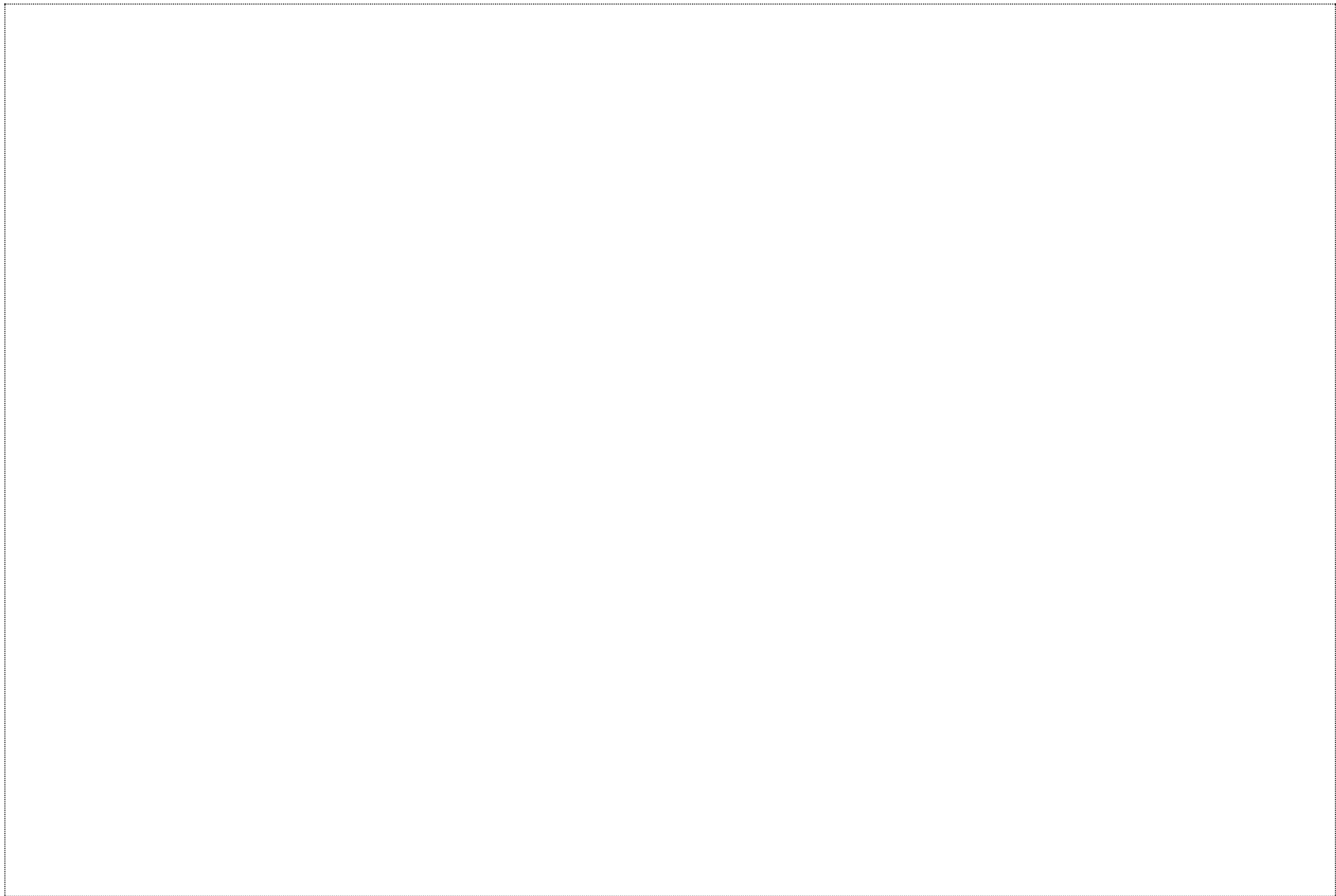
Foram vivências únicas, encontros recorrentes que produziram vida através das narrativas e das palavras vivas. Foi nessa incompletude do “meu ser” que fui afetada pelas pessoas que fazem parte desse grupo e me fazem acreditar que é possível a construção de um mundo melhor, onde todos os seres humanos são importantes e únicos.

Os meus agradecimentos ao professor Jader Janer, a todas as pessoas do GRUPEGI. A minha gratidão por fazer parte dessa história e dessa caminhada.

² Professor Márcio da Costa Berbat (*in memoriam*).



Descrição da Foto: Fotografia da Praça dos Ledores, onde aparece uma cobertura de acrílico sustentada por vigas de madeira, sobre uma área cimentada rodeada por árvores. À esquerda, separado por uma tela de arame, um parquinho com dois brinquedos de plástico: um escorregador e uma casinha. Ao fundo, um banco de cimento e parte do primeiro e segundo pavimentos do prédio do IBC.



Lapsos espaciais, paisagens de infância

Luiz Miguel Pereira¹

Nestes 10 anos de vivências no GRUPEGI-UFF, participando desde sua fundação, iniciei os estudos sobre infância, crianças e suas geografias, portanto, minha gratidão a todos.

Ao me deparar com algumas memórias na infância, dou-lhes sentidos possíveis, e hoje tenho a clareza de que estava sendo apresentado ao mundo, através de suas paisagens e lugares de vivências. Recorro, portanto, com ênfase reflexiva, aos aspectos do inacabamento humano e suas precariedades.

Memórias não lembradas

Eu não tenho memórias de minha irmã Judite, ela faleceu em 1960 com 5 anos, eu estava com dois. Conheço-a através das narrativas de minha mãe. Todas as vezes que penso nela me ocorre uma atmosfera saudosista e aqui me refiro à unidade afeto-intelecto com inspiração em Vigotski (2010). Imagino-a uma criança feliz, saltitante, saudável, ela gostava muito de cantar os hinos que ouvia na igreja e as cantigas populares que mamãe cantava em casa. Das narrativas ouvidas de que me recordo, Judite assistia aos cortejos fúnebres de crianças que passavam na estrada. Como morávamos perto do cemitério, das janelas da nossa casa, víamos os movimentos, ela cantava os hinos que sabia, saudando o cortejo. Aquelas crianças faleceram com a mesma doença

¹ e-mail: luizmiguel@gmail.com

que ela. Sua morte foi súbita e triste, ocasionada por problemas de estômago, provavelmente desinteira, provocada por uma virose que circulou naquele período, que levou muitas crianças morrerem à morte. Morreu sem assistência médica.

Ela brincava comigo e, por ser a mais próxima de minha idade, imagino que foi aquela criança que me pegou pela mão e vivenciamos juntos o cuidado, a atenção, as cantigas, a vida, enfim. Saudades.

“Brincanças”² e penicos

Nas minhas andanças e “brincanças” pelo sítio onde morávamos, certa vez, fui brincar perto de uma cerca de aveloz e, num lapso de atitude, um dos caules se partiu e derramou o leite em minha mão. Instintivamente, num ato impensado, cocei os meus olhos e a minha visão foi ficando ligeiramente embaçada. Corri pra casa chorando e falando o que acontecera. Lembro que papai estava em casa e me levou na farmácia da vila. Depois, quando voltamos para casa, ele me deu uma bronca. A minha visão foi se recuperando lentamente e somente voltei a enxergar totalmente no dia seguinte, foi um susto. Desde então, tenho o maior cuidado com o aveloz; tenho uma muda em vaso para cultivar essa memória.

Aquele arbusto fazia parte da cerca viva do banheiro que se localizava do lado de fora da casa, a mais ou menos 30 metros da porta dos fundos. Lembro-me de um pé de mulungu na entrada, entre outras plantas do agreste pernambucano. Era composto por um grande buraco com um tronco grosso de árvore, onde nos agachávamos para fazermos as necessidades fisiológicas de excreções. As condições sanitárias eram horríveis. Lembro-me do uso de pinico, revestido de ágata, e do ritual de levar seu conteúdo, para jogar no banheiro, todas as manhãs.

² Neologismo que pode ser entendido por brincadeira de crianças.

Colagem de papel fotográfico



Fonte: André Evangelista, 2020

Nossa família tinha uma barraca de caldo-de-cana na feira de Mandacaru. Eu, com uns três anos, certa vez, estava na barraca com papai e pedi para voltar para casa, que ficava perto. Quando estava voltando, na barraca da última feirante, que praticamente ficava quase em frente ao nosso pequeno sítio, que vendia panelas, potes e brinquedos feitos de barro, meus olhos se fixaram num peniquinho muito bonito de barro. Meticulosamente, me agachei, peguei o brinquedo e fui para casa, como se nada tivesse acontecido. Ao chegar em casa, minha mãe me interrogou e falei o que tinha acontecido. Ela me fez voltar com o peniquinho e devolver para a feirante. Lembro da gravidade do fato e dos alertas de que nunca mais eu fizesse aquilo. A feirante comentou que era coisa de criança, me deu de presente, mas minha mãe não aceitou. Uma das primeiras lições de moralidade, ela falava: “podemos ser pobres, mas temos a dignidade de não roubar, além de ser pecado”. Fiquei muito impactado com o movimento que uma ação minha provocou.

Educação e infantil e sustentabilidade: tudo a ver!!!

Marcelo Pereira Marujo¹

Inicialmente, faz-se mister registrar que conhecer o empreendedor do GRUPEGI - Jader Jane - foi muito bom, isso por se tratar de um ser humano generoso, proficiente e capaz de enxergar o mundo em sua totalidade e por ângulos diferentes.

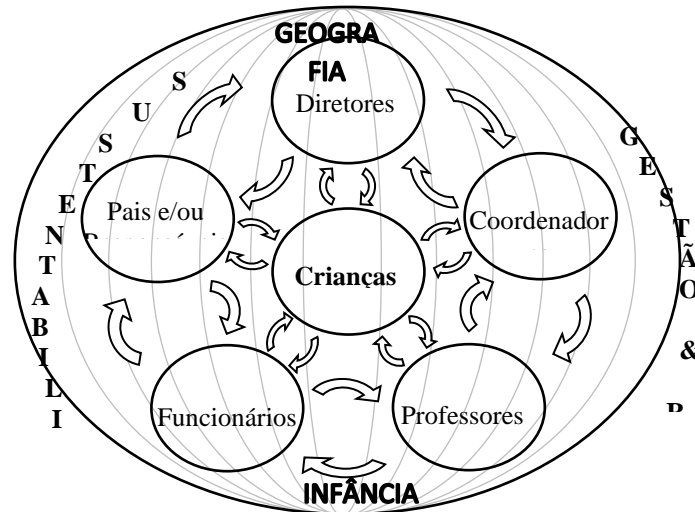
Como doutorando pude me inserir no mundo da cartografia em uma outra dimensão - educação infantil -, condição que se coadunou com a minha formação de cartógrafo profissional. Assim, ratifica-se que esta condição nos possibilitou mais proximidade e envolvimento profissional para “desenhar” uma trajetória interessante, uma Educação Infantil orientada pela perspectiva da sustentabilidade.

Doravante, em um Estágio de Pós-Doutoramento na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a Supervisão do Jader, juntos repensamos um “desenho” de Pesquisa interessante e inovador que pudesse integrar a Educação Infantil e a Sustentabilidade, a partir do protagonismo das crianças.

Foi esta condição que impulsionou a pesquisa e nos proporcionou bons frutos e ainda continuam sendo a base, embora em outra dimensão - Ensino Superior -, para se repensar a sustentabilidade enquanto cultura necessária e provedora de Responsabilidade Socioambiental.

¹ Fundação Cesgranrio - E-mail: marcelo.orientador@uol.com.br

Fluxo rizomático geo histórico-cultural do (co)protagonismo das crianças na Educação Infantil



Foi esta condição que impulsionou a pesquisa e nos proporcionou bons frutos e ainda continuam sendo a base, embora em outra dimensão - Ensino Superior -, para se repensar a sustentabilidade enquanto cultura necessária e provedora de Responsabilidade Socioambiental.

A partir daqui apresenta-se o mapeamento dessa referida pesquisa.

O campo da investigação se materializou em 3 (três) Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI), na cidade de Niterói – RJ, onde pudemos trabalhar imersos, necessariamente, buscando a expressão e o protagonismo das crianças sobre as expressivas temáticas: gestão e sustentabilidade.

Todas essas apreensões de informações foram através de desenhos de todas as crianças, isso após uma exposição interativa a fim de conhecer o que pensam sobre a gestão e a sustentabilidade.

Em relação a uma gestão sustentável, o nosso entendimento buscou integrar as áreas funcionais da gestão - recursos humanos, logística, marketing, finanças e pesquisa e desenvolvimento (PD) - e a sustentabilidade em suas dimensões – política, social, ambiental econômica e cultural. Nessa direção objetivou-se mapear o que pensam as crianças, essencialmente, a partir da materialização de seus desenhos sobre o objeto de estudo da pesquisa: Gestão Sustentável na Educação Infantil.

Seguem alguns desenhos que foram criados a partir de uma narrativa prévia com a finalidade de suscitar o desejo expresso pelas protagonistas, desse potencial nível de ensino – Educação Infantil -, os quais integraram as supracitadas áreas funcionais e dimensões.

Ademais, no ano seguinte todo este estudo foi base para a composição de um Projeto de Pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) para buscar financiamento para o desenvolvimento de uma pesquisa integrando a inovação.

Crianças com suas expressões sobre Gestão e Sustentabilidade.

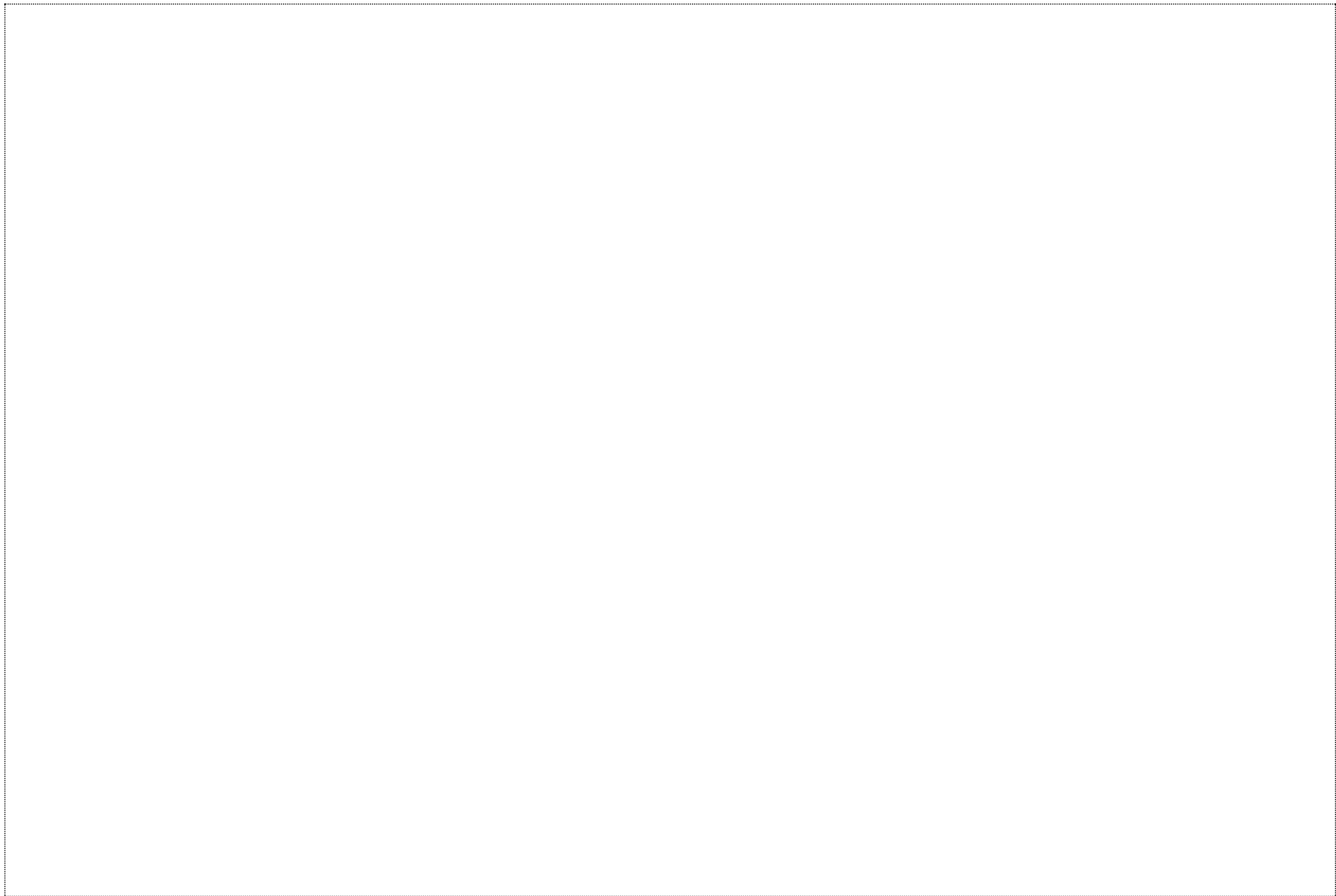
App Gestão Sustentável da Educação Infantil



O Projeto intitulado Software para a Gestão Sustentável para as Escolas de Educação Infantil do Rio de Janeiro foi submetido à FAPERJ e foi aprovado e, conseqüentemente, o projeto desenvolvido e convertido em um aplicativo (App).

Para tanto, evidencia-se a trilogia importante - gestão da educação infantil, sustentabilidade e inovação - para o empreendimento de uma Educação Infantil mais responsável e compromissada com o socioambiental e com o ecossistema integral, sobretudo, por se tratar de uma questão para a nossa sobrevivência.

Portanto, o produto da pesquisa, um App para a gestão sustentável da Educação Infantil funciona como fluxo contínuo de informações, onde mensura continuamente a integração de todas as informações, sempre com a intenção de apresentar o nível de sustentabilidade da gestão das Escolas. Enfim, acredita-se que uma gestão sustentável na Educação Infantil contribuirá com o empreendimento de uma cultura sustentável capaz de favorecer a promoção de uma vida mais digna para todos.



**Espacialização da vida na cidade de Juiz de Fora
-¡Y todo lo propiciaba él!**

Marcos Chica Díaz¹

Mercado Municipal de Juiz de Fora



Acervo pessoal do autor.

¹ Profesor en el CEIP Seis de Diciembre de Alcobendas, Madrid. Estudiante de doctorado en la Universidad Autónoma de Madrid.
marcos.chicadiaz@educa.madrid.org - marcoschicadiaz@gmail.com
<https://www.educa2.madrid.org/web/centro.cp.seisdediciembre.alcobendas>

¿Qué entendemos por espacialización?

La espacialización puede definirse desde varias perspectivas geográficas e históricas, pero siempre con un criterio común, ya que se suceden en un espacio y tiempo concreto. Este espacio social determina múltiples factores que a su vez narran diversos paisajes culturales, humanísticos y geográficos. Desde mi experiencia personal, la espacialidad se extrapola a un concepto que podemos denominar *espacialidad de vida* durante mi estancia en Brasil y una relación directa con el grupo de investigación Grupegi. Esta asociación se da a través de una vivencia natural, con entusiasmo y quizás, un extraño *desasosiego*, por no saber qué sucedería, pero que, indudablemente traspasó mis esquemas en un sentido positivo, luego no esperaba como una experiencia *espacio-temporal* breve *en el tiempo*, pero distante *en el espacio* a mi ecosistema habitual, preexistiese en todos los sentidos. Desde el primer momento que pisé la tierra de Brasil, el recibimiento fue verdaderamente sorprendente.

La *espacialidad de vida* queda expresada en una primera mirada, en una primera sonrisa o en un primer abrazo (de los muchos que recibí). Y así fue cuando me encontré con una de las personas que forman parte de Grupegi, Luis Miguel. Sus primeras palabras y miradas, hicieron que fuera tomando una concienciación realmente espacializada, pues cabe más allá descubrir un espacio totalmente distinto en el que uno vive y en cómo sus habitantes te van adentrando en su espacialidad, en una relación socio-cultural, en un paisaje, en una arquitectura diferente y en otras costumbres; las sensaciones que provoca contemplar un lugar desconocido y llegar a sentirte parte de él, según vivencias esos espacios vividos, deja anexionado esa espacialidad a la que nos referimos en lo más profundo de tu ser.

- ¡Y *todo lo propiciaba él! Me decía a mí mismo.*

Así es como después de pocas semanas, comencé a entender el concepto de espacialización, según vivía y me relacionaba en otro entorno y con otras personas

Lunes 4 de marzo:

El asiento del autobús se tambaleaba todos los lunes a las 7 de la mañana. recordaba a aquellos viajes con mochila puesta a la espalda que recorres conociendo distintos territorios del planeta; Primero, cogíamos un coche-Uber a las 5.30 horas, normalmente negro, unas veces conducido por mujeres, otras por hombres que se ganan la vida diariamente para subsistir en la ciudad atestada de multitud de personas. Llegando a la estación del norte de Juiz de Fora, conversaba siempre con el conductor como si le conociera de hace tiempo. La conversación era cotidiana, sencilla, del día a día. Esta humanidad me asombraba de verás, me preguntaba a mí mismo si realmente se conocían.

- ¡Y todo lo propiciaba él! Me decía a mí mismo.

Los demás lunes, pude comprobar que no. Él era así. Lo evidencié muchas veces cuando los dos juntos marchábamos a Río de Janeiro en tres horas de camino, bajando sinuosas curvas por la sierra de Petrópolis. Una vez allí, cogíamos otro bus destino a Nitéroí, dónde cruzábamos el puente Río-Niterói con sus impresionantes soportes anclados en la ría que atraviesa como si fuese un circuito de carreras atestados de carros, camiones y motos. Cuando llegábamos a la estación de Niterói, mi asombro crecía por la magnitud de personas que deambulaban hacía miles de rumbos, cada una de ellas con una historia que contar en un espacio de vida diferente, pero con narrativas coincidentes entre sí. Este era un momento de encuentro; Primero aparecía Luis Miguel, dándonos abrazos enormes que nos encogía el corazón y con su eterna sonrisa. Caminábamos los tres hacia la Universidad UFF.

-Hay que almorzar Marcos, ¿tienes hambre? - ¡Y todo lo propiciaba él!

De pronto, sentados en el restaurante aparecían numerosos colegas, como Víctor, o Luciana, o Emilia... nunca sabía quién podía asomar, pero sí sabía que el momento era especial, que se respiraba una unión, unas ideas comunes, un espacio y un tiempo de escucha, de reflexión; El almuerzo era buenísimo, con mucho sabor, color, gustos, aromas. Todo era nuevo para mí. Había que coger fuerzas para el siguiente momento.

-¡Y todo lo propiciaba él! Me decía a mí mismo.

En la Creche adherida a la Universidad UFF, se impartían las clases para reflexionar sobre investigaciones con Bebés y crianzas; un grupo de profesores de diversas especialidades, psicólogos, directoras y coordinadoras de escuelas infantiles, educadoras, doctores, maestras, profesores, estudiantes de doctorado. Todos confluyen en un mismo espacio y tiempo para un mismo fin, aprender. En un periodo de tiempo relativamente corto, entré a formar parte de este grupo de pesquisadores, guiado por la misma persona.

*- ¡Qué enriquecedor, pensé! Es una oportunidad única para saber cómo lo hacen ellos
¡Y todo lo propiciaba él!*

En el bus de vuelta, siempre dormíamos, llegábamos casi a las 11 de la noche, sin duda un largo y gran día. Nos despedíamos hasta el día siguiente, que nos encontrábamos para comer en la Universidad, pues a las 6 de la mañana estaba preparándome para realizar mi trabajo de campo en la escuela de Alberto García Marques.

-Sí, ¡Y todo lo propiciaba él!

Todos los martes y miércoles y algunos viernes acudía a observar como coexistir en tiempo y espacio en un lugar concreto con otras personas y sobre todo con niños. Esa magia que denotan en su relación con los otros y en sus múltiples manifestaciones comunicativas, son sorprendentes. Me acogieron como si me conociesen desde siempre, desde el primer niño que me dedicó una inmensa sonrisa hasta la última profesora de allí. Esos momentos vividos, forman la espacialidad en su dimensión.

-Otra vez de nuevo me decía: ¡Y todo lo propiciaba él!

En la UFJF todos Los jueves quincenales, se reunía el grupo de Grupegi para comentar un texto que nos enviaba con mucho entusiasmo. Allí aparecía mucha gente; Este espacio de aprendizaje lograba que la profesión de ser profesor se lleva dentro de uno mismo, pues es una vocación que un día aparece y sientes que pertenecer a la enseñanza, tanto como investigador, profesor, maestro o docente es algo que compartes con muchas personas que te unen con un fin común.

-Que buen grupo de personas, pensé, ¡Y todo lo propiciaba él!

Las semanas pasaban y los encuentros con otros profesionales iban sucediéndose: Más colegios, más reuniones, más instituciones, más lugares, más encuentros, más paisajes, más pedagogía.

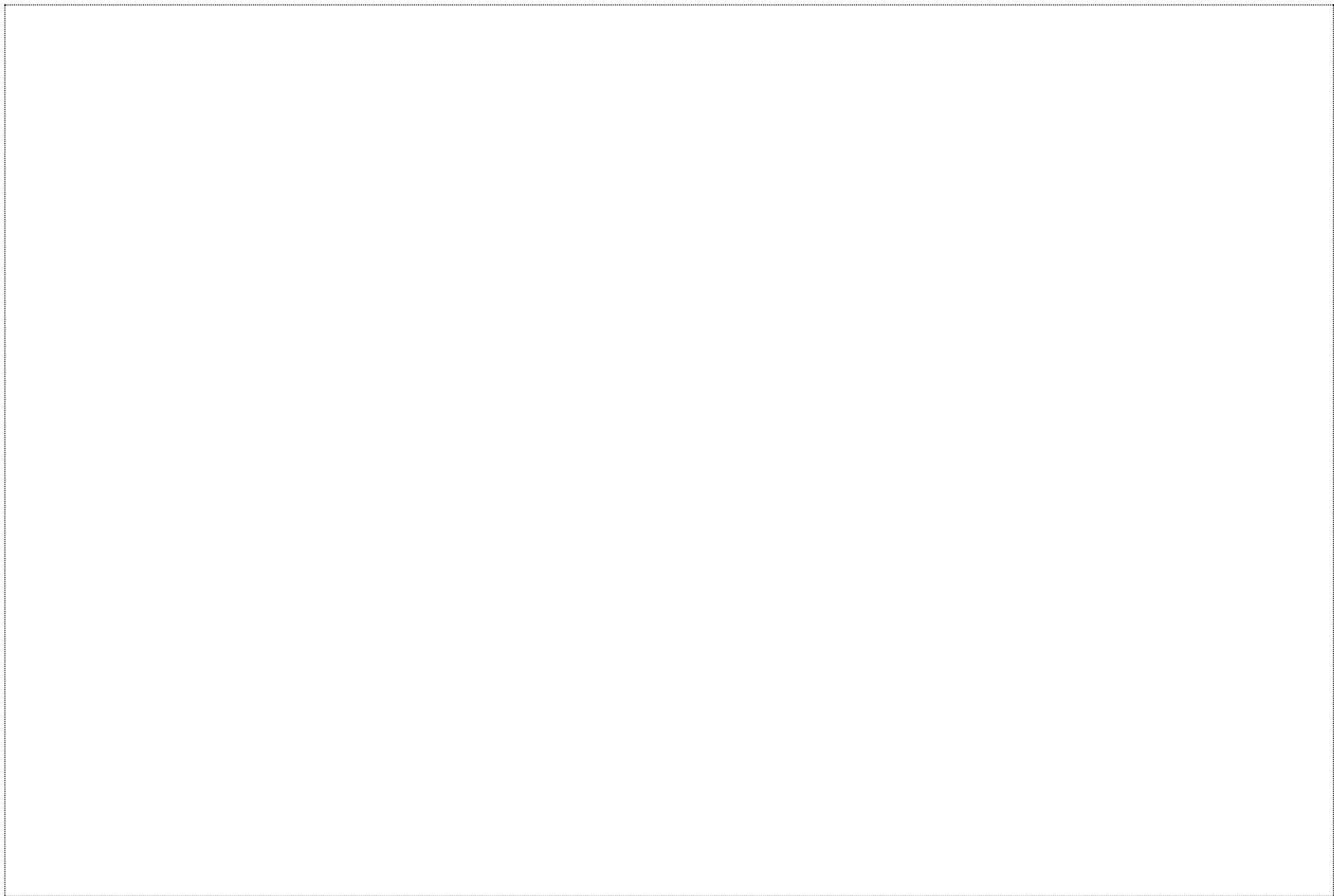
-Qué maravilla de país. ¡Y todo lo propiciaba él!

Realmente, mi espacialidad en Grupegi fue muy profunda, a pesar del breve tiempo que pasé con todos ellos, en concreto, tres meses. Tres meses intensos que fueron muy productivos; así formé parte como ilustrador en un cuento que publicamos y presentamos en un congreso; también colaboré en un artículo que escribimos posteriormente a la actividad realizada con familias en fabricar casi 400 caballos de juguetes para todos los alumnos de la escuela dónde realizaba mi trabajo de campo; además, en la Universidad UFJF colaboré en la impartición de conferencias; También presencié varios éxitos de colegas sobre sus defensas de Tesis; pude contemplar la grandiosidad del funcionamiento del Instituto de Benjamín Constan y cómo sus profesionales se vuelcan en crear una espacialidad propia en niños que perciben con sus sentidos cómo se organiza la vida y el espacio sin poder verlo con sus propios ojos, pero sí sentirlos. Y como despedida, organizó un fin de semana inolvidable en Tiradentes con gran parte de esas personas, que, de alguna manera, forman parte de Grupegi.

¡Y todo lo propiciaba él!

Todos los que integran este grupo saben el potencial que existe, pues cada uno representa parte de un entramado educativo que ayuda a la construcción de la infancia como sociedad propia en el espacio y tiempo.

¡Y todo lo propiciaba él! Gracias Jader. Gracias por propiciar todos estos encuentros de espacialidad, Todo mi agradecimiento de corazón.



Um espaço de acolhimento

Marcos Suel Zanette¹

Aceite como amigo minhas cordiais felicitações pelo décimo aniversário do GRUPEGI/UFF-UFJF. Minha satisfação e gratidão por ter sido acolhido, como orientando, no grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* da UFF (Universidade Federal Fluminense), no curso de Doutorado, com um projeto de pesquisa que abordou o tema “espaço”, no Campo de Confluência *Linguagem, Subjetividade e Cultura*. Eu sou um dos seus primeiros orientandos no Doutorado, na UFF, e grande leitor e admirador de todo o trabalho desenvolvido e coordenado pelo Professor Dr. Jader Janer Moreira Lopes.

As minhas vivências do conhecimento pedagógico perante a formação acadêmica, bem como a atuação profissional, suscitaram-me vislumbrar maior aporte teórico para a condução de uma pesquisa na área educacional, a fim de me aparelhar tanto em pesquisa bibliográfica quanto empírica, pela qual a pesquisa de tese resultou no seguinte título: “Espaço habitado e o espaço que nos habita: dizeres da espacialidade na fala das educadoras de creches”.

Através da orientação do professor Jader, o objeto de pesquisa teve como foco compreender os fundamentos epistemológicos do campo filosófico, subjacentes à compreensão do espaço, que se desvelaram nos dizeres das educadoras. Os locais escolhidos consistiram em diversas creches, no Município de Juiz de Fora/MG.

Como pesquisador e leitor de textos reflexivos sobre a educação das crianças pequenas, busquei articular a palavra espaço, que se apresentou ao longo da tradição filosófica, nos diversos teóricos que a abordaram. Nessa investigação, procurei captar o

¹ E-mail: suelzanette@gmail.com

ponto de vista das educadoras e coordenadoras, ouvindo-as em suas inquietações, perspectivas e angústias. A fim de identificar as concepções de espaço, enquanto ambiente favorável ao desenvolvimento integral das crianças.

Para analisar os dizeres dos enunciados, tornou-se pertinente recorrer a outros campos teóricos, além da abordagem especificamente filosófica. Para isso, necessitei deslocar da pergunta “o que é o espaço” – que, na história da filosofia vários pensadores perguntaram – para outra, “como a questão do espaço aparece no discurso das entrevistadas” – questão pertinente à filosofia da educação.

Nesse sentido, a pesquisa foi estruturada na seguinte ordem: fundamentação teórica que justificaram informações das matrizes sobre as quais fundamentam as concepções de espaço identificadas nas narrativas das culturas judaico-cristã, greco-romana e medieval, moderna e contemporânea; pesquisa qualitativa, enquanto um instrumento metodológico e um percurso histórico em Educação, com avanços e rupturas nos campos teóricos; em que sentido a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a construção de dados desta pesquisa; a realização das entrevistas de campo nas creches; o processo de integração das instituições de Educação Infantil aos sistemas de ensino; levantamento das legendas para as transcrições, as categorias temáticas, os exemplos de descrição de dados integrais, a codificação dos achados de campo e as análises interpretativas dos dados construídos a partir dos dizeres das educadoras entrevistadas, individualmente e em grupo. E, por fim, imagens dos espaços físicos das creches visitadas durante a realização da investigação.

Venho, então, agradecer a oportunidade e a orientação de pesquisa, a qual me proporcionou abrir novas veredas na minha vida profissional e subjetiva.

Caminhar e construir o caminho

Maria Lidia Bueno Fernandes¹

Que prazer construir este texto em comemoração aos 10 anos do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI. Em tempos de crise e de quase desesperança é alentador, parar para pensar nos ensinamentos referentes aos “espaços-tempos desacostumados” pelo olhar das crianças, na força da agência e do protagonismo das “crianças cidadeiras”, no convite à experiência autoral e singular, na relevância da topogênese no processo constitutivo do ser humano, nos mapas vivenciais e seu poder revelador dos espaços-tempos infantis, bem como na abrangência e relevância das cartografias, entre tantas outras. (Lopes, obras diversas).

Este texto, elenca alguns dos conceitos que vem sendo cunhados e aprofundados pelas pesquisas desenvolvidas pelo GRUPEGI, seus pesquisadores e parceiros, o caminhar desse grupo, abriu e abre caminhos para que os estudos sociais da infância no Brasil incorporem a dimensão espacial, compreendida como indissociável da vida, e de onde a vida se origina, possibilita ainda que conceitos-chave do campo do conhecimento da geografia sejam acessados: paisagem – como manifestação do espaço geográfico e porta de entrada para leitura do mundo; território – como manifestação histórica a partir das relações de poder (concreto e simbólico); e, lugar - como manifestação do acontecer solidário. A linguagem cartográfica em diversas dimensões: mapas vivenciais e cartografias tátil, sonora e olfativa, entre outras também é acionada pelo grupo.

Impossível expressar ou medir a importância do trabalho desse grupo em suas múltiplas dimensões: formação de professores e pesquisadores, realização de pesquisa que visibiliza e ausculta as vozes e experiências das crianças, formulação,

¹ Universidade de Brasília, lidia_f@uol.com.br.

acompanhamento e provocação de políticas públicas envolvendo as questões que afetam as crianças, a aproximação com escolas, creches e institutos para atuar e pesquisar de forma consistente, a promoção de atividades que articulam pesquisadores em âmbito nacional e internacional, bem como engajamento em movimentos interdisciplinares para que se compreenda as infâncias em sua pluralidade, opondo-se às tentativas de normalização e normatização do universo infantil e de seus espaços-tempos, entre muitos outros.

Assim, apoio-me no poeta Manoel de Barros que afirma “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós.” (Barros, 2008).

E, ao falar em encantamento é importante destacar a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural assumida pelo grupo que dá suporte às discussões sobre infância, em especial com os conceitos: de vivência (Perejivanie), de meio (Sredá) e de reelaboração criadora (Tvortcheskaia Pererabotka) que adensam as possibilidades de compreensão do meio como elemento constitutivo do ser humano. (Vigotski, obras diversas)

Gostaria de salientar a contribuição metodológica no que diz respeito à ética na pesquisa com crianças e, ao compromisso em “pesquisar com” as crianças e não sobre elas, que implica em assumir relações simétricas e horizontais na pesquisa.

Parabenizo o GRUPEGI e que venham mais muitos anos de luta e compromisso com as crianças.

**Transformar o mundo, transformando as geografias
das infâncias no mundo**

Marisol Barenco de Mello¹

Colagem em papel, 2020



MELLO, Marisol²

¹ Professora da Faculdade de Educação da UFF. E-mail: sol.barenco@gmail.com

² Esta imagem faz parte do projeto de ilustração do livro Dezenove, de autoria de Fernanda Carneiro, no prelo.

O mundo, criação humana, se move em ondas e feixes de energia explosivas e reguladoras, que criam e que mantêm, que destroem e que refazem, mas nunca em planos homogêneos ou unitários. O mundo, invenção exclusivamente humana, se expande em processos imprevisíveis, que estilhaçam as ordens instituídas e as instituintes, e se retrai em momentos de decantamento de forças, criando culturas, linguagens, relações, humanidades. O mundo, ato responsável humano na rede ancestral da humanidade em relação com todo planeta vivo, é vida de segunda ordem, é resposta que produz possibilidades outras que as já dadas pela biosfera, é semiosfera – total possibilidade de criação e total possibilidade de destruição.

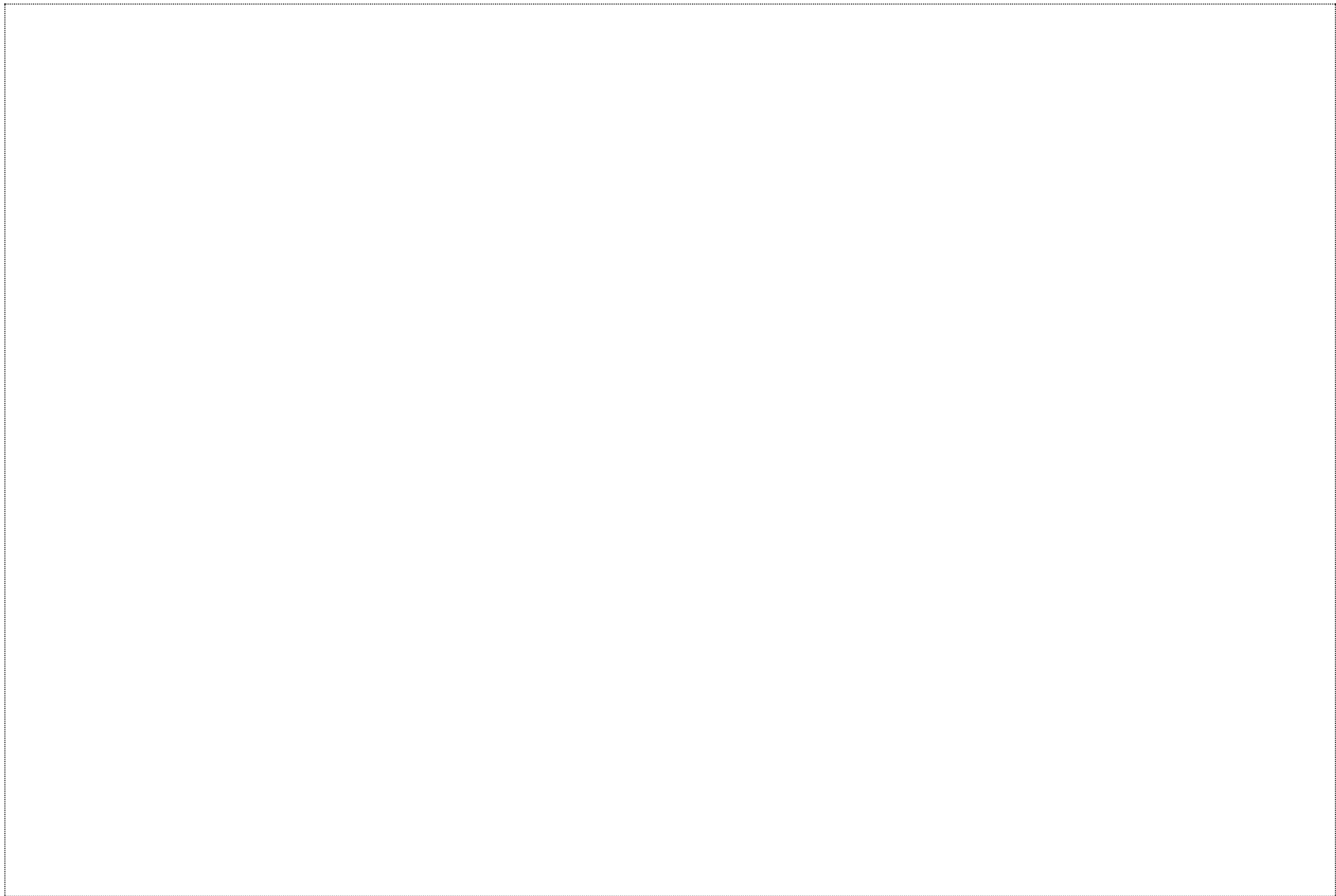
O que parece ser um cenário apocalíptico no parágrafo anterior trata-se tão-somente do estado das coisas dos seres humanos nas culturas. Nesse movimento respiratório centrípeto-centrífugo se produzem as linguagens, as artes, as culturas, e também as guerras, as formas da fome fabricada e das mortes em série industrial. Possibilidades criativas, instáveis, em permanente tensão e, acima de tudo, múltiplas. Não múltiplas como um plural, um coletivo ou um conjunto subordinado, mas múltiplas no sentido da *Umwelt* de Uexküll, ou seja, tantos mundos quantos sujeitos em ato responsável em luta pelos sentidos. Cada ser vivo, humano ou não humano, não apenas preenche um espaço com seu corpo, mas é ele mesmo um mundo singular e em relação com os demais. Por isso mesmo a vida é divergente, múltipla, multidirecional, tensa, energética, incontrolável, infinita. Como o é a infância. Que geografias positivistas e reducionistas poderiam “mapear” essa vida?

Há dez anos o Grupegi – grupo de pesquisas que constrói a agora consolidada área das Geografias das Infâncias – vem desenhando, em linguagens múltiplas, em frentes diversas de trabalho e em expansões imprevisíveis, uma outra possibilidade de compreender as humanidades.

Infâncias, para nós que temos o privilégio de conviver com essas potências de estudos, não se reduzem às fases da vida humana, muito menos à essa descrição fraca da fase da vida humana moderna, colonizada por todos os lados pelas instituições que servem ao capital, como a escola, por exemplo maior. Infâncias, para todos nós, trata-se dessa energia sobre a qual me demorei a desenhar nos primeiros parágrafos: a força mesma da vida em sua energia criativa, ativa e transformativa. Que em alguns

momentos parece estar em estado de decantamento. Como quando a criança obedece e vai ao quadro, repetir o que um adulto chamado professor quer que ela diga. Mas, olhando mais de perto, essa eleva-se sobre borboletas, sobre a força incorrigível da multidirecionalidade, imprevisibilidade, ou seja, a emergência e urgência do novo criativo.

Nesses dez anos de vida, o Grupegi, e principalmente o professor Jader Janer Moreira Lopes, vêm transformando o mundo, transformando as Geografias das Infâncias, portanto olhando na direção das possibilidades de criação e reinvenção, que, como o poeta Manoel de Barros, chama as borboletas para afigurar seus movimentos – para baixo, para o pequeno, para o que importa. Com o grupo de pesquisas Atos-UFF, e de dentro do Grupegi, acompanho e produzo tão de perto quanto possível essas aventuras heterocientíficas. Reaprendo os movimentos da vida nesse respirar que se eleva em borboletas, que se expande, explode para construir culturas em que a vida, em qualquer de suas expressões e possibilidades, encontre morada materna de dignidade, de beleza, de amor, de criação destemida, aberta e alteritária.



Do “*ser professora de crianças*” a “*pesquisadora com crianças*”

Mônica de Carvalho Teixeira¹

Começo lembrando que a Educação não foi meu ‘sonho de criança’, minha intensa vontade juvenil era fazer um curso de Medicina e me especializar em Pediatria, porém, o universo conspira e eu acredito ter abraçado a profissão correta para a minha vida. E nesse espaço, nesses movimentos de ir e vir, em situações de pausa, ingressei no curso de Pedagogia e fui alargando minha experiência no mundo, pois ao me deparar com a falta de conhecimento sobre Educação e Pedagogia, aproveitei meu tempo livre na própria universidade para estudar, ia para a biblioteca aprofundar os conhecimentos sobre os temas das aulas e buscar mais sobre aquele mundo em que estava entrando.

Estudei e acabei me especializando, por razões próprias, em Educação Infantil, até mesmo devido à escola da família que assumi a direção (mesmo sem a formação completa necessária). Era 1998 e, além da direção da escola, eu assumia minha primeira sala de aula como professora de crianças pequenas. Iniciei, assim, minha trajetória no magistério, tendo a felicidade de estar junto a crianças pequenas por 10 anos. Tive a melhor formação que poderia querer, afinal de contas, como distrair, entreter, dialogar, divertir, ensinar, acalantar, acolher, administrar conflitos, brincar, contar histórias, cantar com as crianças? Como fazer para que tivessem sua atenção em mim?

Ao me tornar professora de crianças pequenas, sinceramente, não sabia o que fazer, elas não chegaram até mim com um manual ou um panfleto explicativo. Por muitas vezes, pedi auxílio a profissionais já atuantes no ramo no intuito de indicarem um

¹ Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ) campus Três Rios e Centro Universitário de Valença (UNIFAA).
E-mail: monica3rios@yahoo.com.br.

caminho a seguir, o que fazer, como fazer. Não me preocupava com o porquê fazer, mas sim, dar conta de uma problemática imediata: as crianças estavam comigo, na minha sala, naquele momento e eu não sabia como desenvolver um trabalho junto a elas.

A Educação Infantil, as crianças e suas infâncias entram em minhas histórias e geografias e passam a me formar; o desejo de cursar Medicina se distanciava cada vez mais que densificava meu encontro com a Educação e com as crianças.

Ao ingressar no Doutorado em Educação, nasce o desejo de novamente me aproximar das crianças, de suas infâncias e geografias. Esta proximidade se concretiza a partir do momento em que retorno ao ambiente da educação infantil e no contato com as crianças sou novamente desafiada a pensar/repensar o universo infantil olhando a partir e para suas lógicas próprias, suas autorias e protagonismos. Em um primeiro momento, pensei ser fácil estar junto às crianças novamente, até mesmo por conta da minha experiência pregressa como professora da infância.

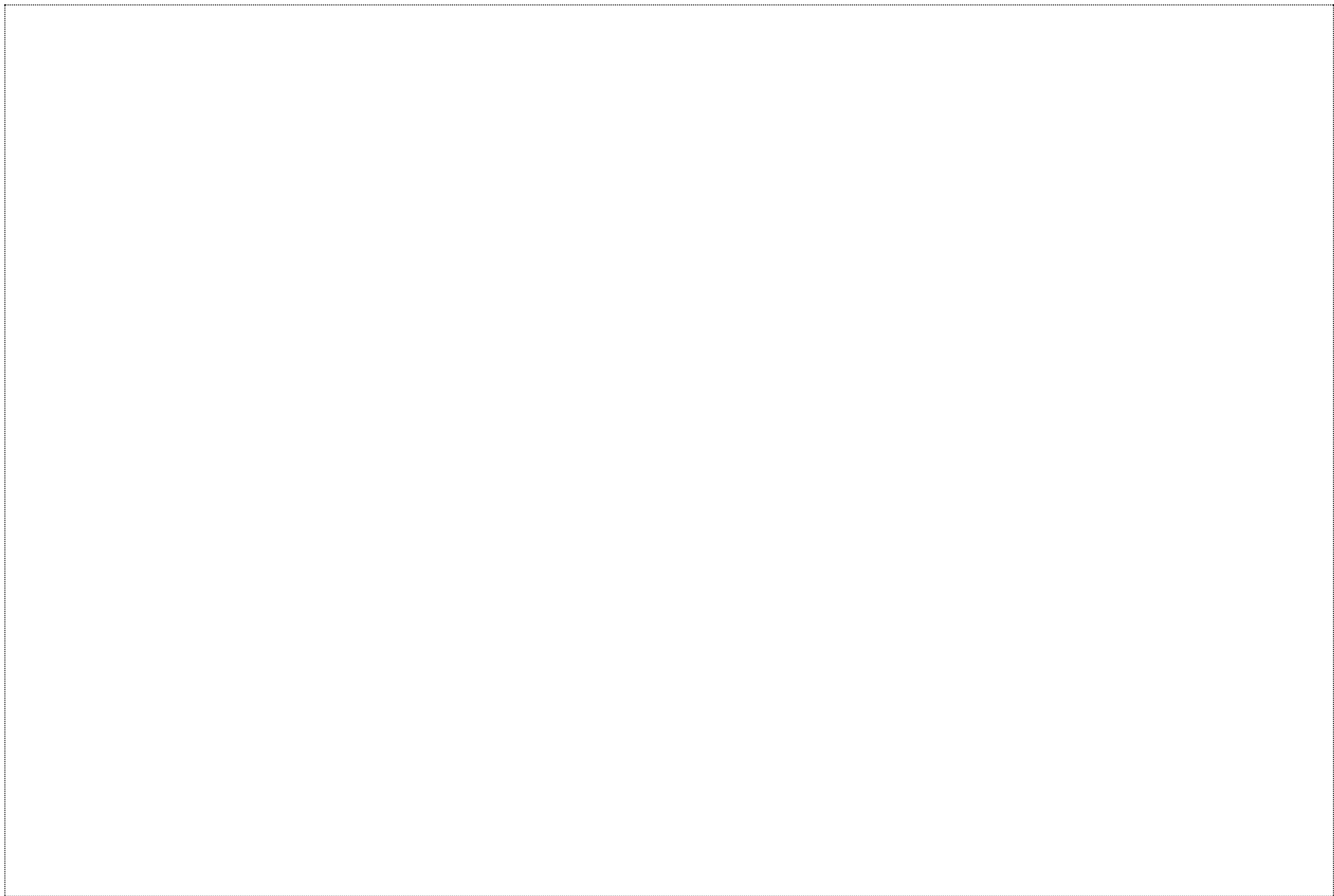
A pesquisa iniciou de uma maneira não pretendida. As crianças se reportavam a mim, requerendo ajuda para amarrar um tênis, para acompanhar uma ida ao banheiro ou apartar uma discussão com um colega. Minha ideia inicial era traçar a configuração do adulto atípico; mas, as crianças se comportaram comigo na tradicional relação criança/adulto. Foi difícil romper com os laços pré-estabelecidos de uma relação social e cultural constituída na base adultocêntrica. A mudança de postura foi uma conquista lenta. Fui professora de crianças pequenas, estar na situação de pesquisa com crianças pequenas foi abissalmente diferente. A minha inexperiência em pesquisar crianças aliada à experiência profissional de ter sido professora de crianças, gerou, em mim, uma frustração inicial na conduta da pesquisa. Fazer com que as crianças me vissem não mais como o adulto quebra galhos, foi delicado, pois me exigiu uma postura que até então não havia exercido.

Para a conquista de um posicionamento de fazer *com as crianças* e não *para as crianças*, as discussões geradas pelo Grupegi me auxiliaram muito. Um intenso ler, reler, pensar, repensar, agir e pensar na ação trouxeram para mim a segurança de uma ação educativa que construísse junto à criança, reforçando a união da teoria com a prática.

Retrato de um dia a dia na escola



Acervo pessoal da autora.



Vivências na e pela inclusão: um recorte dessa história

Nádia de Oliveira Ribas¹

Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.
(Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in “As palavras andantes”)

Em 1993, foi criado na Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora- SE-PJF, o Serviço de Educação Especial, por uma equipe arejada pelos ares dos encontros e documentos internacionais que preconizavam o acesso à educação para todos, e fundamentados teoricamente na perspectiva Histórico-Cultural.

Sou professora da PJF há alguns anos, e, inserida nesse contexto, participei ativamente dos cursos de formação oferecidos nessa perspectiva. Há alguns anos trabalho num setor bem específico, o Atendimento Educacional Especializado- AEE num Centro de Atendimento Educacional Especializado Oeste/Sudeste- CAEE.

Chegando ao GRUPEGI

7h 30min da manhã o portão do CAEE Oeste/Sudeste é aberto, um novo dia se inicia. Até às 8h, início dos atendimentos nas Salas de Recursos Multifuncionais do CAEE, a sala de espera, o pátio, que é um belo jardim, vão acolhendo famílias com seus filhos. A diversidade humana salta aos olhos de quem passa pelo portão, para nós que ali trabalhamos, são nossos alunos, únicos, singulares, com demandas variadas, com histórias e vivências variadas, com trejeitos e jeitos de se chegar até nós que exprimem

¹ Professora da Prefeitura de Juiz de Fora há 27 anos, Doutoranda em Educação pela UFJF. e-mail: nadiaribas.br@gmail.com.

os contatos, vínculos e afetos já construídos. Uns nos abraçam, outros correm, outros dão pulinhos, uns gritam, uns nos agarram pelas pernas, todos demonstrando um desejo imenso de vivenciar momentos de trocas e construção de novos conhecimentos e experiências, significados pela brincadeira, pelas atividades lúdicas.

Cada vez mais temos recebido alunos com laudos médicos das mais variadas deficiências, sendo que nos últimos anos têm aumentado a chegada de crianças com laudos de autismo, tema que tem sido foco dos meus estudos.

Mesmo após longos anos vividos em intensas discussões, estudos, reflexões sobre a inclusão, e, em tempos atuais, em que a racionalidade vem pairando sobre ideias que impõem que pessoas com deficiência devem se submeter incessantemente às terapias comportamentais que insistem em mudar comportamentos singulares para se tornarem comportamentos padrão, senti a necessidade de retomar os estudos, buscando reflexões sobre a Teoria Histórico-Cultural, que caminha num paradigma oposto a esse. Assim o GRUPEGI se apresentou em minha vida.

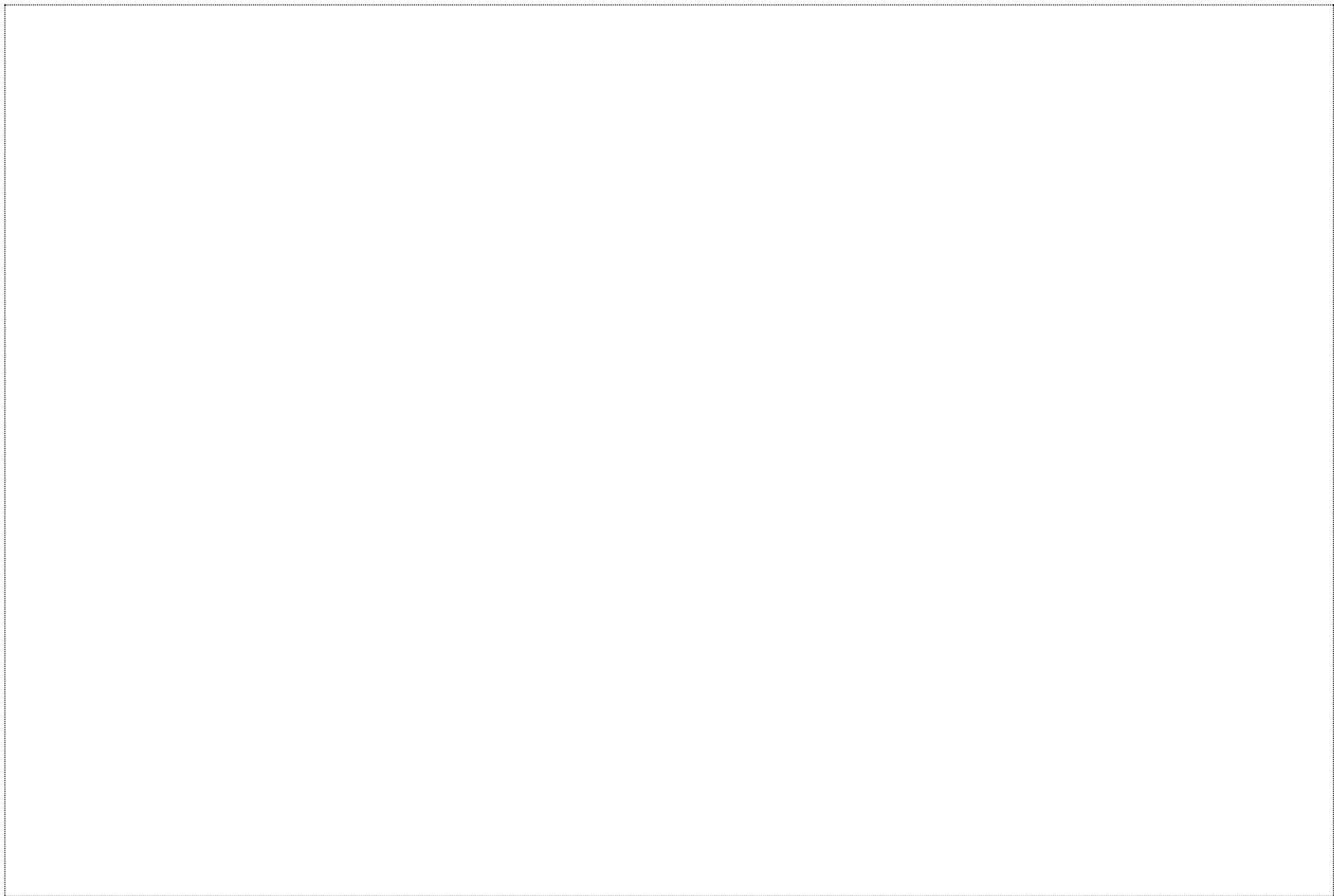
“Estar aberto não significa estar pronto”

No início do ano letivo de 2018 pensei em procurar o Professor Jader na UFJF, uma referência nas discussões sobre a Teoria Histórico Cultural na construção da proposta de Educação Inclusiva na Rede Municipal de JF. Foram dias pensando como “chegar até ele”. Pedi o contato dele à uma amiga em comum e me arrisquei, uma vez que o “não” já tinha, como diz o ditado popular. O sorriso tímido e ao mesmo tempo acolhedor do Professor dizendo: “Claro, venha sim estudar conosco!” me encheu de alegria, de expectativas. Fui, e fui bem acolhida por todo o grupo. Sentei-me, anotei tudo naquela “aula inicial”, as muitas referências bibliográficas, filmes, e ouvi as muitas histórias da construção desse grupo.

O afeto é arrebatador, ainda mais em tempos áridos. Fui chegando, falando das minhas fragilidades teóricas, mas também das muitas vivências escolares no caminho que busca entender o desenvolvimento humano, na prática como professora que atua com

a diversidade e a inclusão. O GRUPEGI foi acolhendo-me com carinho, mostrando-me que nunca estamos prontos, mas se estamos abertos a novos conhecimentos, à revisitar o que se incorporou na prática e que às vezes possa ter se enveredado por outro caminho, que não o do olhar humanizado para cada aluno, por conta das demandas do dia a dia nas escolas e nos CAEE`S, voltar aberta e desejosa aos estudos da Teoria Histórico-Cultural, podia e está sendo o desafio necessário para resgatar a utopia. Demos as mãos, e seguimos admirando a imensidão desse mar de diversidade, pois como diz Drummond : “... Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.” E nos completamos enquanto pares!





No meio do caminho havia uma pedrinha

Nilcéa Jenevain¹

Lá atrás daquele morro, lá longe, no começo do mundo, há muito tempo...

A maneira como começamos a contar uma história não é algo assim, como uma chuva que manda um trovão anunciar que ela está chegando em breve. É algo como o sol que, devagarinho, vai aparecendo no horizonte esquentando a manhã. Assim vieram para mim as lembranças que guardo de um tempo em que, sozinha, depois de dar um banho de bacia em minha boneca, colocava-a para dormir, fechava as abas da janela e a porta do quarto para que o sono não fosse interrompido por nenhum ruído. Enquanto isso, no meu tempo, suficiente para saborear a espera, andava pelo quintal e daí a pouco ia até a venda levando minha filha. Descia a escada de pedra que havia no canto do barranco e voltávamos juntas chupando amendoins embrulhados numa pequena trouxa de papel.

Num breve relato de minha infância, sozinha entre minhas espacialidades e tempos, vejo algo lá de longe presente em mim aqui, neste lugar, nestas mãos que acolheram a boneca, apagaram a luz, fecharam a janela e hoje escrevem.

Costureira de histórias que sou, já percebi que a inspiração para o próximo ponto, se será bordado, crochettato, tricotado, vem de surpresa ao meu encontro. Foi assim que esse recorte me chegou, quando procurei dar forma a este texto em que as palavras deveriam se unir em comemoração aos dez anos de existência de um grupo cuja essência passeia por questionamentos,

¹ Professora de Educação Infantil na E. M. Professor Carlos Alberto Marques – Juiz de Fora- MG. nilcebeatriz@gmail.com.

saberes, fazeres, emoções, sentimentos outros que me levam a refletir sobre as diferentes realidades das infâncias com as quais convivo enquanto professora.

Assim, da roda enorme no meio da rua de pedra, embaixo das estrelas, com medo apenas de minha mãe me chamar para entrar, agora, vejo-me cirandando ora numa roda de crianças, ora numa roda de adultos, expressando a vida através de mil linguagens. Minha boneca virou história, entre muitas outras que aprendi e inventei pela vida afora.

Certa vez, num momento de interação com as crianças, um menino veio me mostrar uma pedrinha que havia encontrado no chão, talvez pela forma, pelo brilho, pela cor, por algum motivo, tinha lhe chamado a atenção. “Olha, o que eu achei”! Respondi encantada: “Nossa! Como é linda! Uma bela pedra para iniciarmos uma coleção”! E “nunca mais” deixei de receber pedras. Coloquei-as num saquinho e, enquanto chegavam devagar, fui imaginando um lugar onde elas pudessem existir. O melhor aconchego que encontrei para abrigar tais pedrinhas foi dentro de uma história. Mais precisamente, dentro da barriga do lobo. Diante de olhos atentos, apresentei o cenário que iria compor a mata onde vivia a Dona Cabra com seus sete cabritinhos. “À beira do rio havia muitas flores, muitas árvores, muitos pássaros e muitas pedrinhas”. Foi quando abri um saquinho de seda transparente e espalhei aquelas pedrinhas tão conhecidas das crianças.

Quando penso nas vezes em que participei do GRUPEGI, me invade algo assim, como a sensação que tive junto às crianças, quando abri aquele saquinho que guardava preciosidades.

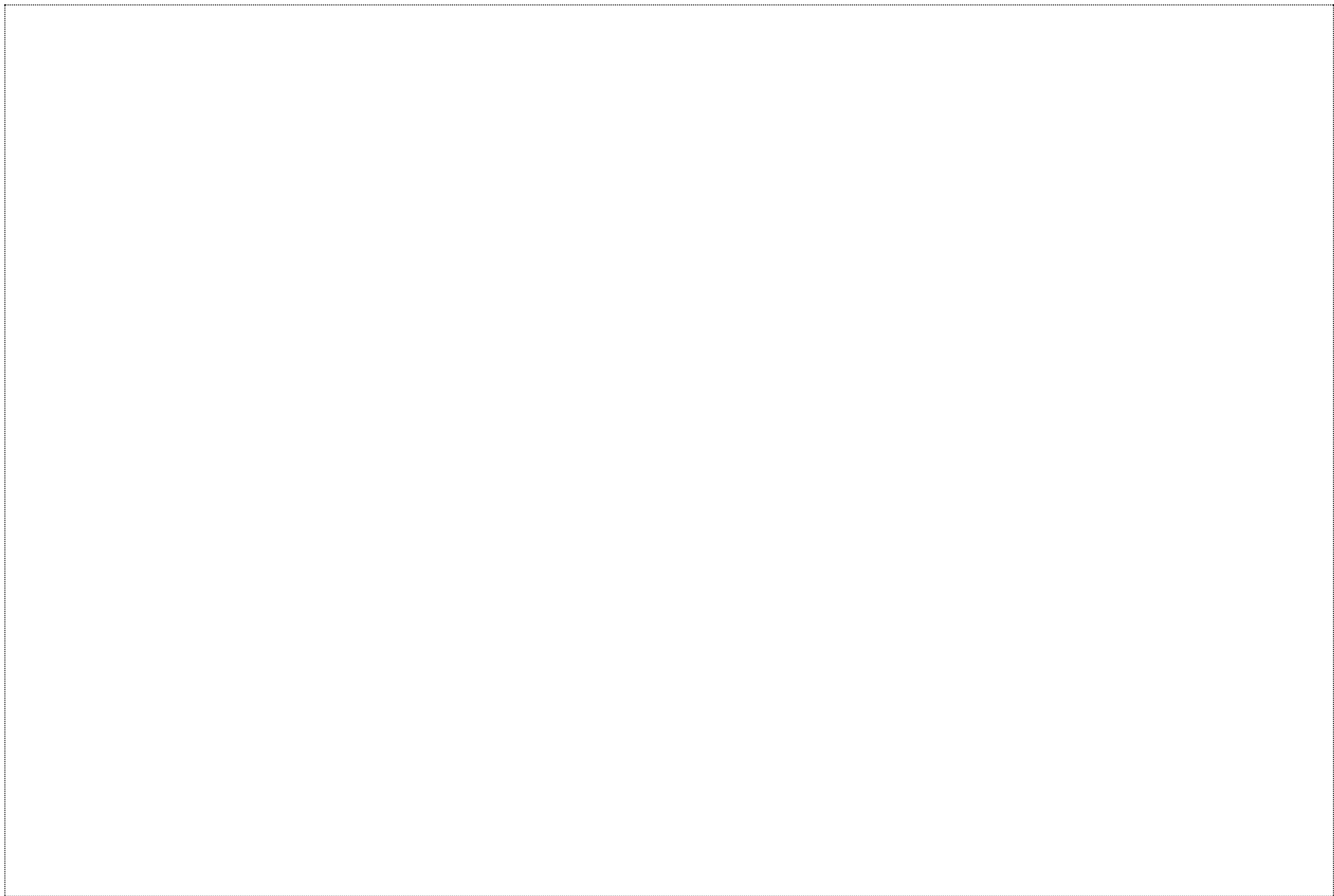
Muitas vezes, nesses dez anos de existência, fui instigada a procurar pedrinhas em mapas remendados e tive o espaço necessário para espalhá-las e lapidá-las através de reflexões e aprendizagens compartilhadas.

Posso dizer que minha experiência se compara a entrar na roda, trocar com o grupo e retomar o caminho com o olhar de quem procura, nas insignificâncias, o mesmo encanto que aquelas pedrinhas despertaram nas crianças.

Bastou a primeira pedrinha para os olhares se esticarem e encherem de sentido nossa história.



Acervo pessoal da autora



Apenas uma história

Oyagbemi Lewe¹

Morávamos em pequenas construções circulares feitas de barro, esterco, mato e raízes. Como grandes cabaças coloridas, cada casa era única e refletia o jeito de ser de cada família. À noite, quando nos recolhíamos em seu interior, sentia-me tão acalentada e protegida, como nos colos de nossas Iyas após um longo dia de brincadeiras. Atrás do círculo das casas, ao norte, erguiam-se as Grandes Rochas e a Floresta Sagrada. Os mais velhos diziam que as Grandes Rochas eram tão velhas quanto a própria Terra, que abrigaram muitos homens, plantas e animais antes de nós e que tinham muitas histórias para contar. Por isso, de tempos em tempos, um velho ou velha sumia, ora em direção aos Mirantes, ora para o interior da Mata Sagrada ou das Grandes Cavernas. Não nos preocupávamos, sabíamos que logo retornariam com muitas histórias para contar.

Meus antepassados protegeram-se da violência da escravidão no isolamento de Mata Seca, região do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Do trabalho e do conhecimento da natureza, retiraram o seu sustento e lá permaneceram por gerações. Quando nasci, éramos 15 famílias, cuidávamos da terra e de alguns animais, caçávamos, pescávamos... Ali tínhamos a forja, o tear e o grande pilão, dependíamos muito pouco das trocas com o mundo exterior. Nossas casas, fazíamos e refazíamos nós mesmos, juntos, em dias de muita batucada e cantoria. A comida era muito boa nesses dias também, era dia de feijão, peixe seco, pimenta e muito dendê.

Em algumas noites especiais, reuníamos-nos num pátio, no interior do círculo das casas. Pouco antes do pôr-do-sol, acendíamos uma fogueira que ardia até a madrugada. Aos poucos surgiam músicos, tambores e um bando de meninos e meninas

¹ e-mail: angeladeoya@gmail.com.

revoando a sua volta. Num piscar de olhos, uma grande roda se formava e uma dança única, marcada por um constante ir e vir ao redor da fogueira, tomava conta do pátio. Porque cada ser é uma contribuição única para a grande roda da vida, os mais velhos sempre incentivavam os mais novos e até os bebês dançavam ao colo ou às costas de suas Iyas. Não havia coreografia, ninguém liderava, apenas movíamos-nos transformando em gestos as palavras do tambor. Era um único movimento de individualidades que se complementavam. Dançávamos para e por nós mesmos pelo prazer de estarmos vivos e fortemente conectados a todos os seres da Natureza.

Lentamente os tambores silenciavam, enquanto o cheiro do mingau de araruta atraía uma revoada de crianças, felizes e famintas, em direção a grande roda. Cada criança estava ligada a alguns mais velhos por questão ancestral, mas na verdade, adotávamos uns outros tantos. O fato é que circulávamos ao redor da fogueira, de colo em colo, até achar aquele que estava mais de acordo com nosso humor no dia. Acomodados e saciados, em breve ouvíamos os tambores. Histórias... Íamos ter contação de histórias!

As narrativas dos velhos e velhas presentificavam a história dos nossos antepassados africanos, um universo único de cores, cheiros, sons e afetos. Uma outra terra no outro lado das Grandes Águas, uma outra mata, um outro rio, um outro povo, tão diferentes quanto iguais.

Décadas mais tarde, reencontrei muitas dessas histórias nos contos e cantigas da tradição africana. Nossos velhos não conheciam a escrita dos brancos. A sabedoria contida em suas histórias era transmitida oralmente por gerações e gerações de negros, que sequestrados das terras africanas, reescreveram e ressignificaram sua ancestralidade em solo brasileiro.

Desconstruções possíveis da medicalização na infância

Raquel Grazzinoli¹

Estávamos reunidos com a equipe da escola, conversando sobre Helena (nome fictício), 5 anos, aluna do 2º período da Educação Infantil. Como estávamos na secretaria em frente a sala dela, já tínhamos presenciado sua saída algumas vezes durante as atividades, acompanhada da estagiária. Numa dessas saídas, ela avistou-nos e veio até nós, com um fantoche nas mãos. Nos cumprimentou e apresentou-o dizendo que era seu amigo Rafael.

Iniciei um diálogo: O que estão fazendo na sala? Helena contou que estavam recortando, mas que Rafael, muito “bagunceiro”, tinha “estragado tudo”, “não sabia fazer nada”. Eu disse que podiam tentar fazer com a ajuda de um coleguinha ou da professora, ao que ela respondeu que não, que Rafael não conseguia porque “ele tinha um probleminha na cabeça”. Então questionei: Que problema, ele está com piolhos? Conheço um problema de cabeça: piolhos! E ela prontamente respondeu: Não, é uma coisa invisível, fica aqui dentro e apontou para a testa do fantoche, ele tem que tomar remédio.

Helena foi encaminhada ainda antes dos 4 anos ao Centro de Atendimento Educacional Especializado, devido a comportamento muito agitado/agressivo, relato de história familiar complexa.

Essa narrativa da criança e o motivo do encaminhamento feito pela escola podia passar despercebido (são tantos nesse mesmo viés), mas quero contar aqui um pouco do que me levou a refinar o olhar sobre situações como essa...

¹ Caece Oeste/Sudeste – Diae – Saedi – SE/PJF - Mestranda em Educação Inclusiva – Unesp – e-mail: r.grazzinoli@unesp.br

A temática da Educação Inclusiva sempre despertou meu interesse. Devido à chegada dos alunos com deficiência nas escolas (ingressei na rede municipal de ensino no fim dos anos 90), busquei aprendizagens mais específicas (daí o convite para trabalhar no Cae). O começo foi de muita busca e muitos estudos teóricos. Sigo assim ainda, buscando conhecimento, pesquisando, aprendendo.

É nesse contexto de necessidade constante de estudo que se dá minha chegada ao Grupegi. Confesso: fiquei ansiosa de solicitar esse espaço de escuta no grupo, mas fui tão bem recebida! Tardes de estudo que passavam rápido (parecia terapia). Em algumas sentia mesmo que aquela ida à UFJF era isso, um tempo de me ver, me desfazer de conceitos, desconstruir e retornar renovada.

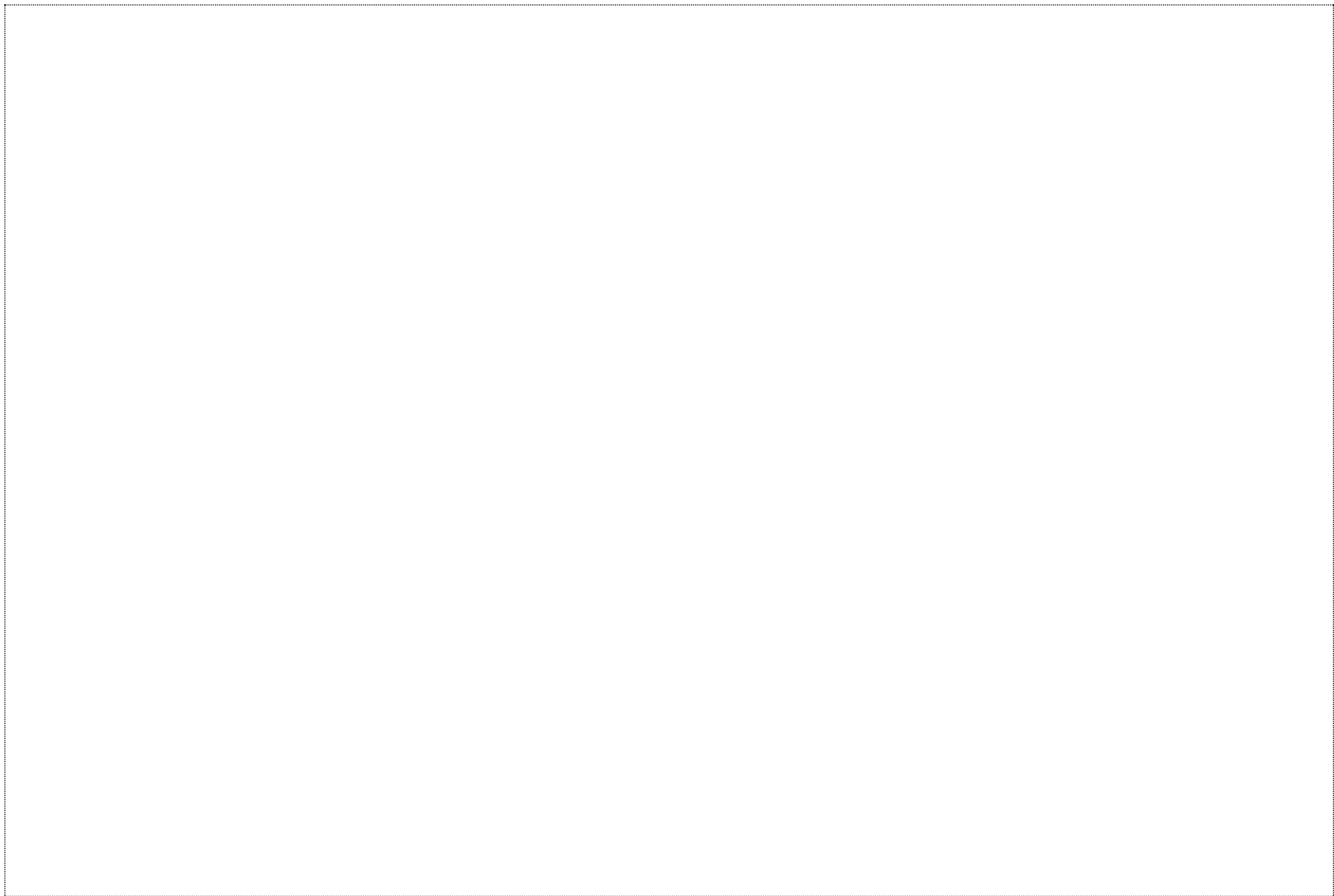
Foram, em maior parte, as discussões trazidas pelo grupo acerca da importância do olhar sobre as subjetividades das crianças que necessitam de atendimento especializado, e não de focar em laudos acerca da patologia que as levaram ao AEE, que me sensibilizaram para a chamada medicalização da infância.

Ao participarmos de encontros promovidos pelo Grupegi, fui me comprometendo a um olhar mais detido sobre essa busca que há na sociedade e, conseqüentemente, na escola, de normalizar, de olhar o sujeito na perspectiva do que falta. Isso faz com que crianças sejam reduzidas aos seus “sintomas” ou às suas dificuldades comportamentais.

Creio que mais grave nessa reflexão seja a identificação da criança com o rótulo pelo qual buscam escolas e famílias. Inserir nossas crianças em contextos clínicos pode resultar na fusão da identidade do sujeito ao seu diagnóstico. Percebo tais questões, que vem perpassando meus estudos: a influência dos espaços e das vivências neles contidos, a escola demarcando lugares e como as crianças têm se apropriado do discurso dos adultos. Já ouvi de um menino de 8 anos: “fiz isso porque não tomei meu remédio”.

Foi com base nessas percepções e buscando favorecer o diálogo reflexivo sobre o poder do parecer médico na educação, alicerçada nos saberes oportunizados pelo GRUPEGI, quando esse coletivo volta seu olhar para as particularidades da criança, sua historicidade e como a inclusão escolar pode lhe favorecer, propiciando seu desenvolvimento e permitindo com que seja ator efetivo de suas vivências que busquei o mestrado em Educação Inclusiva, na tentativa de saber e fazer algo para que as perspectivas

de olhar o aluno nas escolas sejam “influenciadas” por nós. Fica aqui minha gratidão por toda construção desse professor novo que há em mim e que deseja levar isso a tantos outros!



Colaboração do GRUPEGI na compreensão do eu criança

Regina Célia Frigério¹

Participar do GRUPEGI, pesquisando com crianças, permitiu-me dois movimentos distintos: o de olhar a vida das crianças que me rodeavam e o de enxergar a criança que um dia eu fui. O primeiro teve como resultado uma dissertação de mestrado. Nela mostrei como ser mãe da Júlia e observar sua relação com o espaço e com outras crianças modificaram os meus modos de ver a geografia. O segundo movimento, apresentado simplificada e nas próximas linhas, é uma reflexão de como o GRUPEGI me forneceu ferramentas para pensar os lugares por onde vivi a infância e compreender a pessoa que me tornei.

Não fui uma criança “mudante”, como aquelas da pesquisa do professor Jader Janer, contudo, transitei entre a casa da minha avó e o quintal da minha casa ... Os lugares de minha infância.

O quintal

A cerca que ficava no fundo, delimitava onde terminava o terreno de uma família e começava o da outra. Longe de crianças, que não podiam ficar no meio da conversa dos adultos, mãe e tia faziam daquele limite o lugar do encontro matinal das irmãs que eram vizinhas. Mas nos finais de semana um silêncio pairava, exceto se o grito surgisse...

__ Dadá, você vai na casa da mamãe? Loia está lá com as crianças!

¹ Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: reginafrigerio@id.uff.br

Eu sabia que se a resposta fosse sim, a alegria dos próximos dias estava garantida. Brincar com as primas era a melhor de todas as diversões naqueles tempos e a casa da vovó era o lugar onde isso acontecia.

O GRUPEGI me permitiu compreender que a memória tem o poder de nos aproximar não apenas do tempo histórico, mas também dos espaços vividos, onde as brincadeiras e os amigos eram os melhores motivos para a significação dos espaços. Afinal, os lugares são construídos pelas crianças a partir das brincadeiras e na mediação com seus pares, como mostraram as crianças sujeitos da minha pesquisa de mestrado.

Casa da vovó

Com as primas (filhas da tia Loia) e as crianças da vizinhança, novas brincadeiras como o pique-bandeira e o garrafão eram possíveis. Mas desventuras poderiam vir: amontoadas no mesmo galho de uma goiabeira, certa vez tivemos como lembrança joelhos ralados e cotovelos solapados.



A mangueira no meio do imenso terreiro criava duas situações: com vassoura de alecrim do mato fazíamos a varrição das folhas caídas e com bacia na mão recolhíamos os ovos do ninho da galinha que ficava na divisão entre seus dois galhos principais.

O GRUPEGI para é sinônimo de ruptura de cercas e amarras daquilo que eu não podia compreender.

Anos depois, fotografando a casa, eu não entendi porque o terreiro era menor do que parecia quando eu lá brincava. Naquele momento, como lampejo, resgatei o aprendido no grupo de estudo: tempo Aion é o tempo da intensidade, das brincadeiras. Ele permitia que os espaços fossem apreendidos como intensidade ... Por isso os lugares eram maiores! Se varrer o terreiro era algo que não gostávamos, era porque ocupava o tempo do brincar, que é a forma como acontecem as culturas infantis. Ali manifestávamos quem éramos... Nossa essência de ser criança! Nossa forma de existir no mundo!

Se uma cerca significava limite e separação entre adultos e crianças durante a semana, nos finais de semana era possibilidade de alçar novos voos... era sinônimo de encontro para a liberdade, pois permitiria chegar à casa da vovó e sair da solidão infantil.

Bons anos distanciam o “eu” de agora daquele “eu” menina das brincadeiras (hoje presente apenas nas fotografias da infância). Esse afastamento temporal, expresso nas feições modificadas e no peso de responsabilidades de adulto, não conseguiu aluir o experienciado e escondido no lugar da memória de infância.

Narrar o vivido naqueles lugares é dizer que mesmo o quintal da minha casa não existindo mais e o terreiro da casa da vovó sendo cortado para dar lugar à duplicação da BR 101, eles continuarão dentro de mim, constituindo o meu eu de hoje, pois se temos uma história, também temos uma geografia ... E isso o GRUPEGI me ensinou!

**A nossa casa é onde a gente está:
amorosidade espacial em um período de confinamento longe de casa**

Ricardo Lana Pinheiro¹

A nossa casa é onde a gente está. A nossa casa é em todo lugar (Arnaldo Antunes / Alice Ruiz /
Paulo Tatit / João Bandeira / Celeste Moreau Antunes / Edith Derdik / Sueli Galdino)

O trecho acima, da canção que ficou conhecida na voz de Arnaldo Antunes, é um bom resumo dos nossos últimos meses, nos quais se uniram experiências de parentalidade e de vivências em diferentes lugares, por residirmos no Rio de Janeiro e nossas famílias de origem serem do interior de São Paulo e de Minas Gerais. Andanças que se aprofundaram, em especial, desde o fim de 2019.

Explico: Maria, nossa filha mais nova, nasceu em dezembro de 2019, no interior de São Paulo, onde reside a avó materna; já estávamos, desde o fim de novembro, em sua casa, esperando o nascimento. Desde então, já ficávamos muito em casa devido à rotina com uma bebê pequena. Estávamos planejando nossa volta para o Rio quando teve início a pandemia de Covid-19 e o isolamento se tornou a norma e se acirrou, o que se desenrola desde março até agora, em novembro de 2020, quando redijo o texto. Ficamos na casa da avó materna até setembro, quando fomos para a casa dos avós paternos, no interior de Minas Gerais. Portanto, já é quase um ano de grande confinamento em, basicamente, dois espaços diferentes. Diferentes casas fora da nossa casa, nas quais temos que construir nossa dinâmica, mediar a construção da relação de nossas crianças com os espaços e as pessoas presentes ali.

¹ Membro do Grupegi. Psicoterapeuta. Pai do Heitor (3 anos) e da Maria Flor (10 meses). E-mail: ricardolanap@gmail.com.

Heitor e Maria Flor na janela da casa da avó



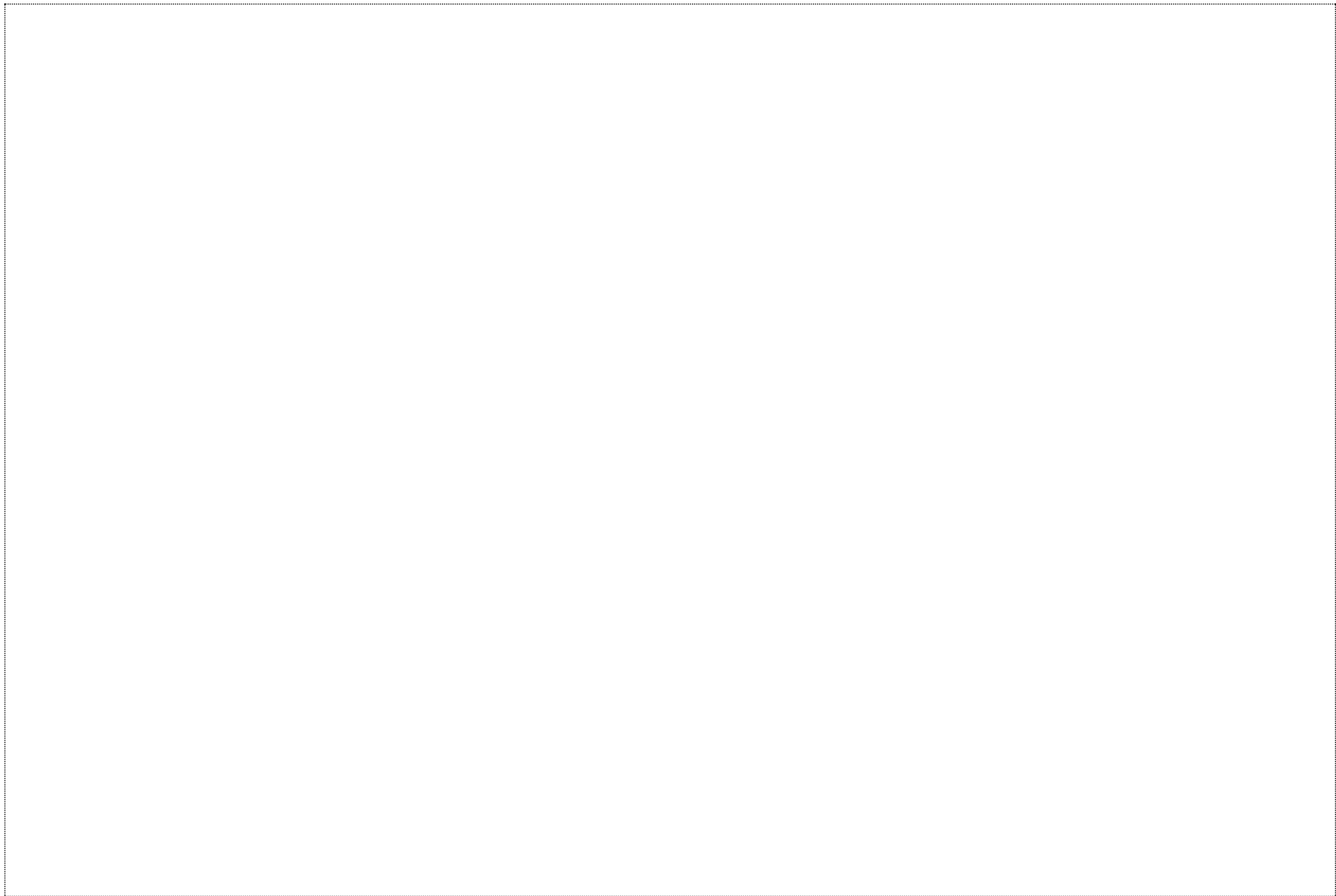
Acervo pessoal do autor

Pensar isso em termos de amorosidade espacial² tem ajudado bastante a pensar e viver esses tempos. Nas palavras do prof. Jader Janer, esta amorosidade consiste em doar esses espaços, que foram vivenciados por nós, adultos, para as crianças, reconhecendo também suas formas de vivenciá-los; então, a vivência espacial passa a ser convivência. Mediação realizada por nós. Vivência do espaço conosco.

Isso se reveste de importância, em nosso caso, pois as casas nas quais passamos a quarentena são as das nossas infâncias (da minha companheira e minhas), com seus cheiros, sabores, livros, fotos, brincadeiras, cenários... marcas físicas e emocionais que estão em nós, pai e mãe, e também nos avós, que as compartilhamos, de diferentes formas, explícita e implicitamente, com as crianças.

Aí volta a canção... como isso vem sendo vivenciado por nós, adultos, e pelas crianças? Se, para nós, o isolamento social já representa parte significativa de nossas histórias, imagina para as crianças (por exemplo, Heitor, com quase 4 anos, terá a maioria de suas primeiras memórias de longo prazo ligadas ao período de quarentena). Portanto, buscamos, a partir do olhar da amorosidade espacial, que raízes e espaços sejam construídos e reconstruídos, afetos e emoções surjam, se transformem, que as crianças se desenvolvam em terrenos seguros e, mesmo que variados, tenham sempre a sensação quentinha de casa. Que essa casa seja onde a gente está. Que a gente se sinta em casa...

² Termo apresentado a mim pelo Jader, que fez reflexões sobre o contexto da pandemia. O texto pode ser lido em: <http://ricardolana.com.br/criancas-e-vivencias-espaciais-em-tempos-de-confinamento-e-pandemia/>.



Entre Três Corações e Piranguinho: percursos que se entrelaçam

Rosimeyre Maria dos Santos Passaro¹

Os tempos sombrios em que vivemos exigem um retorno aos fundamentos de minha formação como pessoa e professora. Minha aprendizagem escolar aconteceu no meio rural, cercada de natureza, muitas crianças e espaços diversos. Guardo a lembrança de pessoas sábias como minha mãe, a primeira a falar da importância escola e dos estudos. As primeiras professoras ensinavam e cuidavam de crianças miúdas e adolescentes, que conviviam nas salas multisseriadas até a quarta série. Os demais anos de escolaridade aconteceram em escolas urbanas, o que me fez adaptar e sobreviver com uma infinidade de pessoas de comportamentos diferentes e um ritmo de estudo bem acelerado.

Alguns professores foram responsáveis, pelo que ensinaram e como ensinaram e por minha escolha profissional. Contribuíram para a continuidade dos estudos, para o interesse na pesquisa e, especificamente, na minha “professoralidade”. Com outros colegas de profissão, sigo compondo uma rede de estudo, ensino e pesquisa, fundamento para a prática política-pedagógica.

Foi nesse percurso que conheci o Professor Jader Janer Moreira Lopes, o geógrafo e pesquisador da Infância que possibilitou a mim e a outros colegas de profissão conhecer os trabalhos elaborados, construídos e organizados pelo GRUPEGI (Grupo de Pesquisa Geografia da Infância).

Por ocasião das linhas de pesquisa do curso de Mestrado em Educação, fui apresentada ao Professor Jader, que me ajudou a (des)construiu ideias e práticas, intensificar a observação e a escrita para compor o “diário de bordo”. Participar e pensar os

¹ Professora de História na Escola Cultural (Piranguinho/MG) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa “Leituras Inconvenientes”.
e-mail: rosyms.santos@gmail.com

espaços do mundo onde vivemos, convivemos e construímos foi um exercício desenvolvido no decorrer de suas aulas e na orientação de minha pesquisa no campo da História.

No decorrer da pesquisa e escrita da dissertação, como orientador, ele continuou apontando novos desafios, através dos seminários e dos encontros de educação na Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações/MG, e nos encontros que tivemos na Universidade Federal Fluminense/RJ. Foi um processo de estudo intenso com leituras, diálogos com autores, apresentação do tema de pesquisa, participação em rodas de conversas com professores de outros lugares, enfim atividades enriquecedoras que me ajudaram a “desembaraçar ideias” e, assim, avançar e atuar como professora em cursos de formação de professores, na educação infantil e no ensino fundamental, tarefas desafiadoras e libertadoras.

Entre o trabalho de construção de conhecimento e novas aprendizagens, eu e minhas colegas de profissão mantivemos o olhar atento às atividades do GRUPEGI (através dos Blog Geografia da Infância), aos artigos publicados, aos filmes indicados e aos livros que professor Jader escreveu junto com outros autores.

Nessa caminhada de formação, foi possível perceber como o espaço e o lugar ganharam novos significados nas palavras do professor, que trazia para as aulas Paulo Freire, Boaventura, Bakhtin, Milton Santos, Yi Fu Tuan e muitos outros autores. Assim cheguei até o I VERESK (evento organizado pela Universidade Federal Fluminense, que reuniu pesquisadores estrangeiros para discutir estudos sobre a teoria histórico-cultural), onde ouvi e conheci mais de perto o trabalho do educador Lev Semionovitch Vigotski através da educadora Elena Kravtsova e da Professora Zoia Prestes. Momento valioso para aprofundar nos estudos da teoria de Vigotski.

Com base nessa experiência de estudos e reflexão sobre a infância, convidei o professor Jader para participar dos minicursos que aconteciam na rede municipal de Educação no município de Piranguinho. O convite foi aceito e os trabalhos para pensar a infância tiveram início a partir de cursos, palestras e leituras. Assim (re)descobrimos o valor desta etapa de vida, repleta de desafios e encantamentos.

A formação contínua que acontecia na Rede Municipal de Educação daquele município tinha como fundamento as pesquisas realizadas por muitos professores e estudantes de pós-graduação não conhecidos por nós, mas que fizeram a diferença na formação dos educadores locais.

Indicações feitas pelo professor Jader propiciaram a presença nos Encontros de Educação e Filosofia e nos cursos de formação em Piranguinho de importantes professoras e professores, como Ana Lúcia Lopes, Tânia de Vasconcelos, Cassiano Caon Amorim e Reinaldo José de Lima. Tivemos também o prazer de conhecer o saudoso filósofo e professor Thiago Adão Lara, que nos proporcionou boas reflexões durante um Encontro de Educação para o Pensar. Dialogamos com as Professoras Célia Linhares e Léa da Cruz em momentos diferentes.

I VERESK – UFF 2013. Com o prof. Jader



Acervo pessoal da autora

Foi um percurso de conhecimento intenso e inovador para nós, educadoras e educadores de uma pequena cidade, que sentíamos isolados dos grandes centros acadêmicos. O professor Jader sempre apontou caminhos para que essa relação se torne mais estreita.

Nesse contexto de aprender, atuar e transformar, ajudei a criar o grupo de estudo e pesquisa, “Leituras Inconvenientes”, orientei trabalhos de pesquisas de alunas e alunos do curso de formação de professores, participei da organização de exposições de temas ligados a área de História e Educação, colaborei na organização e coordenei um curso de especialização de História e Cultura na Contemporaneidade (em parceria com a PUC Minas) e organizei seu livro temático, participei do registro dos livros sobre a história de Piranguinho e atuei como coordenadora na Rede Municipal de Educação do município.

Se a função de professor é provocar no outro a abertura para a aprendizagem e direcionar caminhos, posso afirmar que a equipe do GRUPEGI, sob a direção do professor Jader, nos ajudou no processo de formação contínua. Muitos do grupo não nos conhecem, mas seu trabalho sempre chegou até nós. Neste momento de crise, porém, urge reforçar os fundamentos, revivificar a militância por uma educação libertadora, capaz de reconhecer a existência da infância como etapa de vida plena em si mesma apesar da incompletude do humano.

A casa que mora em mim

Sara Rodrigues Vieira de Paula¹

As palavras que escrevo aqui são minhas porque as elejo e as assumo, por elas tenho zelo e por elas me responsabilizo. São parte de mim, do que sou e de como vivo nesse mundo. Mas, em igual medida, são de vários outros, que também as escolhem e delas cuidam, as carregam para outros lugares e fazem com que sejam partilhadas. Esse texto, que não deve ter referências ao seu final, está banhado por elas. Carrego as em mim, estão no meu movimento, se espraiam pelo que escrevo. Como parte da minha filiação ao GRUPEGI, é através das referências dos nossos autores, dos nossos amigos, dos nossos amigos autores que escrevo o mundo. Assumimos que vivemos em um mundo de linguagem, e isso origina e transforma constantemente a nossa existência. Ser parte desse coletivo significa que minha vida também se origina nessa participação. A professora e pesquisadora que me torno a cada dia é forjada nas palavras desse grande outro que é nosso grupo, que só existe por causa dos vários outros que a ele dão forma e vida, que o fazem respirar. Nosso grupo é permeável e dinâmico, mas tem sua constituição baseada na crença partilhada de que não existe vida humana fora do espaço geográfico. Escolhemos coletivamente considerar que a vida humana é criada junto com o espaço. Pesquisamos as várias formas possíveis da espacialização da vida: a autoria da própria existência. Respeitamos a totalidade da vida de todos, de qualquer idade, raça, gênero e classe. De qualquer tempo ou lugar.

Defendemos que o espaço é uma dimensão fundamental e imprescindível da existência humana. E nos voltamos com mais interesse para a Geografia da Infância, argumentando que as crianças devem ter respeitadas suas autorias e lógicas espaciais. Acreditamos profundamente que as crianças são sujeitos que devem ser ouvidos e considerados, que suas existências são tão

¹ e-mail: saravpaula@gmail.com.

legítimas como todas as outras. Para nós, não é possível pesquisar com as crianças sem levar em consideração suas vivências espaciais, pois a vida só é possível com o espaço. A vida parte do espaço e para ele se volta, na unidade nossa com o meio.

Para compor este texto, escolho escrever brevemente sobre a geografia da minha infância, sobre a espacialização da minha vida quando criança. Do lugar central que minha casa ocupou naquele período. E que ainda ocupa, pois como disse Mia Couto: “seguimos chamando ‘nossa casa’ a nossa casa de infância ainda que não vivamos mais nela. Confirmamos assim que o importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora”.

Minha casa ficava na cidade de Santos Dumont, interior de Minas Gerais. Gostava tanto daquela casa e de nela ficar que os outros espaços me pareciam meio desinteressantes. Ela foi o lugar central da minha infância, onde estava a minha cartografia. Lá eu tinha minha mãe, meu pai e meus pares: minhas irmãs, meus vizinhos, meu primo – que também era meu vizinho –, tinha meu cachorro. Isso me bastava, esse mundo era suficiente para preencher e significar meu dia. Nesse espaço, brincávamos muito e brigávamos sempre. Além disso, tínhamos muito medo de alguns seres que rondavam nossa residência, sejam humanos ou criações das histórias contadas por Dona Maria – esses últimos tão reais para nós quanto os outros. Não era só luz, essa parte sombria também perpassou minha infância, como perpassa a existência como um todo. Mas, para mim, a minha casa era o lugar de saída e chegada. Era dela que eu queria partir para enfrentar e desfrutar o mundo e era para ela que eu queria voltar quando tivesse vontade.

A casa que mora em mim



Acervo pessoal da autora.

Escrevendo este pequeno texto, me lembro do filme *As praias de Agnès*, em que a diretora Agnès Varda, para contar sobre a sua vida, recria os lugares em que viveu e, num certo momento, nos diz: “Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens”. Em mim, a minha casa seria a paisagem maior e mais bonita que encontrariam. O lugar preferido da minha coleção. O lugar que eu sou e que me é, pois como nos ensinou o menino que colecionava lugares e criou um grupo de pesquisa para pensar sobre eles, “Se lugar é gente... gente é lugar!”.

Meu encontro com a pesquisa: dialogando com a teoria histórico-cultural

Sebastião Gomes de Almeida Júnior¹

A imagem em painel que se associa a este texto diz muito de meu encontro com a pesquisa. Foi investigando espaços-tempos vividos por adolescentes em narrativas cartográficas sobre seus movimentos e relações de mundo que pude estabelecer um diálogo para compreender como as novas gerações vêm se constituindo no ambiente comunicacional contemporâneo. Nesse traçado espacial, complementados por falas sobre suas vidas nas tecnologias digitais, que não se descolam de seus processos de ser/estar no mundo, foi possível traçar pistas de como se desenvolvem nesse contexto.

Ao me referir acerca desse percurso de pesquisa com mapas vivenciais e na oportunidade de somar nesse coletivo de textos de encontros formativos, é de fundamental importância ressaltar os estudos do GRUPEGI, liderado pelo professor e pesquisador Jader Janer. Se no decorrer da vida pessoal e de trabalho em educação tecemos relações, vivenciando processos num mundo de linguagem, nos constituindo no outro, ao conviver com o pensamento crítico de bons interlocutores, em encontros potentes, podemos vislumbrar situações que nos possibilitam olhares alteritários para o mundo. Recordo de meus primeiros processos vividos nos anos 90 em equipes de estudos sobre currículo na rede municipal de Juiz de Fora, como representante dos professores de arte em debates sobre a interdisciplinaridade e práticas no contexto escolar, nos quais vivi aprendizados e trocas. Nessa oportunidade conheci esse brilhante professor de Geografia que tratava de conceitos fundamentais desse campo de conhecimento dialogando com demais áreas e segmentos escolares. Nesse convívio surgiu uma grande amizade, a qual homenageio, ressaltando

¹ Secretaria de Educação de Juiz de Fora (SEJF); tito-jnr@hotmail.com

a importância dessa rede de pesquisadores num coletivo que avança nos estudos sobre infâncias, saberes espaciais/geográficos e suas contribuições para as ciências humanas.

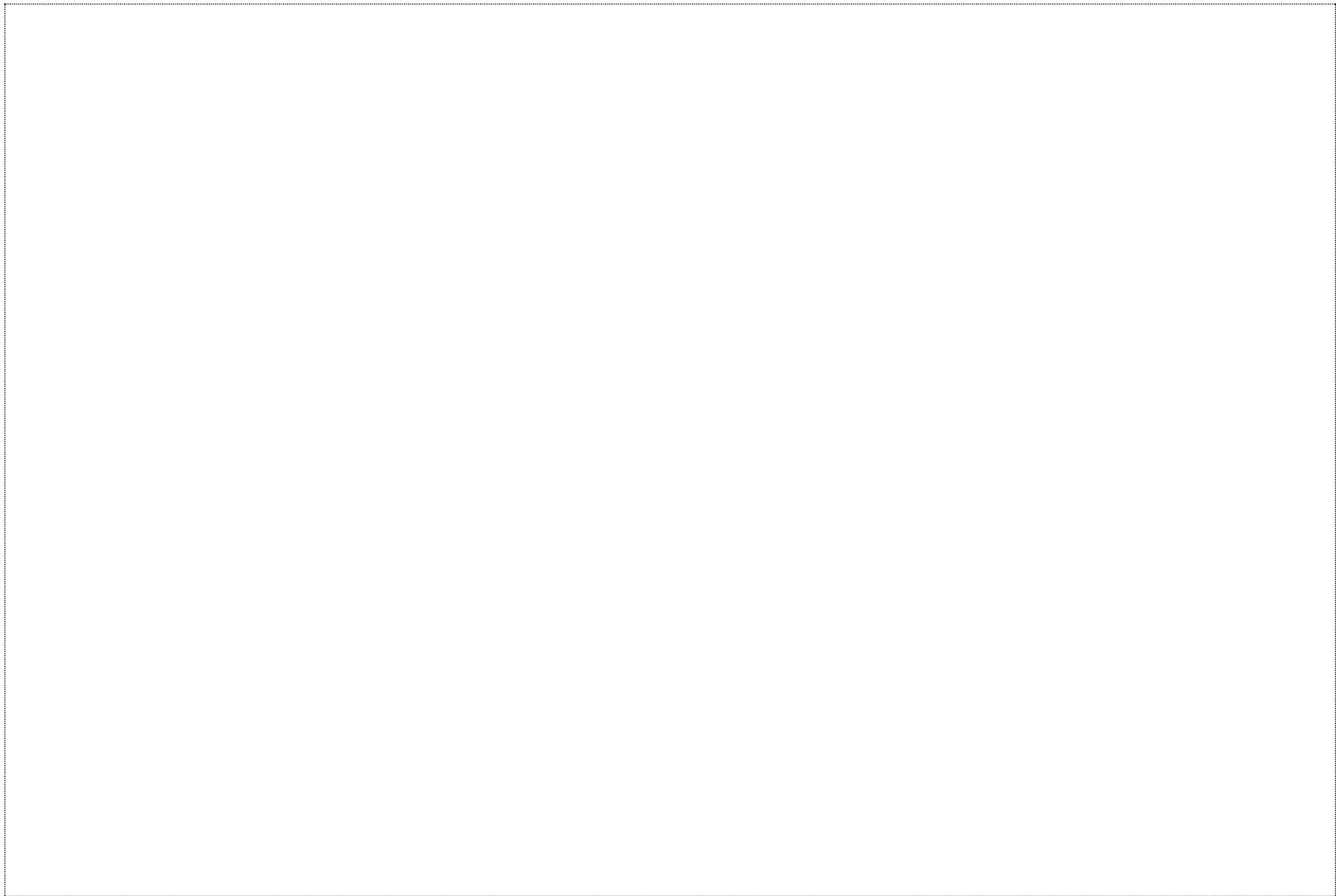


Dados de pesquisa do autor

Estabelecer um diálogo com as novas gerações no mundo tecnológico sempre foi um grande desafio em minhas intenções na pesquisa em cibercultura. Para além de ser um tema emergente nos debates sobre fenômenos do nosso tempo, foi fundamental

aprofundar meus estudos do desenvolvimento humano contando quadro teórico de referência que compreendesse os sujeitos em sua dimensão social, cultural e histórica. Foi na aproximação com o GRUPEGI e os estudos da Geografia da Infância que preciosas contribuições se fizeram em reflexões e adensamento investigativo.

Em anos mais recentes, tive a oportunidade de enveredar pelos estudos do doutorado no PPGE-UFJF envolvendo diversas atividades acadêmicas. Por meio do GRUPEGI, participei de eventos e disciplinas oferecidas, em contato com outros pesquisadores colaboradores desse campo de debate teórico, em especial sobre o conceito de vivência (*pereživanie*) de Vigotski e na filosofia da linguagem de Bakhtin. Esse diálogo com a teoria histórico-cultural já vinha fundamentando meus estudos desde o mestrado em comunicação e trouxe a perspectiva de conceber o mundo tecnológico de instrumentos e signos culturais com as novas gerações por eles mesmos. O aprofundamento investigativo que busca compreender as particularidades constitutivas das vivências na cultura digital pela escuta sujeitos que trago em minha tese se deve muito aos debates promovidos por esse grupo caloroso, receptivo e de gratas parcerias nesse percurso.



Consciência geográfica e percurso doutoral

Silvia Helena Valentim¹

Minha história com o GRUPEGI começou em 2012, quando solicitei ao professor Jader Janer Moreira Lopes que orientasse meu trabalho de tese em cotutela com uma universidade francesa. Esse pedido foi feito por meio de uma indicação da professora Angela Borba, da UFF, e também dos conselhos de meu orientador francês, Gilles Monceau.

Após a aceitação do convite pelo professor Jader, começamos um trabalho de estruturação do projeto entre duas universidades: Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade de Cergy Pontoise (UCP), na França. Esse projeto foi a primeira cotutela entre as duas faculdades de educação. Esse longo processo reuniu essas duas entidades e teve como um dos resultados a colaboração entre dois grupos de pesquisa em educação: O GRUPEGI e o Laboratório EMA (Educação, Mutações e Aprendizagens).

Primeira colaboração científica

Em 2012, tive a oportunidade de apresentar os trabalhos do GRUPEGI num encontro organizado na EHESS (École des Hautes Études en Sciences Sociales), em Paris. O dia de estudo chamado “À quelle discipline appartiennent les enfants?” (A qual disciplina pertencem as crianças?) reuniu vários professores e pesquisadores do setor. Minha apresentação aconteceu numa mesa

¹ Diretora de estudos no CRFPE, Centro de Formação de Profissionais da Infância, em Lille, na França. Professora na graduação e pos-graduação nos departamentos de educação e sociologia na Universidade de Lille. silviavalentim@crfpe.fr.

presidida por Zusanne Lallement. Sentadas à minha frente estavam Julie Delalande e Regina Sirota. Para a jovem doutoranda que era, esses nomes eram apenas citados nos meus textos. De repente, eles se transformaram em pessoas, rostos, olhares, que iriam me questionar sobre a relevância da Geografia da Infância, no contexto de estudos sobre crianças, que eu ainda estava descobrindo. A carga emocional foi grande e a experiência extremamente significativa.

Primeiro encontro acadêmico no Brasil

Nos invernos de 2013 e de 2014, encontrei outros membros do GRUPEGI. O Veresk (I VERESK Simpósio Brasileiro-Russo-Germânico: Teoria histórico-cultural: história e atualidade) foi o primeiro evento a que assisti na UFF. Foram quatro dias de descobertas, de encontros culturais ricos em aprendizagens e vivências vigotskianas. Porém, para mim, foi a criação de um primeiro contato físico e afetivo, numa universidade pública brasileira. No espaço geográfico onde nasci, o “Vale do Paraíba”, as universidades públicas em ciências sociais e em educação eram raras ou inexistentes. Cresci ouvindo na escola que universidade pública não era lugar para quem vinha da escola pública. Um absurdo que participou, sem dúvidas, analiso hoje, para minha saída do Brasil.

A partir daí, minha relação com a Geografia da Infância foi se desenvolvendo e se construindo. Comecei a perceber em mim o que textos lidos e traduzidos queriam dizer...

As colaborações acadêmicas foram se multiplicando e, em 2014, a qualificação acentuou a importância de meu percurso, de dupla identidade e postura profissional, assim que e a influência dessa realidade em minha pesquisa de doutorado.

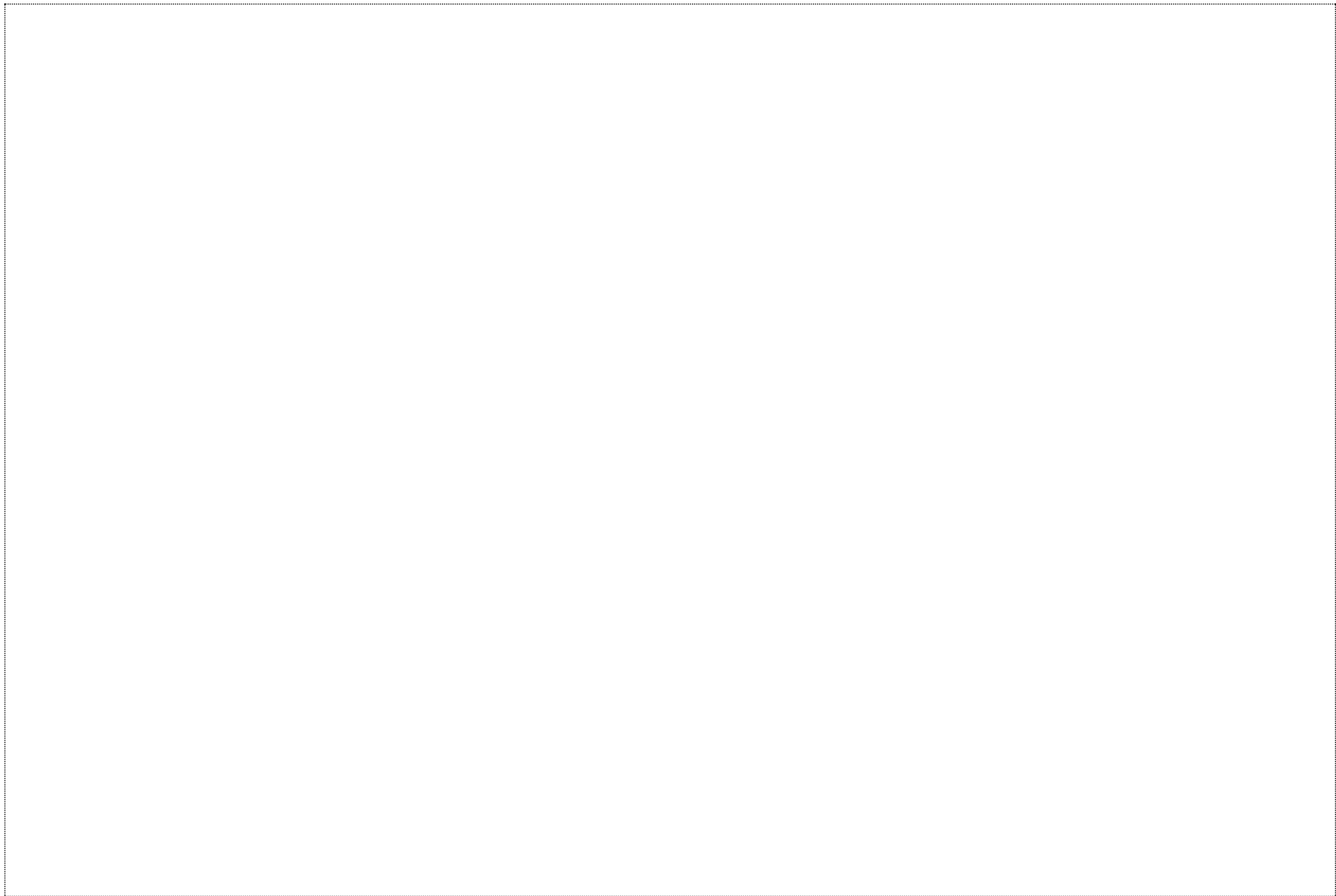
Minha geografia

Eu nasci em São José dos Campos, no Estado de São Paulo, e moro na França desde 1996. A pesquisa de doutorado realizada entre 2011 e 2016 e os encontros que essa proporcionou aumentaram minha geografia, permitindo conhecer cada vez mais meu país de origem e sobretudo a mim mesma.

Encontros com professores, estudantes, profissionais, criaram laços fraternos que estão mantidos até hoje. *Colecionei muitos lugares* ©: no Rio de Janeiro, em Niterói, em Itaboraí (São José), em São Gonçalo (UERJ), em Marica (Creche), Três Rios, e em Juiz de Fora, onde fui recebida várias vezes.

Foram casas de pessoas amigas: algumas faziam parte de minha pesquisa. Foram escolas visitadas, universidades, palestras, congressos, semanas da educação. Toda essa vivência contribuiu ao desenvolvimento de minha pesquisa e, ao mesmo tempo, de um conhecimento de esferas invisíveis que o trabalho de pesquisa aborda.

O meu vínculo com o Grupegi continua sendo tecido à distância, com colaborações acadêmicas que dão continuidade a trocas. Atualmente, a nossa relação me ajuda a pensar na influência do espaço social, cada vez mais padronizado na educação infantil.



E quem geografa a educação?

Victor Loback¹

Não seria surpreendente que, para boa parte das pessoas, a Geografia signifique o seu conteúdo escolar. Embora a relação não esteja incorreta, ela é incompleta. Por outro lado, a relação entre Geografia e Educação encontra pouco espaço nos debates acadêmicos. Apesar de interdisciplinares desde as suas origens, um vínculo mais profícuo entre ambas ainda é escasso. Quando aliadas, percebemos densidade sobretudo nos debates sobre ensino de Geografia e Geografia da Infância, com profundas contribuições do Professor Jader Lopes e do GRUPEGI.

Ao buscarmos pesquisas que têm a espacialização das (e nas) escolas ou da Educação de modo amplo como tema de pesquisa, poucas são as obras já produzidas no país. Ao contrário da História, da Filosofia e da Sociologia, ainda não há uma tradição teórica consolidada da Geografia da Educação. Em pesquisa recente, pude constatar que existem apenas três geógrafos de formação nos quatro Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades federais no estado do Rio de Janeiro, compondo 2% do corpo docente. Evidentemente, há Programas de Geografia abertos aos debates sobre a Educação, mas geralmente privilegiam discussões sobre o ensino.

Felizmente, esta situação vem sendo transformada e as temáticas da Geografia da Educação cada vez despertam mais interesse de pesquisa, em grande parte influenciada pela literatura britânica. Ressalto ainda a existência de raciocínios geográficos – e evidentes impactos espaciais – embutidos em diversos planos educacionais no Brasil, reforçando o que nos disse Edward Soja,

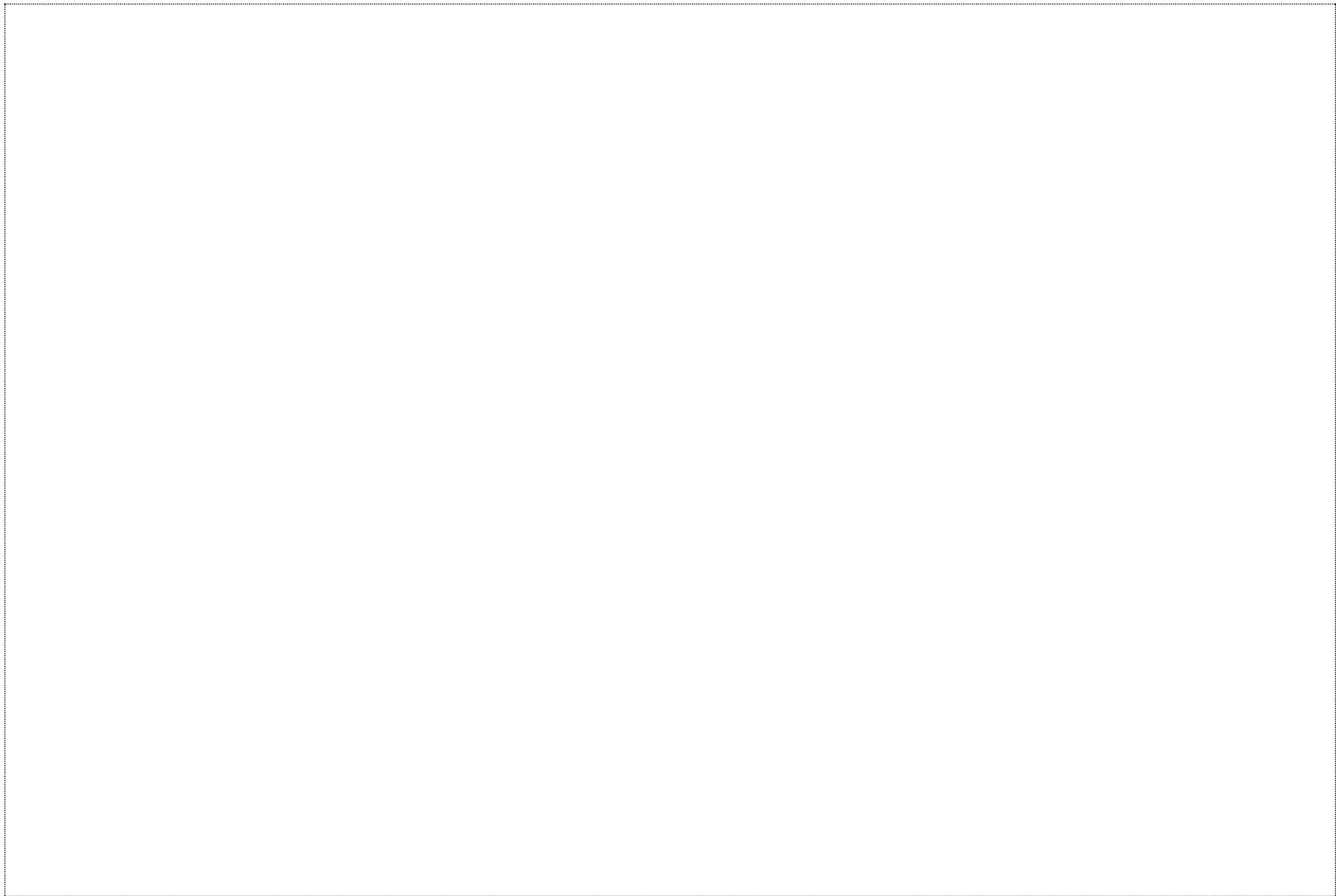
¹ Doutorando em Educação (UFF), com orientação do Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes; professor de Geografia na SME/RJ. E-mail: victorloback@gmail.com

de que não é preciso saber Geografia para fazê-la. Resta aos geógrafos analisá-los. Neste contexto, com a satisfação de compor o GRUPEGI e ser orientado pelo Professor Jader Lopes, se insere minha atual pesquisa de doutorado, realizando uma análise espacial dos CIEPs (Centro Integrado de Educação Pública) fluminenses, originalmente construídos na década de 1980, pelo governo de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro. A pesquisa objetiva compreender os impactos dos CIEPs em sua relação com o espaço vivido, pesquisando com professores de uma das unidades.

Além de apenas escolas para alguns estudantes, os CIEPs fazem parte da paisagem dos moradores de todo o estado do Rio de Janeiro, que viram quinhentas unidades projetadas por Oscar Niemeyer serem erguidas em quatro anos. Com proposta arrojada – educação em tempo integral, biblioteca, refeições, esportes, animação cultural, atendimento médico e odontológico e residência para crianças em condições precárias de moradia – os CIEPs até hoje mobilizam políticas públicas e propostas eleitorais, sendo símbolos, ora de esperança, ora de abandono pelo poder público. Em seu maior clássico, Célestin Freinet afirmou que escolas raramente estão na vanguarda da transformação social. Não me parece exagerado afirmar que o projeto dos CIEPs tentava refutar esta tese, ou, ao menos, ser o símbolo da mudança em tempos de redemocratização, após a ditadura militar.



Para mim, além do projeto político, das inúmeras unidades e seu simbolismo de democratização pela educação, é o espaço de afetos e conflitos, onde fui professor de Geografia por sete anos (foto). Neste sentido, a pesquisa se constrói sobre memórias espaciais, encontrando no GRUPEGI terreno fértil de discussão teórica. Ao contrário da maior parte dos meus colegas, minha pesquisa não estuda a infância de forma direta, mas nem por isso deixou de ser abraçada e valorizada. A pluralidade de vozes sociais, acolhidas generosamente, é o que caracteriza o nosso grupo de pesquisa, tornando-o vivo, dinâmico e em constante movimento nestes dez anos, com o qual tenho orgulho de aprender.



Sem título

Zoia Prestes¹

Memórias, vivências,
Tempos, espaços,
Históricos, geográficos,
Socialmente determinados.
Infância, crianças,
Brincadeiras, alegrias...
Tristezas e dramas
Da alma humana.

Desenvolvimento...
Emergência do novo,
Nos alerta e
Faz sonhar.
Em tempo de pandemia
Em solo fascista,
Atenção redobrada
Para lutar.

Proteger as crianças
Seus tempos e espaços
Para que o futuro

¹ E-mail: zoiaprestes@yahoo.com.br.

Possa brotar.
Vivenciar o meio
Dimensão da vida,
Formar coragem,
Humanizar.

Sigamos o caminho
Com passos firmes
A trilha se faz ao andar,
E nosso horizonte
De liberdade e justiça
Ninguém poderá desfocar.

Por Zoia Prestes, em homenagem aos 10 anos do GRUPEGI